

**IMPACTO E RECEPTIVIDADE
DO PROGRAMA CULTURA 2000 EM PORTUGAL**

- RELATÓRIO FINAL -

OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

FEVEREIRO 2002

**IMPACTO E RECEPTIVIDADE
DO PROGRAMA CULTURA 2000 EM PORTUGAL**

- RELATÓRIO FINAL -

VANDA LOURENÇO

Com a colaboração de:
SARA DUARTE

OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS

ÍNDICE

Apresentação.....	4
1. Metodologia	6
1.1 Limitações da informação disponível.....	7
2. O Programa Cultura 2000.....	10
2.1 Enquadramento.....	10
2.2 Países participantes e caracterização genérica das candidaturas.....	12
3. Organismos portugueses participantes e não participantes.....	21
3.1 Tipologia de participação dos organismos candidatos.....	22
3.2 Caracterização das candidaturas portuguesas.....	24
4. Comportamentos e dificuldades associados à participação no Programa.....	28
4.1 O conhecimento e contacto com o ‘Cultura 2000’.....	28
4.1.1 O Ponto de Contacto Cultural (PCC).....	28
4.1.2 O acesso ao Cultura 2000.....	32
4.2 As motivações e razões de (não) candidatura.....	35
4.3 A formalização da candidatura.....	38
4.4 Razões apontadas para a fraca participação portuguesa no <i>Cultura 2000</i>	42
5. Considerações finais / Sugestões e recomendações.....	47
ANEXOS.....	50

APRESENTAÇÃO

O presente Relatório corresponde ao trabalho realizado pelo Observatório das Actividades Culturais (OAC) no quadro de um protocolo com o Gabinete de Relações Internacionais (GRI), tendo como objectivo diagnosticar o impacto e receptividade do Programa *Cultura 2000* em Portugal.

Como se sabe, o *Cultura 2000* é um programa de financiamento da União Europeia especificamente destinado às artes e cultura. Foi adoptado a 14 de Fevereiro de 2000 pelo Parlamento e Conselho Europeu para um período de cinco anos, a partir de 1 de Janeiro de 2000. Tem como objectivos genéricos a 'valorização de um espaço cultural comum aos povos da Europa', promovendo a 'cooperação entre criadores, agentes culturais, promotores públicos e privados' e dinamizando 'as actividades das redes culturais, das instituições culturais dos Estados-Membros e de outros Estados participantes'¹.

De um modo geral, a participação de Portugal neste Programa tem-se caracterizado por ser diminuta, nomeadamente no que respeita à apresentação de candidaturas lideradas ou de iniciativa portuguesa. Nesse sentido a realização do estudo em causa tem como preocupação central identificar factores explicativos para a reduzida presença de agentes culturais portugueses no Programa.

A primeira fase do trabalho consistiu no levantamento e caracterização dos organismos que se têm candidatado àquele Programa – agentes culturais do sector público e privado situados em diferentes domínios de actividade e localizados em vários pontos do país. Procedeu-se igualmente à selecção e caracterização de entidades que nunca recorreram ao Programa, com o intuito de averiguar as razões que os levam a não participar. A segunda fase do trabalho concentrou-se no apuramento de factores explicativos que possam contribuir para o comportamento e resultados acima descritos.

A informação reunida neste Relatório resulta fundamentalmente de três fontes: dados institucionais fornecidos pela Comissão Europeia; resultados do inquérito aplicado pelo OAC junto de entidades participantes e não participantes no Programa; entrevistas semi-directivas realizadas pelo mesmo OAC junto de alguns representantes destas entidades.

¹Decisão nº508/2000/CE do Parlamento Europeu e do Conselho de 14 de Fevereiro de 2000 que cria o programa «Cultura» 2000, Artigo 1.º, Jornal Oficial das Comunidades de 10.03.2000.

Os resultados apurados através do inquérito por questionário no relatório preliminar não apresentam agora alterações significativas, mantendo-se as principais tendências então encontradas. Este Relatório corrobora em boa medida as primeiras conclusões alcançadas e acrescenta-lhe a exploração da informação proveniente das entrevistas realizadas que permite agora apresentar novas dimensões de análise.

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro destaca alguns aspectos da metodologia utilizada na recolha da informação. O segundo tem como objectivo caracterizar, de forma descritiva e de acordo com alguns dos parâmetros processuais do Programa, a participação dos diferentes países nos três anos de vigência do *Cultura 2000*, privilegiando, obviamente, a participação portuguesa. A definição do perfil dos organismos inquiridos e a caracterização das candidaturas apresentadas ou com participação portuguesa são alvo do terceiro capítulo. Segue-se-lhe a análise dos comportamentos e dificuldades associados à participação no Programa, abordando as opiniões emitidas pelos organismos inquiridos no que respeita à sua participação ou não participação no *Cultura 2000*. Este quarto capítulo desenvolve-se segundo quatro linhas de análise: 1) conhecimento e contacto com o Programa; 2) motivações/razões de (não) candidatura; 3) formalização da candidatura; 4) razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa *Cultura 2000*. Esta análise assenta no tratamento dos dados com origem no inquérito por questionário assim como da informação reunida através de entrevistas.

Por último são apresentadas, no quinto capítulo, algumas conclusões gerais retiradas do diagnóstico realizado e é avançado um quadro síntese onde se identificam limitações associadas à aplicação do Programa em Portugal e se apresentam algumas recomendações que poderão contribuir para alargar a presença de agentes culturais portugueses no Programa *Cultura 2000*.

1. METODOLOGIA

A metodologia adoptada no estudo segue três estratégias específicas de recolha de informação: consulta de fontes documentais e sistematização de informação com vista à caracterização geral do Programa e à caracterização da participação portuguesa; inquérito por questionário aos organismos participantes e não participantes no Programa; entrevistas semi-directivas a um conjunto desses mesmos organismos.

A consulta de fontes documentais, particularmente as fornecidas pela Comissão Europeia, pelo Gabinete de Relações Internacionais (GRI) e pelo Ponto de Contacto Cultural (PCC)², permitiu criar duas bases de dados: a primeira respeitante às candidaturas portuguesas; a segunda relativa aos países participantes.

A base de dados das candidaturas portuguesas fornece elementos de caracterização associados ao Programa³. A sistematização desta informação, além de permitir caracterizar a participação portuguesa entre 2000 e 2002, possibilitou ainda definir os organismos a que foi aplicado o inquérito. A segunda base de dados teve como objectivo caracterizar, em termos globais, as candidaturas dos países participantes⁴.

Para identificação dos organismos não participantes no Programa, foi criada uma tabela de contactos de agentes culturais portugueses a partir de uma listagem fornecida pelo PCC. Dessa listagem constam as entidades que recebem com regularidade informação do Programa *Cultura 2000*, nomeadamente, o convite à apresentação de candidaturas. A selecção dos organismos não participantes resultou do cotejo entre aquela listagem e a base de dados de candidaturas portuguesas. Foram assim apurados os organismos que, embora tendo conhecimento da existência do Programa, nunca apresentaram candidaturas.

A segunda estratégia de recolha de informação consistiu na aplicação de um inquérito a organismos candidatos e não candidatos ao Programa, o que na prática resultou na criação de dois questionários distintos⁵. Foi aplicado o inquérito a todas as entidades identificadas na base de dados de candidaturas portuguesas, independentemente da modalidade de participação ou resultado da avaliação da candidatura. A selecção dos organismos não candidatos teve como fonte a listagem de contactos criada a partir da informação fornecida pelo Ponto de Contacto Cultural.

² Estrutura que tem como função principal a promoção e divulgação do Programa em Portugal.

³ Da base de dados de candidaturas portuguesas constam dados relativos a: nome do projecto candidato, nome do organismo, ano de candidatura, modalidades de participação, resultado da avaliação das candidaturas, área artística, tipo de acção onde se inscreveram, países que estabeleceram parcerias com Portugal, contacto do organismo e nome do seu responsável

⁴ Da base de dados dos países participantes constam dados relativos a: ano de candidatura; modalidade de participação; resultado da candidatura; área cultural e tipo de acção onde se inscreveram as candidaturas.

No total, foram enviados 299 questionários – 129 a organismos não candidatos e 170 a organismos candidatos. A maioria foi enviada nas duas primeiras semanas de Setembro por correio tradicional juntamente com um envelope RSF⁶. Foram apuradas respostas de 124 organismos inquiridos, 69 de candidatos (correspondendo a 40,6% das respostas esperadas) e 55 de não candidatos (correspondendo a 42,6% das respostas esperadas).

Por último, a terceira estratégia de recolha de informação consistiu na realização de entrevistas semi-directivas, junto de responsáveis por organismos que se disponibilizaram para o efeito mediante solicitação integrada no final dos questionários. Foram realizadas 27 entrevistas – 15 a responsáveis por organismos candidatos e 12 a responsáveis por organismos não candidatos. Para ambos os tipos de interlocutores procurou-se abranger entidades de diferentes áreas e domínios de actividade, muito embora com destaque para os organismos com actividade artística/cultural.

No que respeita às entrevistas a responsáveis ou representantes de organismos candidatos, procurou-se abordar questões relacionadas com o processo de candidatura; com as opiniões sobre o Programa e com a identificação de aspectos que expliquem a escassa participação portuguesa no *Cultura 2000*. As entrevistas a organismos não candidatos concentraram-se no apuramento das razões apresentadas para a não participação.

O tratamento destas entrevistas consistiu na criação de grelhas de análise com a identificação de eixos analíticos que melhor identificam as problemáticas levantadas em torno do Programa.

1.1 Limitações da informação disponível

É importante sublinhar as limitações que estiveram subjacentes à realização do estudo, em boa parte resultantes das lacunas da informação disponível. Estas limitações levantaram dificuldades quer na sistematização de dados, quer na aplicação do inquérito.

⁵ Ver questionários em Anexo 1

⁶Do total de questionários dirigidos a organismos candidatos, 60 foram enviados somente nos últimos dias de Setembro. Dirigiram-se a organismos que participaram no Programa na modalidade de co-organizadores em projectos não seleccionados, informação que até à data do envio dos primeiros questionários, ainda não tinha sido disponibilizada pela Comissão Europeia.

Na sistematização de dados:

- No que respeita às candidaturas recusadas não são identificados elementos tais como o nome do projecto ou dos organismos participantes, o que, à partida, limitaria os objectivos do estudo, particularmente no levantamento e identificação das entidades portuguesas. Foi solicitada esta informação à Comissão Europeia, que enviou uma lista com a indicação do nome de organismos portugueses Organizadores e Co-organizadores com candidaturas recusadas. No entanto, para o conjunto de entidades Co-organizadoras foi dada a indicação de não ser uma lista exaustiva.
- Também no que respeita aos organismos que participam na modalidade de Parceiros a informação é escassa. Os dados disponíveis são só relativos a projectos seleccionados, embora a informação para o ano 2000 não esteja disponível mesmo para estes casos.

Na aplicação do inquérito:

- Foi recorrente o desconhecimento, por parte de alguns dos responsáveis inquiridos, da participação do organismo que representam no *Cultura 2000*. Este desconhecimento deve-se, por um lado, à substituição de responsáveis que acompanharam o processo de candidaturas e, por outro, a participações já recuadas no tempo e que foram recusadas ou estavam inscritas nas modalidades de Parceiros ou Co-organizadores - modalidades que requerem menor envolvimento destes organismos no processo de candidatura.
- Outra dificuldade tem a ver com equívocos dos candidatos quanto à terminologia utilizada no Programa para definir a modalidade de participação. Muitos organismos assumem a sua participação como Parceiros tendo sido de facto Co-organizadores.

Algumas destas dificuldades puderam ser contornadas no decorrer do presente estudo, na maioria dos casos prestando esclarecimentos aos responsáveis pelos organismos através da identificação do nome dos projectos, dos seus Organizadores e ano de candidatura. Outras porém, não foram ultrapassadas, nomeadamente por ausência de informação mais detalhada sobre os projectos em causa.

As limitações evidenciadas na informação de partida reflectiram-se no número de respostas obtidas a partir da aplicação do inquérito. Recorde-se que a informação disponível, respeitante ao conjunto de entidades que participaram no Programa, apresenta lacunas, sobretudo no que toca às que participaram na modalidade de Co-organizadores e Parceiros em

projectos não apoiados. Este facto não permite delimitar com precisão o total de organismos portugueses que participaram no Programa. Por outro lado, o conjunto constituído com os organismos não participantes não é representativo do universo dos agentes culturais portugueses que conhecem o Programa *Cultura 2000* (recorde-se que a definição desse conjunto se fez na base da listagem do PCC).

2. O PROGRAMA CULTURA 2000

2.1 Enquadramento

Este capítulo tem como objectivo caracterizar a participação dos vários países ao longo dos três anos de vigência do Programa *Cultura 2000*, procurando destacar e enquadrar a participação portuguesa. Antes de iniciar a análise, porém, é importante dar conta de alguns dos parâmetros que regem o Programa de modo a contextualizar a informação constante nos quadros de caracterização e tornar legível a terminologia utilizada.

O Programa *Cultura 2000* inscreve-se no II Quadro Comunitário de Apoio e destina-se a apoiar financeiramente a actividade cultural europeia. Tem a duração de 5 anos (2000-2004) e um orçamento global de 167 milhões de euros, repartidos anualmente de forma equitativa. Em termos gerais, o apoio concedido a cada projecto situa-se na ordem dos 60% do orçamento previsto, não podendo o seu valor ultrapassar certos limites de acordo com o tipo de projecto candidato. Participam no *Cultura 2000* os 15 Estados-Membros da União Europeia, os três países do EEE/EFTA (Islândia, Liechtenstein e Noruega), Chipre, Malta e 10 países da Europa Central e Oriental (Bulgária, Eslováquia, Eslovênia, Estónia, Hungria, Letónia, Lituânia, Polónia, República Checa e Roménia - designados de Pecos). Ao todo, 30 países participantes.

Tipos de acção

O *Cultura 2000* tem previsto três tipos de acções delineadas de acordo com a duração e dimensão dos projectos. As candidaturas inscritas na Acção I – acções específicas de inovação e/ou experimentação – têm a duração de um ano e exigem, no mínimo, a associação de pelo menos três Estados-Membros. Como se verá mais adiante, é este o tipo de acções que prevê maior número de candidaturas aprovadas. A Acção II – acções integradas no âmbito de acordos estruturados e plurianuais de cooperação cultural de dimensão transnacional – tem a duração máxima de três anos, dirigindo-se sobretudo a projectos de dimensão Europeia que envolvam, no mínimo, cinco Estados participantes. Finalmente, as candidaturas apresentadas na Acção III – Manifestações culturais especiais de dimensão Europeia ou internacional – estão relacionadas com projectos de grandes dimensão e importância, com impacto junto dos cidadãos da Europa. Nelas inclui-se, por exemplo, as capitais europeias da cultura.

Dos fundos anuais disponíveis do Programa – cerca de 33 milhões de euros – um máximo de 45% é atribuído à Acção I; um mínimo de 35% à Acção II, e cerca de 10% à Acção III.

Áreas artísticas/culturais

No que respeita às áreas culturais, são considerados dois tipos possíveis de abordagem: a abordagem vertical que procura ter em conta as necessidades específicas de cada sector cultural; e uma horizontal que tem como objectivo promover o desenvolvimento de sinergias e de criação cultural que envolvam vários sectores da cultura. Os sectores contemplados no Programa são as Artes do espectáculo, a Música, as Artes plásticas e visuais, a Arquitectura, o Livro e a leitura, a Tradução, o Património, e outras formas de expressão artística, como por exemplo, Multimédia, Fotografia, Cultura infantil e Espectáculos de rua.

As áreas artísticas/culturais onde os projectos se inscrevem são transversais a qualquer Acção. Nos dois primeiros anos de vigência, o *Cultura 2000*, ao contrário do que até então sucedera com o Programas antecessores, – Ariane, Rafael e Caleidoscópio – vocacionados para domínios culturais específicos, abrangia propostas de todas as áreas artísticas. Actualmente, embora mantendo aberta a possibilidade de apoiar candidaturas nas diferentes áreas previstas, privilegia sobretudo um sector cultural. Assim, a partir de 2002 iniciou-se uma abordagem sectorial anual, estabelecendo a correspondência de uma área a um ano. No último ano, como se verá através do resultado do número de projectos seleccionados, foi dada prioridade a candidaturas no domínio das Artes Visuais. Em 2003 será a vez das Artes do Espectáculo e em 2004 do Património.

Modalidades de participação

No que respeita aos modos de participação, o Programa prevê três tipos distintos de modalidades. O Organizador ou líder do projecto tem a responsabilidade de coordenação, concepção e execução do projecto. Deverá participar financeiramente com, pelos menos, 5% do orçamento total através de fundos próprios ou mobilizados. A única diferença entre um Organizador e um Co-organizador, é o facto do primeiro ter a gestão financeira dos projectos e de ser o signatário do contrato assinado com a Comissão Europeia.

A terceira e última modalidade de participação é a que se designa de Parceiro. Os organismos que participam nesta modalidade limitam-se a participar nas actividades previstas pelo projecto e não têm responsabilidades ao nível da concepção, execução ou financiamento. Como se viu, são as duas primeiras modalidades de participação as que exigem um maior envolvimento e responsabilidade por parte dos organismos candidatos.

Resultados da avaliação

Um último aspecto de contextualização a considerar diz respeito às diferentes fases de avaliação das candidaturas. De acordo com a terminologia utilizada pela Comissão Europeia, as candidaturas apresentadas são classificadas de acordo com três níveis de avaliação – recusadas, pré-seleccionadas e seleccionadas. O primeiro nível corresponde às candidaturas cujo processo se encontra mal instruído por deficiência de preenchimento ou por não integrar todos os requisitos exigidos pelo Programa. As candidaturas que ficam neste primeiro nível, são excluídas e não passam à avaliação do júri⁷. O segundo e terceiro níveis de avaliação são determinados de acordo com a avaliação deste conjunto de peritos. É atribuída a designação de pré-seleccionadas às candidaturas que não atingem a pontuação necessária para serem aprovadas.

O terceiro nível corresponde às candidaturas seleccionadas. O convite à apresentação de candidaturas estipula o número de projectos a ser aprovados em cada Acção, de acordo com esse dado são seleccionadas as candidaturas com a pontuação mais elevada.

2.2 Países participantes e caracterização genérica das candidaturas

A preocupação central que dá origem a este diagnóstico é, como se disse, a presença diminuta de Portugal no Programa. De facto, a participação portuguesa no *Cultura 2000* é não só reduzida como tem vindo progressivamente a decrescer. O quadro 1 confirma e objectiva os dados impressionantes: Portugal apresenta um total de 71 participações efectivas/seleccionadas (juntando candidaturas Organizadas e Co-organizadas) no conjunto dos três anos do Programa, sendo que grande parte se concentra no primeiro ano. Estabelecendo uma hierarquia de acordo com o total de participações por país, Portugal situa-se em 13^º lugar, entre as 20 categorias consideradas (18 países, as categorias Pecos e Outros). As posições acima da média são ocupadas, por ordem decrescente, pela Itália, França, Alemanha, Pecos (países da Europa central e oriental), Espanha, Reino Unido, Bélgica e Grécia.

⁷ O júri é constituído por representantes de cada um dos 15 Estados-Membros.

Participações no Programa Cultura 2000, por anos e países
(números absolutos)

[QUADRO 1]

Ano/País	2000	2001	2002	total de participações
Alemanha	110	55	80	245
Áustria	39	22	43	104
Bélgica	66	36	26	128
Dinamarca	25	19	20	64
Espanha	72	59	69	200
Finlândia	44	26	22	92
França	125	84	63	272
Grécia	42	38	45	125
Holanda	44	33	33	110
Irlanda	17	7	10	34
Itália	128	92	107	327
Luxemburgo	12	11	5	28
Portugal	30	23	18	71
Reino Unido	74	46	47	167
Suécia	39	26	35	100
Liechtenstein	0	0	0	0
Islândia	9	4	5	18
Noruega	20	21	19	60
PECOS	23	67	123	213
Outros	6	0	0	6
Total	925	669	770	2364

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

A desagregação do total de presenças de acordo com a modalidade de participação (Quadro 2) mostra que, de um modo geral para todos os países, a percentagem de Co-organizações é sempre superior. Não se trata de um dado surpreendente, se se tiver em conta que a liderança de candidaturas implica maior responsabilidade e exigência. Repare-se que Portugal, à excepção da categoria residual Outros, aparece como o país com menor percentagem na modalidade de Organizador comparativamente com a percentagem na modalidade de Co-organizador. Ou seja, a diferença entre o número de projectos liderados por agentes culturais portugueses e as participações resultantes de Co-organizações é a mais acentuada no conjunto dos países. Estes indicadores permitem afirmar que a participação de Portugal, além de diminuta, caracteriza-se também por ser discreta, no sentido em que são poucos os casos em que é assumida a liderança dos projectos. O Gráfico 1 mostra, em termos absolutos, o número de candidaturas seleccionadas Organizadas e Co-organizadas por Portugal.

Modalidades de participação no Programa Cultura 2000, por país
(percentagem em linha)

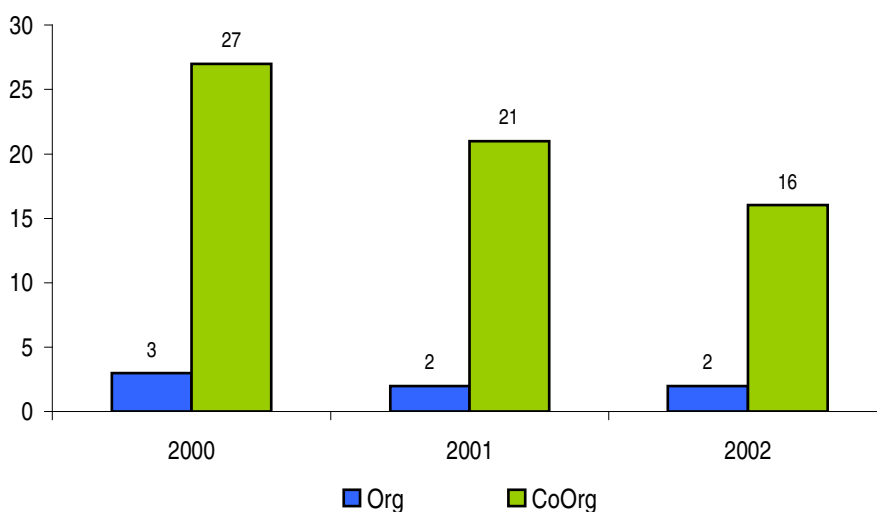
[QUADRO 2]

Países	Org.	Co-Org.	total de participações
Alemanha	19,2	80,8	245
Áustria	26,9	73,1	104
Bélgica	24,2	75,8	128
Dinamarca	23,4	76,6	64
Espanha	21,5	78,5	200
Finlândia	17,4	82,6	92
França	32,0	68,0	272
Grécia	31,2	68,8	125
Holanda	23,6	76,4	110
Irlanda	17,6	82,4	34
Itália	32,7	67,3	327
Luxemburgo	21,4	78,6	28
Portugal	9,9	90,1	71
Reino Unido	15,6	84,4	167
Suécia	27,0	73,0	100
Liechtenstein	0,0	0,0	0
Islândia	44,4	55,6	18
Noruega	35,0	65,0	60
PECOS	17,8	82,2	213
Outros	0,0	100,0	6
Total	24,5	75,5	2364

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

Participação portuguesa no Programa Cultura 2000, por ano e modalidade de participação
(números absolutos)

[GRÁFICO 1]



O decréscimo assinalado no total de participações portuguesas no decurso dos três anos do Programa verifica-se também para o total de projectos propostos (candidaturas

apresentadas/organizadas por organismos portugueses). Neste caso, porém, a diminuição é comum a todos os países e mais acentuada entre o primeiro e segundo ano (Quadro 3). À exceção de alguns países nórdicos – Suécia, Islândia e Noruega - e dos Países da Europa Central e Oriental (Pecos), os restantes evidenciam uma redução significativa do número de candidaturas apresentadas entre 2000 e 2002.

Uma das explicações deverá estar em parte relacionada com a percepção das limitações orçamentais do Programa e da sua incapacidade para apoiar um maior número de candidaturas. De acordo com o Quadro 3, o número de candidaturas apresentadas no primeiro ano de vigência do Programa representa metade (49,9% - 991 candidaturas) do total alcançado nos três anos do *Cultura 2000*.

A redução global de candidaturas propostas é ainda mais evidente para Portugal do que para qualquer outro país. De um total de 48 candidaturas organizadas, 35 concentram-se em 2000, 9 em 2001 e somente 4 em 2002. O quadro 4, destaca a evolução das candidaturas propostas ao Programa assumindo como valores de partida os alcançados em 2000. Como se verifica, o decréscimo é quase generalizado, mas sobretudo marcante para Portugal: em 2001 as candidaturas apresentadas representam apenas 26% das propostas em 2000, e em 2002 pouco ultrapassam os 10%.

[QUADRO 3]

País	2000	2001	2002	Total
Alemanha	80	40	36	156
Áustria	32	23	19	74
Bélgica	59	25	20	104
Dinamarca	22	21	8	51
Espanha	110	56	43	209
Finlândia	13	12	8	33
França	165	77	34	276
Grécia	73	38	29	140
Holanda	21	18	13	52
Irlanda	17	6	5	28
Itália	274	117	99	490
Luxemburgo	11	4	4	19
Portugal	35	9	4	48
Reino Unido	39	20	19	78
Suécia	22	16	17	55
Liechtenstein	0	0	0	0
Islândia	4	4	5	13
Noruega	14	21	8	43
PECOS	0	55	60	115
Outros	0	2	1	3
Total	991	564	432	1987

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC

Ainda no que respeita às candidaturas que são propostas ao *Cultura 2000* é importante destacar os países que maior número de projectos apresentam para apoio comunitário. Desse ponto de vista a Itália sobressai, sendo o país que, em todos os anos do período considerado, liderou o número de candidaturas apresentadas (Quadro II em anexo 2). Seguem-lhe países como a França, Espanha e Alemanha, também com um peso assinalável de candidaturas submetidas à avaliação do Programa. A percentagem de candidaturas propostas por estes quatro países representa mais de metade do total de candidaturas apresentadas em todos os anos: em 2000 ascende a 63,4%; 51,6% em 2001 e 50,1% em 2002. No último ano destacam-se os países da Europa Central e Oriental, com perto de 14% de candidaturas propostas.

Evolução das candidaturas apresentadas, por anos e países em números índice
(Ano 2000=100)

[QUADRO 4]

País	2000	2001	2002
Alemanha	100,0	50,0	45,0
Áustria	100,0	71,9	59,4
Bélgica	100,0	42,4	33,9
Dinamarca	100,0	95,5	36,4
Espanha	100,0	50,9	39,1
Finlândia	100,0	92,3	61,5
França	100,0	46,7	20,6
Grécia	100,0	52,1	39,7
Holanda	100,0	85,7	61,9
Irlanda	100,0	35,3	29,4
Itália	100,0	42,7	36,1
Luxemburgo	100,0	36,4	36,4
Portugal	100,0	25,7	11,4
Reino Unido	100,0	51,3	48,7
Suécia	100,0	72,7	77,3
Liechtenstein	0	0,0	0,0
Islândia	0	100,0	125,0
Noruega	100,0	150,0	57,1
PECOS	0	100,0	109,1
Outros	0	100,0	50,0
Total	100,0	56,9	43,6

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

Nota: Os Pecos, a Islândia e a categoria Outros apresentaram a primeira candidatura em 2001.

A par da diminuição global do número de candidaturas propostas, o total de candidaturas aprovadas nesse período aumentou (Quadro 5). A aproximação entre os dois valores fez com que a percentagem geral de projectos seleccionados em 2002, represente mais de metade dos apresentados (51,9%), ou seja, um em cada dois projectos propostos ao Programa, foi seleccionado.

Ao contrário do que se poderia supor, o aumento do número de projectos aprovados não corresponde a um aumento do financiamento anual do Programa, até porque, como se viu, o orçamento anual previsto é equivalente para os cinco anos. A explicação deverá estar correlacionada com a redefinição de alguns parâmetros do Programa. Por exemplo, em 2002, ano em que o aumento verificado foi mais significativo, não foram considerados projectos na Acção 3 – acção que prevê apoiar projectos de grande dimensão e em menor número - e alargou-se consideravelmente o número de projectos a aprovar na área das traduções.

De uma forma geral, a percentagem de candidaturas seleccionadas aumenta consideravelmente para todos os países, muito particularmente em 2002, pelas razões evocadas. As candidaturas portuguesas seleccionadas atingem 50% do total das apresentadas, mas em termos absolutos, foram somente propostas 4 candidaturas, tal como demonstra o Gráfico 2.

Candidaturas seleccionadas no Programa Cultura 2000, por ano e países
(em percentagem)

[QUADRO 5]

Ano/países	2000	2001	2002
Alemanha	21,2	35,0	44,6
Áustria	22,1	34,6	68,4
Bélgica	23,5	40,3	35,2
Dinamarca	18,3	28,8	64,3
Espanha	9,1	32,2	35,1
Finlândia	23,3	59,1	77,2
França	23,7	33,6	64,5
Grécia	12,3	39,7	51,8
Holanda	38,4	38,8	84,9
Irlanda	11,9	0,0	77,2
Itália	9,1	32,5	44,5
Luxemburgo	18,3	50,7	50,0
Portugal	8,6 (a)	22,2 (b)	50,0 (c)
Reino Unido	25,9	25,3	57,9
Suécia	27,5	57,0	71,2
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0
Islândia	50,5	50,7	77,2
Noruega	28,8	47,9	90,0
PECOS	0,0	18,1	46,6
Total	16,6	33,5	51,9

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

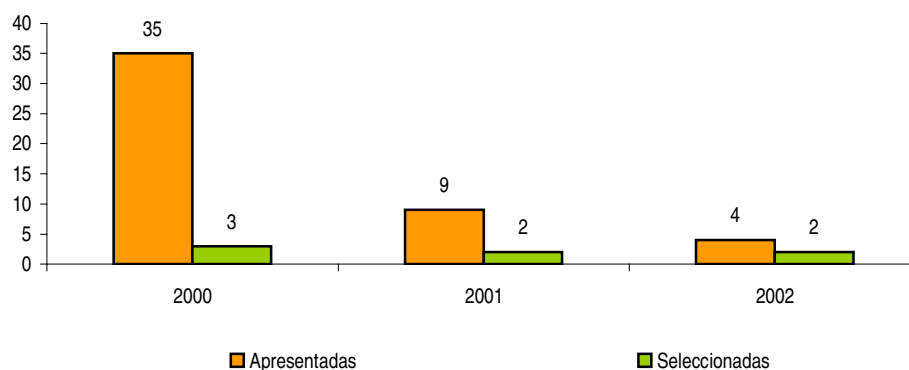
(a) a percentagem corresponde aos valores absolutos de 35 candidaturas apresentadas e 3 candidaturas seleccionadas

(b) a percentagem corresponde aos valores absolutos de 9 candidaturas apresentadas e 2 seleccionadas.

(c) a percentagem corresponde aos valores absolutos de 4 candidaturas apresentadas e 2 seleccionadas

Candidaturas portuguesas apresentadas e seleccionadas no Programa Cultura 2000, por anos
(números absolutos)

[GRÁFICO 2]



Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

A percentagem de candidaturas portuguesas seleccionadas em 2002 contrasta com a de 2000: de 35 candidaturas apresentadas, apenas 3 foram aprovadas.

Ainda a este respeito, focando a análise no conjunto dos países participantes, é curioso verificar que, apesar da Itália ser o país com maior número de candidaturas apresentadas, a

percentagem das seleccionadas em 2000 não ultrapassa os 10%, o mesmo verificando-se para a Espanha. A Alemanha e a França são os países com maiores percentagens de candidaturas seleccionadas, destacando-se, particularmente, as candidaturas francesas.

De uma forma geral, são os quatro países com maior contingente de candidaturas apresentadas – Itália, França, Alemanha e Espanha –, os mais representados no total de candidaturas seleccionadas (ver Quadro IV em anexo 2). À excepção do ano 2000, as candidaturas italianas são as que mais se destacam. Por seu lado, os projectos franceses perdem representatividade no total de projectos aprovados de ano para ano e assiste-se, já em 2002, à maior presença dos países da Europa Central e Oriental (Pecos).

A presença portuguesa é mínima no total de candidaturas seleccionadas, verificando-se, aliás, uma contínua perda de representatividade – em 2002, os projectos portugueses apoiados, representam somente 0,9% dos seleccionados. Esta redução deve-se, como se viu, à correspondente diminuição do contingente de candidaturas apresentadas.

A finalizar este capítulo resta salientar outros dois outros elementos de caracterização genérica das participações dos diferentes países no Programa: a distribuição das candidaturas de acordo com o tipo de acções e áreas culturais/artísticas. No que toca ao primeiro (ver Quadro V em anexo 2), o que se evidencia é o predomínio de projectos seleccionados na Acção 1 comparativamente com os das outras acções, o que não surpreende, visto ser a linha do Programa que tem previsto apoiar maior número de projectos. A presença portuguesa nos projectos de Acção 3 deve-se ao Porto Capital Europeia da Cultura, projecto proposto no ano 2000 e apoiado em 2001.

No que respeita às áreas artísticas e culturais (ver quadro VI em anexo 2), importa em primeiro lugar salientar que o Património, a par das Artes do espectáculo e das Artes visuais, são as áreas que registam maiores contingentes de candidaturas seleccionadas.

A percepção do predomínio de projectos apresentados nestas áreas terá sido, aliás, um dos motivos para redefinir os parâmetros do Programa, passando a dar privilégio a uma área por ano. Assim se explica que em 2002 o total de projectos apoiados incida maioritariamente nas Artes visuais, anos dedicado especificamente a este sector. A área da Tradução destaca-se igualmente em 2002, uma vez que foi previsto apoiar cerca de 90 projectos, um número superior ao previsto para anos anteriores.

A área da Tradução reúne condições especiais de candidatura, sendo a única que não exige como requisito obrigatório o estabelecimento de parcerias. Ao contrário do que seria de esperar – colocando-se a hipótese de que a obrigatoriedade de estabelecer parcerias pode ser uma das dificuldades dos agentes culturais portugueses – na área da Tradução não houve

nenhum projecto português seleccionado. As candidaturas portuguesas seleccionadas incidem maioritariamente no Património e nas Artes do espectáculo, seguindo-se a História e conhecimento comum, e a Cooperação com terceiros.

3. ORGANISMOS PORTUGUESES PARTICIPANTES E NÃO PARTICIPANTES

O resultados do inquérito extensivo a organismos candidatos e não candidatos ao Programa *Cultura 2000* serão analisados neste capítulo e no seguinte. Este, particularmente, visa fornecer alguns elementos de caracterização, utilizando para o efeito algumas das variáveis disponíveis, nomeadamente a *localização geográfica*, o *estatuto jurídico* e as *áreas de actividade*.

No conjunto da informação apurada sobressai a que se reporta à *localização geográfica* dos organismos inquiridos. Tanto para o conjunto dos organismos participantes como dos não participantes, mais de metade é oriunda da região de Lisboa e Vale do Tejo (Quadro 1). Este primeiro indicador de caracterização não pode se interpretado sem focar outros aspectos, sobretudo ligados aos modos de conhecimento e contacto com o Programa – uma das questões de que se ocupará o capítulo seguinte - no entanto, pode colocar-se a hipótese da maioria dos organismos que se candidatam ao apoio comunitário proporcionado pelo *Cultura 2000* terem sede perto da capital, e a ela não ser alheio o facto da estrutura de apoio ao Programa (Ponto de Contacto Cultural) se situar em Lisboa.

No que respeita à *área de actividade* dos organismos, a maioria dos inquiridos (candidatos e não candidatos) inclui no conjunto das suas actividades, em termos gerais, a produção de eventos e a actividade artística, embora outros domínios sejam igualmente significativos. As respostas obtidas reflectem sobretudo a conjugação das diferentes actividades empreendidas pelos organismos embora se possa afirmar, através a identificação das entidades inquiridas, que a maioria concentra as suas actividades no domínio artístico e na produção de eventos culturais.

O *estatuto jurídico* das entidades que participaram no Programa é equilibrado entre público e privado, embora estes últimos apresentem uma ligeira supremacia. Já no conjunto dos inquiridos não candidatos, o destaque é conferido às entidades com estatuto público. Este destaque poderá estar relacionado com as acções empreendidas na divulgação do Programa. Note-se que o PCC está localizado no Ministério da Cultura e inclui na sua listagem de contactos – listagem a partir da qual foram seleccionadas as entidades que não participaram no Programa - os organismos dependentes daquele ministério.

Estatuto jurídico, localização geográfica e actividade dos organismos candidatos e não candidatos

(*números absolutos*)

Candidatos n = 69; Não candidatos n = 55

[QUADRO 1]

Estatuto jurídico do organismo candidato	Candidatos	Não
---	-------------------	------------

		candidatos
Privado.....	33	21
Público.....	31	29
Outros.....	5	4
Total.....	69	54
Localização geográfica		
Norte.....	16	15
Centro.....	9	8
Lisboa e Vale do Tejo.....	36	27
Alentejo.....	6	1
Algarve.....	2	1
Açores.....	-	1
Madeira.....	-	1
Total.....	69	54
Áreas de actividade		
Artística.....	35	38
Investigação.....	31	21
Produção de eventos culturais.....	46	37
Edição/publicação.....	31	29
Formação profissional.....	26	12
Acção social.....	21	12
Outra.....	17	10

Nota: Os dados obtidos para a Localização geográfica dos organismos não participantes, excluem uma não resposta.

Os dados obtidos para a actividade artística resultam de uma pergunta de resposta múltipla.

De uma forma geral, pode dizer-se que o perfil dos organismos candidatos e dos não candidatos, não diverge substancialmente. São maioritariamente entidades com origem na região de Lisboa e com actividades de natureza cultural/artística. Somente o *estatuto jurídico* dá conta de algumas diferenças, muito provavelmente relacionadas com as acções empreendidas na divulgação, conforme atrás ficou referido .

3.1 Tipologia de participação dos organismos candidatos

Para o conjunto de organismos que participaram no Programa são identificados outros elementos de caracterização que contribuem para tipificar a sua participação. Os mais relevantes são a *modalidade de participação* e o *resultado da avaliação* da(s) candidatura(s). O cruzamento destas duas variáveis permite concluir que, por um lado, a maioria das candidaturas lideradas por organismos portugueses são recusadas e, por outro, que as participações resultantes de Co-organizações apresentam resultados mais favoráveis.

A partir da informação sobre a modalidade de participação dos organismos no Programa *Cultura 2000* e do resultado da avaliação das candidaturas, foi criado um indicador que tipifica a participação dos organismos portugueses. A tipologia de participação reúne, assim, quatro categorias de organismos (Gráfico 1): ‘Organizadores aprovados’ – entidades que participaram

como Organizadores tendo candidaturas seleccionadas – as ‘Parcerias aprovadas’ – entidades que participaram como Co-organizadores ou Parceiros, tendo candidaturas seleccionadas; – os ‘Organizadores recusados’ – organismos que participaram como Organizadores tendo só candidaturas recusadas; – e, finalmente, as ‘Parcerias recusadas’ – entidades que participaram como Co-organizadores ou Parceiros tendo só candidaturas recusadas⁸.

O Gráfico 1 evidencia o tipo de participação mais comum e a que maior sucesso parece garantir. Resumindo, são muito poucos os organismos ‘Organizadores aprovados’, comparativamente com os ‘Organizadores recusados’. Os organismos que estabelecem parcerias são os que apresentam maior número de candidaturas seleccionadas.

A respeito das parcerias mantidas por organismos portugueses (Gráfico 2), veja-se que os países com quem Portugal estabelece preferencialmente contactos são também os que apresentam mais elevadas percentagens de candidaturas seleccionadas, tal como se viu no capítulo anterior. O destaque vai sobretudo para as parcerias estabelecidas com Espanha, muito provavelmente por razões de proximidade geográfica.

Tipologia dos organismos portugueses no Programa Cultura 2000
(números absolutos)
n = 69

[GRÁFICO 1]



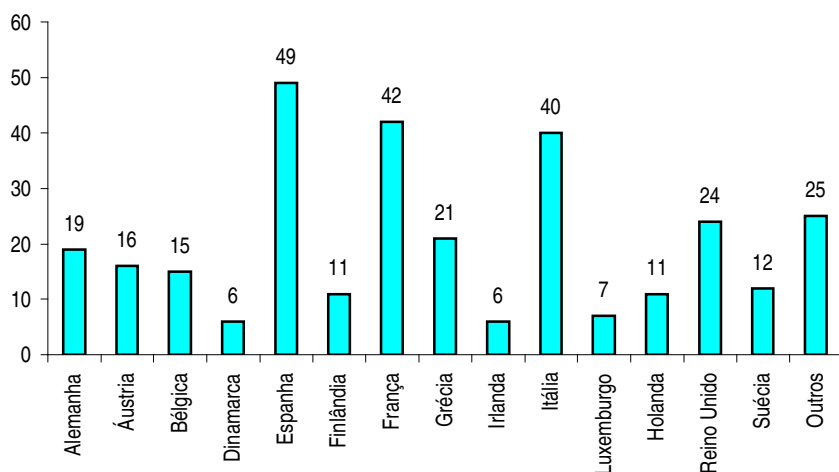
EMBED

Nota: Não foram consideradas duas não respostas.

Países com quem Portugal mais estabelece parcerias no Programa Cultura 2000
(números absolutos)

[GRÁFICO 2]

⁸Nos casos dos organismos com mais de uma modalidade de participação ou com resultados de avaliação diferenciados, optou-se por privilegiar a condição de Organizador, no caso das modalidades de participação, e as candidaturas seleccionadas, no caso dos resultados de avaliação.



EMBED

Nota: Dados que resultam de uma pergunta de resposta múltipla.

3.2 Caracterização das candidaturas portuguesas

A informação retida para os organismos candidatos permite ainda caracterizar, segundo vários aspectos, as candidaturas apresentadas ao Programa. Refira-se em primeiro lugar que, em termos de intensidade de participação, esta foi débil, tendo a maioria dos organismos inquiridos participado apenas uma vez no total dos 5 anos considerados no questionário⁹ (Quadro 1). De notar que a maior parte das candidaturas se reporta ao ano 2000 (Gráfico 3) - o que aliás é coincidente com a informação fornecida através da análise da participação dos países (veja-se capítulo 2).

Número de organismos inquiridos participantes no Programa

[QUADRO 1]

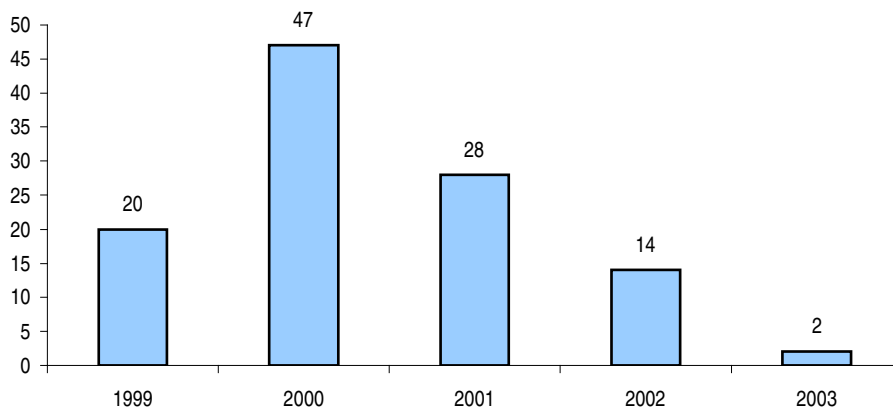
Número de candidaturas por organismo	Organismos	%
1.....	45	65,2
2.....	14	20,3
3.....	6	8,7
Mais de 3.....	4	5,8
Total.....	69	100,0

Candidaturas portuguesas participantes no programa Cultura 2000

(número absolutos)

n = 111

[GRÁFICO 3]

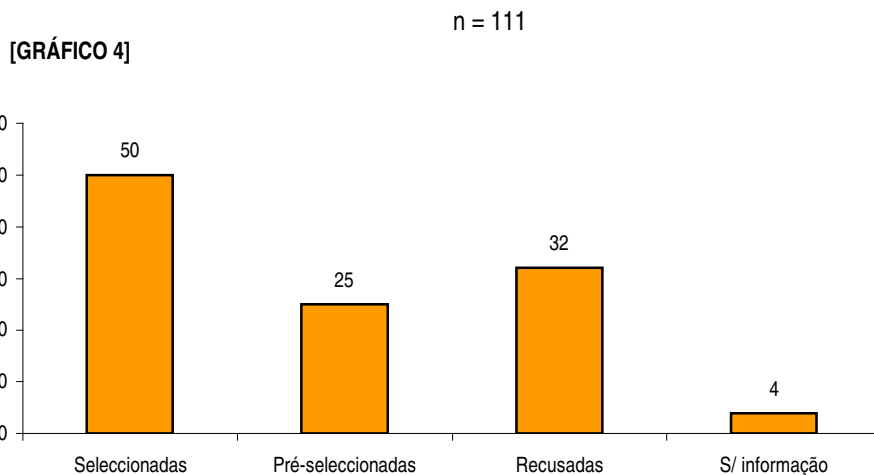


EMBED

Passando a focar a análise no que respeita ao resultado das candidaturas, verifica-se que a maior parte são candidaturas seleccionadas (Gráfico 4). O dado, só por si, pode induzir em erro dado que se conhece a reduzida e insatisfatória participação portuguesa no Programa (ver ponto 2.2 deste relatório). O que parece mais significativo é o resultado obtido do cruzamento entre esta variável e a modalidade de participação (Quadro 2). De acordo com os resultados apurados verifica-se que a maior parte das candidaturas aprovadas resultam de Co-organizações, isto é, da integração portuguesa em projectos liderados por outros países. Um outro dado relevante é o facto da maior parcela de candidaturas não-seleccionadas (pré-seleccionadas e recusadas) serem resultado de projectos organizados por Portugal. Note-se, no entanto, que neste conjunto são ainda mais significativas as candidaturas recusadas, ou seja, excluídas por critérios administrativos inerentes ao processo de candidatura.

Resultado das candidaturas ao Programa Cultura 2000 (número absolutos)

⁹Incluiu-se o ano de 1999 – ano de preparação do *Cultura 2000* designado de Acções Experimentais – e o ano 2003.



EMBED

Candidaturas ao Programa Cultura 2000
segundo a modalidade de participação e o resultado das candidaturas
(números absolutos)
n = 111

[QUADRO 2]

Modalidade	Selecionadas	Pré-selecionadas	Recusadas
Organizador.....	5	13	18
Co-organizador.....	35	10	9
Parceiro.....	10	2	5

Nota: Não existe informação para 4 candidaturas

A análise deste cruzamento permite afirmar que o sucesso das candidaturas portuguesas está directamente associado às Co-organizações que estabelecem com outros países. Uma outra nota a reter é o facto das candidaturas com líderes portugueses – propostas à Comissão por um organismo português – revelarem ter como principal factor de exclusão a deficiente instrução do processo de candidatura¹⁰.

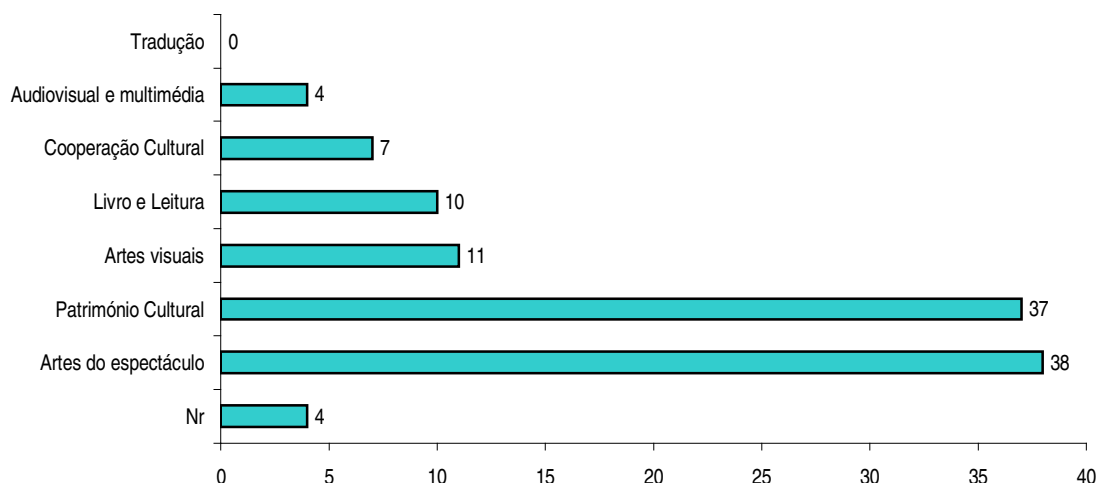
A distribuição do total de candidaturas por área cultural vai de encontro à tendência geral apurada para o conjunto de participações por países, analisada no capítulo 2. Verifica-se de facto a centralização de candidaturas em duas grandes áreas: Artes do espectáculo e Património.

No extremo oposto está a área dedicada à Tradução. Não houve nenhum organismo português inquirido que assinalasse candidaturas nesta área, o que vem ao encontro do referido na análise por países. Recorde-se que não houve nenhuma candidatura portuguesa seleccionada nesta área, nos três anos do Programa (Gráfico 5).

Área de candidaturas apresentadas no Programa Cultura 2000
(número absolutos)
n = 111

¹⁰Recorde-se, tal como foi assinalado no capítulo dedicado à contextualização do Programa (capítulo 2), que as candidaturas recusadas correspondem às que não cumprem os requisitos administrativos inerentes ao Programa.

[GRÁFICO 5]



EMBED

O cruzamento das áreas de apresentação com o resultado das candidaturas revela que as Artes Visuais e o Livro e Leitura – embora esta última com um reduzido contingente de candidaturas – apresentam maior peso relativo de candidaturas seleccionadas (Quadro 3). As Artes do espectáculo e o Património, apesar de mais representadas no conjunto das candidaturas seleccionadas, são também as que evidenciam maior número de candidaturas recusadas – note-se, porém, que são as que maior contingente de candidaturas apresentam.

Área de apresentação das candidaturas, por resultado das candidaturas
(números absolutos)
n = 111

[QUADRO 3]

Áreas	Seleccionadas	Pré-seleccionadas	Recusadas
Património Cultural.....	17	10	10
Livro e leitura.....	7	2	1
Tradução.....	0	0	0
Artes do espectáculo (música, dança, teatro).....	17	9	12
Artes visuais.....	6	2	3
Cooperação cultural.....	1	2	4
Audiovisual e multimédia.....	2	0	2

Nota: Não existe informação para 4 candidaturas

4. COMPORTAMENTOS E DIFICULDADES ASSOCIADOS À PARTICIPAÇÃO NO PROGRAMA

A abordagem dos comportamentos e dificuldades associados ao Programa desdobra-se de acordo com quatro linhas de análise. Tal como se verificará, as questões que serão abordadas em cada um estão relacionadas entre si, correspondendo a divisão deste capítulo às dimensões que pareceram mais relevantes para a interpretação de resultados. A primeira linha diz respeito aos modos como os organismos inquiridos – candidatos ou não candidatos – tomaram conhecimento do Programa. Seguem-se as razões e motivações para participar ou não participar. A formalização das candidaturas será o tema da terceira linha de análise, terminado este capítulo com a abordagem das razões estruturais apontadas pelos inquiridos para a fraca participação portuguesa no Programa, correspondendo esta à quarta linha analítica.

4.1 O conhecimento e contacto com o Cultura 2000

4.1.1 O Ponto de Contacto Cultural

O modo como os agentes culturais portugueses tomam ou tomaram conhecimento do Programa *Cultura 2000* deve ser abordado à luz das acções de promoção e divulgação que acompanham o Programa. Nesse sentido, as acções empreendidas pelo Ponto de Contacto Cultural (PCC), estrutura que tem como função principal assegurar a promoção do Programa em Portugal, servirão para contextualizar os resultados obtidos através do inquérito por questionário e das entrevistas realizadas.

O PCC português iniciou a sua actividade a 28 de Setembro de 1998 “com o objectivo de promover a difusão da política cultural comunitária, nomeadamente os programas de apoio a projectos culturais por parte da União Europeia”¹¹. A principal função desta estrutura é fazer o papel de interface entre as organizações culturais portuguesas e europeias, informando e orientando os operadores culturais no âmbito dos financiamentos comunitários através de um apoio técnico especializado e auxílio na procura de parceiros adequados ao seu projecto.

Deste modo, em termos objectivos, as funções atribuídas ao PCC português consistem: 1) na divulgação do Programa – destacando-se as sessões de esclarecimento/divulgação e os meios/suportes de difusão utilizados – 2) no apoio técnico à formalização das candidaturas e auxílio na procura de parcerias.

¹¹ Relatório de Actividades (1999)

De acordo com informação com origem nos Relatórios de Actividades (1999-2000) do Ponto de Contacto Cultural, foram realizadas 14 sessões de esclarecimento/divulgação, organizadas pelo PCC entre Dezembro de 1998 e Junho de 2000 – 8 em Lisboa, 5 no Porto e 1 em Faro (ver Quadro I, em anexo 3). Note-se, contudo, que de acordo com os dados facultados, a maioria das sessões foram centradas nos programas que antecederam o *Cultura 2000* – Ariane, Rafael e Caleidoscópio. No conjunto, contabilizam-se apenas 3 sessões exclusivamente dedicadas ao Programa (2 em Lisboa e 1 no Porto). As sessões de esclarecimento foram dirigidas a agentes culturais indicados pelas delegações regionais da cultura do Norte, Centro, Alentejo e Algarve. De acordo com informação do PCC, em 11 das 14 sessões realizadas participaram 197 agentes culturais.

Dos conteúdos das sessões de divulgação, destacam-se os que incidem sobre exemplos de agentes culturais com candidaturas aprovadas; explicações sobre o modo de preenchimento dos formulários e outros procedimentos relacionados com a participação no Programa, nomeadamente formas de encontrar parceiros com recurso a PCC's noutros estados-membros e moradas consultáveis na internet com informação sobre o Programa.

Após o primeiro semestre de 2000 não se registam outras iniciativas organizadas pelo PCC com o intuito de divulgar o *Cultura 2000*, situação que muito provavelmente está, em parte, relacionada com as dificuldades financeiras surgidas com a não renovação do contrato estabelecido entre o Ponto de Contacto Cultural português e a Comissão Europeia – esta, como adiante se verá, uma das entidades financiadoras desta estrutura.

A imprensa escrita é o meio mais regular de divulgação do Programa, na medida em que, todos os anos, desde o início de vigência do *Cultura 2000*, é anunciada a abertura de candidaturas recorrendo a este suporte¹². O anúncio é, por norma, acompanhado de alguns esclarecimentos, nomeadamente no que respeita às modalidades de participação, tipo de projectos candidatos e requisitos necessários.

As estratégias de divulgação do Programa passam igualmente pela utilização de meios menos onerosos, recorrendo aos suportes informáticos disponíveis, nomeadamente o correio electrónico e a internet. Através do correio electrónico são enviadas mensagens anunciando a abertura de candidaturas para todos os endereços que constam na *mailing list* do PCC. Esta listagem começou por assentar num conjunto de endereços disponibilizados pelo departamento de relações públicas do Ministério da Cultura, sendo progressivamente actualizada em função do número de entidades que contactam esta estrutura para solicitar informação ou esclarecimentos

¹² Nomeadamente nos jornais Diário de Notícias, Público, Jornal de Letras, Artes e Ideias, DN Madeira, Açoriano Oriental e, somente em 2001, o Expresso.

sobre o Programa¹³. Em Setembro de 2000, data em que foi disponibilizada a *mailing list* ao OAC, constavam 213 endereços electrónicos, sublinhando-se o facto de, já na altura, alguns se encontrarem desactualizados.

Outro suporte adoptado na divulgação do programa é a internet. A página dedicada à divulgação da actividade do PCC está incluída na página oficial do MC e anexa à página do Programa Operacional para a Cultura (POC), não apresentando nenhum destaque específico. No que respeita aos seus conteúdos refiram-se algumas descrições que apresentam o Programa e *links* para os textos oficiais relativos à criação do *Cultura 2000*. Encontram-se igualmente disponíveis os formulários de candidatura e ligações às páginas de pontos de contacto de outros estados-membros¹⁴. Através da página dedicada ao Programa é possível ter acesso a projectos estrangeiros que solicitam parcerias, no entanto esta informação não se encontra organizada nem sistematizada, sendo divulgada tal como é recebida no PCC.

Ainda no que respeita aos suportes de divulgação utilizados, nomeadamente a divulgação em suporte de papel, refira-se que a distribuição de prospectos de apresentação do Programa terá somente ocorrido no período em que o PCC esteve sediado no Foz Cultura - espaço vocacionado para a divulgação de eventos e iniciativas no âmbito da cultura - terminando após a mudança de localização desta estrutura para o Palácio da Ajuda. Segundo foi apurado, com a mudança de local, alguns prospectos de divulgação do *Cultura 2000* enviados pela Comissão Europeia nunca chegaram a ser distribuídos, muito provavelmente por dificuldades inerentes à organização do PCC.

De uma forma geral pode dizer-se que, actualmente, o principal meio de divulgação do Programa assenta no recurso à imprensa escrita e no aviso, através de correio electrónico, da abertura de candidaturas. Em termos práticos, este último procedimento não divulga efectivamente o Programa, limitando-se a anunciar o período de formalização e entrega de candidaturas aos agentes que, de alguma forma, já têm conhecimento do Programa.

Uma outra função do Ponto de Contacto Cultural consiste no apoio técnico e acompanhamento de candidaturas junto dos agentes culturais que assim o solicitem. De acordo com informação constante dos relatórios de actividades, entre Maio e Junho de 2000 o PCC realizou 52 reuniões particulares com agentes culturais para apresentação do Programa e acompanhou a elaboração técnica de 23 candidaturas.

¹³ Recorde-se que foi com base nesta listagem que se apuraram as entidades não candidatas a quem foi aplicado o inquérito.

¹⁴ A actual funcionária do PCC organizou uma proposta de reformulação da página cujo orçamento aguardava um parecer das instâncias superiores.

Pese embora o facto do PCC não ser uma estrutura conhecida pela maioria dos agentes culturais entrevistados – como se verá no ponto seguinte --, a informação proveniente das entrevistas realizadas é esclarecedora relativamente à qualidade do apoio prestado no acompanhamento das candidaturas.

“Não posso falar pelos outros, mas a minha relação com o PCC não podia ser melhor, desde o CONNECT. Nunca se negaram a dar-me qualquer tipo de apoio; havia perguntas mais pertinentes que eu colocava e se não tivessem resposta para me dar naquele instante, informavam-se junto da CE e davam-me a informação à posteriori, sempre extremamente solícitos... a relação não podia ser melhor, deram-me sempre um apoio imprescindível...”

“Tivemos reuniões [com o PCC] durante a altura da candidatura, o que foi precioso para nos dar algumas orientações. Assim que tivemos conhecimento do Programa candidatámo-nos. Ainda estivemos nas acções de divulgação organizadas pelo PCC em 2000, mas isso não adiantou muito. No entanto, durante a candidatura e na fase terminal tivemos todo o apoio possível. Ao contrário de outros programas que não conhecemos quem são as pessoas que estão entre a União Europeia e os agentes para prestar apoio, aqui não (...). Tivemos acesso ao PCC porque nos regulamentos é dito que em cada país existe um PCC e mandámos para lá um e-mail. Tivemos uma resposta positiva e todo o apoio, fomos então adequando as coisas, quer na parte de substância, quer na parte de orçamento para nos dar conhecimento do que é que seria mais vantajoso por parte de quem iria analisar, daí houve todo o apoio possível, pena é que depois a parte portuguesa que está em Bruxelas que poderia fazer algum tipo de promoção das candidaturas portuguesas, penso que aí, infelizmente, não somos muito fortes”.

Por último, é importante dar conta do tipo de organização e financiamento subjacente ao PCC português, informação que, de algum modo pode explicar as limitações evidenciadas nas acções empreendidas por esta estrutura.

A criação do Ponto de Contacto Cultural deriva de uma iniciativa da Comunidade Europeia com o objectivo de promover a difusão da política cultural comunitária nos vários estados-membros. A criação destas estruturas tem subjacente o apoio financeiro da Comissão, assegurando esta 50% do orçamento geral, sendo o restante assegurado por um organismo nacional. De acordo com o quadro 1, até Junho de 2001 o PCC português foi financiado pelo Ministério da Cultura através do Gabinete de Relações Internacionais.

Organização e financiamento do Ponto de Contacto Cultural Português

[QUADRO 1]

Ano	Localização	Nº de funcionários	Entidade financiadora
1998	Palácio da Ajuda	1	MC/GRI-Comissão
1999	Palácio Foz	2	MC/GRI-Comissão
2000	Palácio Foz	2	MC/GRI-Comissão
2001	Palácio Foz	2	<i>Contrato não renovado</i>
2002	Palácio da Ajuda	1	<i>Processo em negociação</i>

Depois dessa data e até ao fim de 2002, não foi renovado o contrato com a Comissão Europeia – encontrando-se este, actualmente, em processo de negociação. Esta terá sido também a razão porque as acções ou iniciativas de divulgação tenham vindo a ser, progressivamente, mais limitadas. Outra das razões poderá, eventualmente estar relacionada com a escassez de recursos humanos afectos a esta estrutura. Durante os dois primeiros anos de vigência do Programa o PCC contava com dois funcionários, reduzindo para um em 2002. Acresce a esta redução o facto do actual funcionário não ter funções estritamente afectas às actividades do PCC.

As limitações financeira e organizacionais do PCC têm repercussões significativas no impacto do Programa em Portugal desde logo evidenciadas, como a seguir se verá, com os modos mais frequentemente utilizados pelos agentes culturais para acesso ao Programa.

4.1.2 O acesso ao *Cultura 2000*

Das respostas obtidas através de inquérito por questionário no que respeita aos modos de conhecimento e contacto com o *Cultura 2000* por parte dos organismos inquiridos que já participaram no Programa, destacam-se três fontes: os contactos que estabelecem com outros agentes culturais; o conhecimento através de outros programas comunitários e; do acesso ao PCC (Quadro 2). Destes, refira-se que o contacto com outros agentes é o meio mais assinalado, sendo o conhecimento por intermédio de outros programas europeus o segundo modo mais frequente no acesso ao Programa. Só em terceiro lugar é assinalada a via institucional, nomeadamente o recurso ao PCC.

Modos de conhecimento do Programa Cultura 2000 por parte de organismos candidatos

(números absolutos)

n = 69

[QUADRO 2]

Conhecimento do Programa Cultura 2000 através....	Total de ocorrências
Da comunicação social.....	7
Do Ponto de Contacto Cultural (PCC) nacional.....	15
Do Gabinete de Relações Internacionais (GRI).....	8
Do contacto com outros agentes culturais.....	35
De outros Programas europeus.....	20
Da internet.....	4
Do Jornal Oficial da Comunidade Europeia.....	3

(Pergunta de resposta múltipla)

A hipótese adiantada no capítulo anterior, relativamente à importância que a localização geográfica dos organismos candidatos poderia ter no acesso ao Programa *Cultura 2000*, não se

confirma com os resultados agora obtidos. Recorde-se que a maioria dos organismos inquiridos têm sede na região de Lisboa e Vale do Tejo e o facto do PCC estar sediado em Lisboa colocava a hipótese daqueles organismos terem um acesso privilegiado à informação sobre o Programa. O que os dados agora evidenciam, embora se trate de contingentes muito reduzidos, é o facto do contacto com outros agentes culturais ser o meio mais frequente de conhecimento do Programa, independentemente da sua localização geográfica (Quadro 3).

Modo de conhecimento do Programa Cultura 2000 dos organismos candidatos, por localização geográfica
(números absolutos)
n = 69

[QUADRO 3]

Conhecimento do Programa Cultura 2000 através da....	Norte	Centro	Lisboa e Vale do Tejo	Alentejo	Algarve
Comunicação social.....	4	1	1	1	-
Ponto de Contacto Cultural (PCC) nacional.....	3	2	8	2	-
Gabinete de Relações Internacionais (GRI).....	6	1	1	-	-
Do contacto com outros agentes culturais.....	8	4	20	3	-
De outros Programas europeus.....	5	1	10	2	2
Da internet.....	3	-	-	1	-
Do Jornal Oficial da Comunidade Europeia.....	-	-	3	-	-

Nota: pergunta de resposta múltipla

O cruzamento dos modos de conhecimento do Programa com a tipologia das modalidades de participação, evidencia que são sobretudo os organismos que se candidataram ao Programa como Co-organizadores ou Parceiros com candidaturas seleccionadas – ‘Parcerias aprovadas’ –, aqueles para quem o Contacto com outros agentes culturais é o modo mais recorrente de conhecimento do *Cultura 2000* (Quadro 4).

Este dado, aliado ao facto das participações dos organismos portugueses serem maioritariamente resultado de convites por parte de outros organismos, como se verá no ponto seguinte, coloca a hipótese dos contactos com o Programa terem ocorrido no momento em que são feitos os convites aos organismos portugueses para integrarem projectos de outros países – situação referida, aliás, em algumas entrevistas realizadas com responsáveis por organismos que participaram no Programa na modalidade de Co-organizadores, tal como o ilustra o depoimento seguinte:

“Fomos contactados pelo Scène Nationale - Théâtre d’Orleans que tem um departamento de tradução, que já foi apoiado pelo Programa *Cultura 2000*. O projecto consiste num incentivo à tradução, ao intercâmbio de autores de Portugal, França, Espanha, Itália e Grécia, 5 países. Nós fomos contactados pelo Jacques, que eu já conhecia de outras relações internacionais, com base no interesse pela língua portuguesa, pela dramaturgia portuguesa”.

Modo de conhecimento do Programa Cultura 2000, por tipologia de participação

(números absolutos)

n = 69

[QUADRO 4]

Conhecimento do Programa Cultura 2000 através da....	Organizadores aprovados	Parcerias aprovadas	Organizadores recusados	Parcerias recusadas
Comunicação social.....	-	2	4	1
Ponto de Contacto Cultural (PCC) nacional.....	2	3	8	2
Gabinete de Relações Internacionais (GRI).....	1	4	3	-
Do contacto com outros agentes culturais.....	4	17	5	7
De outros Programas europeus.....	3	6	7	3
Da internet.....	-	3	1	-
Do Jornal Oficial da Comunidade Europeia.....	1	1	1	-

A experiência adquirida através da participação dos organismos noutros programas comunitários, é talvez um dos factores que melhor distingue os organismos que apresentam candidaturas (Organizadores) dos que se limitam a participar (Co-organizadores e Parceiros). A aquisição de contactos no exterior e a experiência adquirida na formalização de candidaturas, são mais valias importantes que potenciam a apresentação de candidaturas ao *Cultura 2000*. Aliás, no conjunto das entrevistas realizadas, o conhecimento do Programa é maioritariamente assegurado por contactos prévios com outras linhas de financiamento comunitário. A atenção dedicada a meios que viabilizem a concretização de projectos ligados à sua actividade é já uma rotina adquirida para algumas destas entidades (ver grelha de entrevistas em anexo)

Em entrevista, o depoimento do responsável por um organismo que liderou uma candidatura no *Cultura 2000*, é ilustrativo:

“Desde 1997 que trabalhamos em programas internacionais, programas como o *Leonardo Da Vinci*, *Socrates*. Neste âmbito surgiu a oportunidade de nos candidarmos ao *Cultura 2000*, uma vez que o projecto se debruçava sobre cidadania e valores europeus, um assunto que faz sentido dado os públicos carenciados com quem trabalhamos. Foi assim que surgiu. Além disso, somos membros de uma organização europeia que nos manda todos os Programas que são abertos para recurso a financiamento. Não são todas as organizações que se podem candidatar, é preciso que seja uma organização com conhecimentos a nível de funcionamento e de financiamentos europeus que pode apresentar um projecto na Acção II. A burocracia é brutal”.

É curioso verificar que o modo de conhecimento do Programa mais frequente para os organismos não candidatos é através do Ponto de Contacto Cultural, o que contrasta significativamente com o obtido para os organismos candidatos (Quadro 5). Este resultado não é, contudo, surpreendente se se recordar que a selecção de organismos não candidatos para aplicação do inquérito do OAC resultou da listagem de contactos fornecida por aquela estrutura. No entanto, mesmo dos 55 organismos que responderam ao questionário, aproximadamente 1/5 não conhece de facto o Programa *Cultura 2000*. Os 45 que, apesar de não se candidatarem,

conhecem o Programa, evidenciam modos de conhecimento mais diversificados, salientando-se o contacto com outros agentes culturais a comunicação social, a internet e também o GRI.

Para os organismos não participantes, mais significativo do que os modos de conhecimento do Programa são as razões que estes assinalam como justificação para nunca terem participado, tal como se verá no ponto seguinte.

Conhecimento do Programa Cultura 2000 por parte dos organismos não candidatos
(números absolutos)
n = 45

[QUADRO 5]

Teve conhecimento do Programa Cultura 2000 através...	Total de ocorrências
Da comunicação social.....	10
Do Ponto de Contacto Cultural (PCC).....	23
Do Gabinete de Relações Internacionais (GRI).....	7
Do contacto com outros agentes culturais.....	13
Da internet.....	8
Do Jornal Oficial da Comunidade Europeia.....	1
Outras formas de conhecimento.....	3

(Pergunta de resposta múltipla)

4.2 As motivações e razões de (não) candidatura

As motivações mais frequentes para a presença dos organismos candidatos no Programa *Cultura 2000* estão fundamentalmente relacionadas com a possibilidade de estabelecer contactos com outros agentes culturais estrangeiros, sobretudo através da integração em redes internacionais (Quadro 6). Embora o apoio financeiro concedido pelo Programa venha em 2º lugar como um dos factores predominantes, é de facto o conjunto de motivações ligadas à projecção internacional (via redes, parcerias e divulgação) que se destaca como a mais-valia que os organismos portugueses esperam da sua participação no *Cultura 2000*.

(números absolutos)

n = 69

[QUADRO 6]

Motivações	Total de ocorrências
A oportunidade de estabelecer parcerias.....	39
A oportunidade de divulgar trabalho no estrangeiro.....	26
A oportunidade de integrar redes internacionais.....	45
A apoio financeiro obtido, necessário à concretização dos projectos.....	40
A oportunidade de formar profissionalmente os recursos humanos do organismo candidato...	11
A oportunidade de desenvolver um trabalho inovador.....	4

(Pergunta de resposta múltipla)

No entanto, entre as principais dificuldades decorrentes do processo de candidatura, a obrigatoriedade de estabelecer parcerias aparece considerada como um dos principais obstáculos para participar (ver Quadro 11, no ponto 4.3). Este dado é, aliás, coincidente com o apurado para os organismos não candidatos. Também para estes uma das principais razões que justifica o facto de nunca terem apresentado candidaturas ao Programa *Cultura 2000* é, a par da dificuldade em cumprir os requisitos administrativos do processo, nunca terem encontrado os parceiros exigidos pelo Programa (Quadro 7). A valorização das parcerias e a dificuldade em concretizá-las parecem ser duas faces da mesma moeda. Dito de outro modo, o significado que os agentes culturais portugueses atribuem à oportunidade de contactar agentes no exterior através do Programa, estará directamente relacionada com a reduzida experiência ou mesmo ausência de relações internacionais que lhes permitam cumprir um dos principais requisitos do *Cultura 2000*, ou seja, estabelecer parcerias com outros países. Esta hipótese parece ganhar peso face ao apuramento dos modos mais frequentes de estabelecer parcerias (Quadro 8). De acordo com as respostas, a participação no *Cultura 2000* é muito mais resultado do convite por parte de agentes de outros países para integrarem os seus projectos, do que resultado de propostas de participação por parte dos portugueses.

Razões apuradas para os organismos portugueses não se candidatarem ao Programa Cultura 2000

(números absolutos)

n = 45

[QUADRO 7]

Razões porque nunca se candidatou...	Total de ocorrências
É um processo de candidatura complexo e exigente.....	20
Nunca encontrou os parceiros exigidos pelos requisitos obrigatórios.....	20
O apoio financeiro concedido é escasso.....	5
Opta por candidatar-se a outros Programas de apoio comunitário.....	11
Considera que teria poucas hipóteses perante as candidaturas de outros países.....	3
As actividades que desenvolve não se enquadram nas áreas abrangidas pelo Programa.....	4
Considera que a informação obtida sobre a candidatura não foi suficientemente esclarecedora.....	8
Não tem interesse em divulgar os projectos do organismo de que é responsável.....	-
Não entregou o formulário de candidatura na data prevista.....	4
Nunca teve oportunidade.....	7
Falta de recursos.....	5
Falta de autonomia.....	1
Programa inadequado à realidade portuguesa.....	3

(Pergunta de resposta múltipla)

Modos de estabelecer parcerias dos organismos portugueses no Programa Cultura 2000

(números absolutos)

n = 69

[QUADRO 8]

As parcerias foram estabelecidas através.....	Total de ocorrências
Da proposta de integração no projecto por outros parceiros.....	38
Da nossa proposta de participação em projectos.....	17
Reactivando antigas parcerias.....	20
Da indicação do PCC.....	3
Da divulgação do projecto em Pontos de Contacto Cultural estrangeiros.....	3

(Pergunta de resposta múltipla)

Uma das acções que têm sido desenvolvidas para contornar as dificuldades dos organismos portugueses em estabelecer parcerias, passa pela divulgação das suas actividades e projectos em pontos de contacto cultural estrangeiros ou em bases de dados internacionais construídas para o efeito¹⁵. Para alguns responsáveis de organismos, porém, este processo não é funcional dado que desconhecem as actividades dos organismos com quem estão a contactar, não sabendo se o trabalho que desenvolvem tem afinidade com o seu. Alguns entrevistados dão conta da natureza das dificuldades com que se defrontam nas tentativas de estabelecer parcerias:

“Têm de se fazer telefonemas e têm que se mandar cartas, isso só por palavras ou Internet não dá. Fui a Lyon, à Maison de la Danse, vender um projecto - um dos maiores (de dança) portugueses. Fui lá, andei atrás das pessoas, a gastar dinheiro do meu bolso, para vender projectos que eu tinha a certeza que eram projectos fantásticos! Mas isto funciona a outro nível, com conhecimentos privados - o prestígio da pessoa, e do contacto que tem, e da credibilidade profissional da pessoa que faz o contacto e que está a tentar exportar a ideia. De outro modo nem olham, ignoram, ou então tem de ser através de uma acção concertada a nível estatal”.

“As parcerias têm que ser um trabalho muito íntimo. Para você confiar numa pessoa que está a 3000 km de distância tem que haver uma relação muito próxima (...) tem que haver já uma sistematização de datas e de compromissos em relação a 3 anos e inclusivamente, compromissos em relação aos parceiros estarem presentes no compromisso até ao fim dos 3 anos”.

Este tipo de dificuldades poderá ser também um dos motivos que levam os organismos não candidatos a optar por outros programas de apoio comunitário onde não exista a obrigatoriedade de encontrar parceiros no exterior. Deste facto dão conta também as respostas dos organismos não candidatos quando questionados sobre as razões de não participação (ver ‘Opta por candidatar-se a outros Programas de apoio comunitário’ – Quadro 7).

Por último refira-se que através das entrevistas detectam-se, de forma geral, algumas diferenças no que respeita às motivações que enformam as candidaturas de estruturas de maior dimensão – por norma estruturas institucionais com relativa estabilidade – com as candidaturas de pequenas estruturas. Em relação às primeiras a mobilização surge frequentemente associada ao interesse depositado num projecto com qualidade artística e à oportunidade de desenvolverem uma área de trabalho com interesse. Para as pequenas estruturas as motivações estão sobretudo relacionadas, como se viu, com a oportunidade de estabelecer contactos internacionais e com a vantagem financeira de desenvolverem projectos que não poderiam custear de outra forma.

4.3 A formalização da candidatura

A formalização da candidatura é a primeira fase do processo empreendido pelos organismos para participarem no *Cultura 2000*. A par dos parâmetros gerais exigidos pelo Programa, onde se inclui a obrigatoriedade de estabelecer parcerias com outros países, o processo de candidatura implica igualmente o cumprimento de determinados requisitos administrativos. Para muito organismos não candidatos, tal como se assinalou no ponto anterior, a complexidade do processo de instrução de candidatura é uma das razões mais frequentemente assinaladas para não apresentarem candidaturas.

Apesar desta razão não ter inviabilizado a participação dos organismos candidatos, as suas opiniões também reflectem, de modo geral, o elevado nível de exigência atribuído ao processo de candidatura. De acordo com o Quadro 9, mais de metade dos inquiridos considera

¹⁵ Base de dados organizada pelo Ponto de Contacto Cultural espanhol, que reúne esta informação e a divulga na internet.

ser um processo exigente ou muito exigente. Assinale-se ainda assim que um número razoável de organismos inquiridos considera a instrução da candidatura um processo acessível.

A questão da exigência do processo poderá ser explicada, em parte, por alguma inexperiência no contacto com programas de apoio comunitário, mas também pela inexistência de recursos humanos com competências específicas habilitados para responder aos requisitos exigidos.

É importante assinalar que, em rigor, só os organismos que lideraram candidaturas, ou seja, que participaram no Programa na modalidade de Organizadores e que tiveram a seu cargo a instrução do processo de candidatura, podem responder com melhor conhecimento de causa mas, como se viu, a maioria dos organismos inquiridos participaram no Programa na modalidade de Co-organizadores.

Opiniões sobre a exigência do processo de candidatura

(números absolutos)

n = 69

[QUADRO 9]

A instrução do processo de candidatura foi...	Total de respostas
Muito simples.....	0
Simple.....	2
Acessível.....	25
Exigente.....	23
Muito exigente.....	12
Não sabe.....	7
Total.....	69

O cruzamento das opiniões relativas à exigência do processo de candidatura com o tipo de participação, revela-se muito pouco discriminador (Quadro 10). Os Organizadores com candidaturas aprovadas tal como as 'Parcerias aprovadas' repartem-se entre a acessibilidade e a exigência. O mesmo tende a acontecer para os Organizadores com candidaturas recusadas e para as 'Parcerias recusadas', embora os primeiros sejam os que mais reforçam as dificuldades relacionadas com a instrução do processo.

Opiniões sobre a exigência do processo de candidatura, por tipo de participação
(números absolutos)
n = 69

[QUADRO 10]

A instrução do processo de candidatura foi...	Organizadores aprovados	Parcerias aprovadas	Organizadores recusados	Parcerias recusadas
Muito simples.....	-	-	-	-
Simple.....	-	2	-	-
Acessível.....	3	10	7	4
Exigente.....	3	8	8	4
Muito exigente.....	1	4	6	-

Nota: Não se consideram 9 não resposta.

A leitura do quadro, embora limitada face ao total de respostas, coloca a hipótese da exigência do processo de candidatura a par dos resultados pouco satisfatórios obtidos, serem factores desmobilizadores da participação no Programa, sobretudo enquanto líderes de projectos (Organizadores).

As dificuldades em reunir e responder a todos os requisitos obrigatórios na instrução da candidatura e a importância que atribuem a estar presentes no Programa, nomeadamente, como se viu, com o intuito de estabelecer contactos internacionais, leva os organismos portugueses a optar preferencialmente por participar na modalidade de Co-organizadores ou Parceiros. O número relativamente significativo de respostas dos que, tendo 'Parcerias aprovadas', consideram a instrução da candidatura um processo exigente ou muito exigente, poderá ser lido à luz daquela opção.

De acordo com os depoimentos de alguns responsáveis entrevistados, os requisitos exigidos pelo Programa são acessíveis para os organismos com alguma experiência no recurso a apoios comunitários, o que, na sua opinião, é uma prática pouco frequente para a maioria dos agentes culturais portugueses, impondo-se, neste caso, um maior esclarecimento.

“A referência que eu tenho é que a burocracia de Bruxelas não é cega, é compreensiva, não tem uma visão muito estrita, muito formal, é aberta. Tanto quanto me lembro, as coisas que exigiam eram altamente simples, um orçamento, declarações de participantes a dizer que entravam e suportavam um X, não tenho ideia que fosse complicado, mas é claro que para que os agentes culturais possam ter mais certeza a instruir o processo a parte burocrática devia ser mais esclarecida”.

A informação proveniente das entrevistas acrescenta às dificuldades já expressas, uma outra relacionada com o tipo de linguagem a adoptar na formalização do processo de candidatura. De acordo com alguns entrevistados, o tipo de terminologia utilizada pode ser influente: quem tem alguma experiência na apresentação de candidaturas à União Europeia sabe que utilizando algumas expressões do “léxico comunitário”, tem maior probabilidade de ver o seu projecto aprovado.

“Preparei a candidatura cumprindo à risca o jargão que me tinham ensinado. Resumos em inglês, colocando nos itens uma série de expressões decisivas na aprovação das candidaturas. Foi necessário construir um discurso que respondesse exactamente às palavras-chave das candidaturas, ex: criação de redes, multiplicação de experiências, multiculturalismo... esse tipo de chavões”.

No apuramento das dificuldades genéricas resultantes da participação no Programa, a maior parte dos organismos inquiridos reporta-se, como se salientou no ponto anterior, à dificuldade em estabelecer parcerias com outros países (Quadro 11). Em segundo lugar são mencionadas dificuldades relacionadas com a escassez dos financiamentos e com a lentidão do respectivo processo de atribuição bem como do processo de selecção. Estes factores, associados a outros já apontados, (dificuldades em estabelecer parcerias e cumprir todos os requisitos administrativos exigidos), podem contribuir para desmotivar a participação de alguns organismos. Cita-se, a este propósito, o depoimento do responsável de um organismo que nunca se candidatou ao Programa, o que ilustra, sucintamente, a forma desmotivante de avaliar a relação trabalho exigido/financiamento:

“Acho que [o Programa] é sub-subsidiado, há pouco dinheiro. Não compensa. Penso que o bolo é extremamente pequeno para distribuir pelas necessidades reais”.

Principais dificuldades decorrentes da participação no Programa Cultura 2000
(números absolutos)
n = 69

[QUADRO 11]

Dificuldades decorrentes da participação	Total de ocorrências
A língua utilizada no formulário de candidatura.....	5
A obrigatoriedade/dificuldade de estabelecer parcerias.....	23
O escasso financiamento concedido.....	15
A lentidão do processo de selecção.....	15
A lentidão do processo de atribuição de financiamento.....	15
A complexa burocracia exigida.....	12
Os critérios de selecção adoptados.....	6
A falta de esclarecimentos sobre o Programa.....	8
A forte concorrência de outros países.....	2
Não sabe.....	6

(Pergunta de resposta múltipla)

Ainda em relação ao financiamento do Programa, é importante focar as dificuldades de alguns organismos na preparação das candidaturas por ausência de recursos humanos e materiais que lhes permitam assegurar esse investimento. Como se sabe, este tipo de despesas não são elegíveis pelo Programa.

De acordo com os depoimentos de alguns entrevistados, a elaboração das candidaturas implica recursos de que muitos organismos não dispõem. Para muitos, o investimento na preparação das candidaturas é um risco que não estão dispostos a assumir face à reduzida probabilidade das suas candidaturas virem a ser aprovadas. Mais uma vez a opção preferível e/ou possível é estar presente no Programa mas somente como Co-organizadores ou Parceiros.

O depoimento de um dos entrevistados reflecte o comportamento descrito:

“Tentei apresentar um novo projecto para o *Cultura 2000*, uma proposta de redes para 3 anos mas não consegui vender a minha ideia aqui, porque a resposta que me foi dada, unanimemente dentro da direcção (e que infelizmente pode ter alguma lógica), é que haverá a nível europeu 15 projectos aprovados de rede, o investimento e o trabalho preparatório é tão brutal e a possibilidade de ganhar é ínfima! - Nunca vamos receber!”.

4.4 Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa *Cultura 2000*

Além dos aspectos de índole mais pragmática que podem inviabilizar a presença portuguesa no *Cultura 2000*, tais como os referidos nos pontos anteriores, apuraram-se, a partir das entrevistas realizadas, questões de teor mais abrangente, algumas não directamente relacionadas com o Programa, e que são identificadas como factores estruturais que podem contribuir para a ausência de maior número de candidaturas portuguesas no *Cultura 2000*.

Essas questões foram organizadas segundo uma grelha que integra 4 eixos analíticos – i) a periferização do país; ii) a ausência de divulgação eficaz dos programas comunitários; iii) a carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional; iv) distanciamento do Programa face à realidade portuguesa¹⁶.

Começando pelo primeiro eixo analítico – *periferização do país* – são relevantes, por um lado, os aspectos relacionados com a *periferização geográfica*, ou seja, dificuldades geradas com a imposição da distância de Portugal relativamente ao centro da Europa e, por outro lado os aspectos relacionados com o que se pode designar de *periferização cultural*, sobretudo no que toca à limitada actividade e experiência atribuída aos agentes culturais portugueses comparativamente com a maioria dos agentes dos países europeus. De uma forma geral, tanto para os entrevistados que já apresentaram candidatura ao *Cultura 2000*, como para os que nunca o fizeram, as questões relacionadas com a *periferização cultural* são prementes e as que mais parecem justificar a fraca assiduidade de Portugal no *Cultura 2000*.

Atribui-se ao déficite cultural português da maioria das estruturas artísticas do país, as dificuldades relacionadas com a inexperiência de contacto com programas de financiamento comunitários e com a ausência de recursos humanos com formação específica habilitados a responder à exigência dos processos de candidatura:

“Não penso que as razões para a quase inexistência de candidaturas portuguesas tenha a ver com questões geográficas, penso que é mais uma questão política, económica e daquilo que é a cultura em Portugal. A organização da cultura em Portugal tem meia dúzia de anos, não há uma tradição, não estamos habituados a concorrer a concursos nem sabemos como se faz, nem habituados a controlos, vistorias. Há poucas estruturas de produção que tenham capacidade para isso, que tenham projectos válidos a nível internacional”.

“A actividade cultural intensa, em Portugal, é muito recente, as pessoas não estão ainda formadas, têm pouca experiência. Em Itália e em França dura há muitos anos. Quando se precisa de alguém para dirigir uma programação é muito difícil encontrar, porque não há quadros formados. É natural, começámos muito tarde, portanto vai demorar tempo até termos uma situação comparável à de outros países(...) Há sempre a desculpa de estarmos na periferia da Europa. É claro que quem está no centro da Europa tem mais facilmente acesso a outros países e sendo nós periféricos, é para nós mais difícil estabelecer esses contactos, isso é evidente. Mas a actividade é que não tem comparação possível, a dimensão cultural, comparada conosco não tem nada uma coisa a ver com a outra”.

“Penso que hoje não temos uma política cultural estrutural - há acções políticas e acções culturais que se vão sucedendo de uma maneira episódica, mas eu não vejo que haja propriamente um contínuo. Há uma periferia mental, e essa é que é muito mais grave! É a falta de estudo, falta de rigor, falta de interesse pelas coisas”.

“Há normas de interioridade e de inércia muito significativas no país; uma apatia grande, há elites locais que têm vontade e sabem identificar a oportunidade - não há cegueira e atraso em toda a parte -, o problema é que as pessoas estão sozinhas! Há pouca gente, é difícil juntar as competências necessárias para agarrar esta oportunidade... Portanto aquilo que falta um pouco é que lhes mostrem como se pode fazer”.

Alguns entrevistados, porém, consideram a vertente geográfica da periferização um aspecto central na análise das razões que podem eventualmente justificar a ausência de candidaturas portuguesas no Programa. Por norma, estas opiniões aparecem associadas a dificuldades monetárias sentidas com a itinerância de espectáculos e com a limitação de contactos internacionais que as estruturas artísticas portuguesas poderiam eventualmente estabelecer se estivessem no centro da Europa. Para alguns, a localização geográfica devia ser um critério a considerar na redefinição dos princípios que regem o Programa.

“A nossa ultraperiferia não é tida em conta de modo nenhum neste Programa. A distância é um factor determinante e eu nunca vi Portugal levantar esta questão. Diz-se muitas vezes que não concorremos por incapacidade associativa,

¹⁶ Reproduz-se, no final do Anexo 4, uma ilustração da grelha analítica construída para organizar o material das entrevistas, aqui abordado de acordo com estes 4 eixos de análise.

falta de organização, falta de profissionalismo... admito isso tudo, mas também deve ser dito que não se pode generalizar! Para alguns organismos admito que sim, para outros... no nosso ponto de vista, a questão que nos afecta é a falta de competitividade que advém sobretudo (não da falta de informação, não de falta de contactos, não de falta de capacidade financeira para montar projectos) mas da falta de competitividade natural que a distância nos impõe... é sempre mais caro chegar lá”.

“Uma coisa é estar no centro da Europa em termos geográficos e de oferta cultural, há exposições que estão sempre a ser feitas e que dificilmente virão a Lisboa porque é uma periferia cultural. Nós aí temos de investir muito mais para termos algumas exposições, vamos ter que gastar muito mais dinheiro que outros museus do centro da Europa . Mas em um preço que temos que pagar se não queremos estar excluídos completamente das rotas europeias”.

“Eu acho que nós temos um bocado essa desvantagem de estar mesmo cá em baixo e de termos só como fronteira o mar e Espanha. Enquanto eu para me reunir com eles tenho que meter no orçamento uma viagem de avião que não sai assim tão barato... eles podem meter uma de comboio, que lhes sai a menos de metade do preço! E portanto os orçamentos são muito mais equilibrados, mais baixos... para cumprir os objectivos: a mobilidade de artistas e a itinerância dos espectáculos a nível europeu, eu gasto uma fortuna em estadias e viagens para esta gente toda”.

Outra das razões frequentemente apontada pelos entrevistados para a fraca participação portuguesa no Programa refere-se à *pouca eficácia das estratégias de divulgação empreendidas*, sendo esta entendida como um problema estrutural de comunicação. No que respeita a esta questão são identificados dois tipos de problemas: por um lado, os entrevistados consideram que a informação sobre os programas comunitários não chega a todas as entidades com potencialidades para apresentarem candidaturas – sendo apontadas críticas à pouca regularidade e fraca disseminação geográfica das acções de divulgação empreendidas – por outro, consideram que a informação divulgada padece de falta de tratamento e sistematização. A este respeito, alguns entrevistados referem dificuldades em gerir a informação descontextualizada e sem explicações adicionais que recebem via correio electrónico.

“Eu duvido que alguma zona fronteiriça, nalguma cidade em Portugal próxima de Espanha, nalgumas estruturas, centros artísticos que eu conheço que trabalham nas proximidades, tenham tido consciência de que podiam ter utilizado o Programa Cultura 2000, sinceramente... acho que isso tem muito a ver também com uma questão que é portuguesa que é a filtragem da informação e a pouca importância que se dá à disseminação da informação, a informação que não é partilhada. Aqui em Lisboa eu tenho muita informação, posso deitá-la toda no lixo, mas o meu lixo poderá ser talvez a tábua de salvação de alguém que trabalha em Faro ou em Vila Real de Santo António ou em Bragança durante 3 anos... isso é lamentável, não devia acontecer”.

“Daquilo que eu me apercebi do funcionamento do PCC, só cativou público que já sabia. O trabalho de exploração não foi feito... Ou seja, nas reuniões que eu assisti - e assisti a algumas- estavam os grandes organismos que estão atentos a estas questões, estavam pessoas como o Fórum Dança ou o Clube Português de Artes e Ideias (são peritos nisto), na prática estava lá quem já estava atento, foram lá para tirar dúvidas- foi o meu caso. É uma falha gravíssima,

estamos na pré-história da divulgação das potencialidades dos diversos programas culturais, mas isto não é específico da cultura....”

“O aviso da abertura de candidaturas para uma estrutura que não teve nenhuma experiência anterior, que não sabe que pode beneficiar disto..., Dizem: está bem, ok, e agora o que é que eu faço a isto? Não sei, não tenho projecto nenhum. Portanto não vão fazer pedido nenhum. É claro que há meia dúzia de pessoas que estão sempre atentas, conhecem os mecanismos, já têm algum historial antes de solicitar apoios, isto é essencial para a sobrevivência de várias estruturas, mas para isso é preciso saber. Outras estruturas pelo país fora, não faço ideia nenhuma como é que podem fazer, não têm as relações internacionais que deviam ter”.

“Não fui convidado a participar em sessões de divulgação, nem sequer tive conhecimento que abordassem, como eu penso que deveriam abordar, a gestão dos fundos europeus e a melhor forma de aproveitar os fundos que a Europa põe à disposição de Portugal. Devia existir um serviço que para mim, no meu imaginário, pelo menos, devia cumprir funções desse tipo, ou seja, de contactar (não por ofício, mas pessoalmente, directamente) as instituições que podiam ser parceiros, incentivá-las, para lhes dar um apoio de retaguarda, pelo menos no início, para que as coisas se pusessem em marcha e depois, se possível, em cada serviço criar *know how* suficiente para se poderem manter autonomamente. É todo esse trabalho que não sinto que exista, conosco, pelo menos, nunca existiu”.

As limitações geográficas há pouco evocadas e as limitações orçamentais de grande parte das estruturas culturais portuguesas são aspectos que surgem como condicionantes da circulação de trabalho e dos contactos internacionais. Este é também um dos motivos porque alguns entrevistados consideram a *carência de apoios para a circulação e promoção do seu trabalho a nível internacional*, uma das razões estruturais que justificam a fraca participação no Programa.

“É necessário que o trabalho dos portugueses seja conhecido lá fora, é necessário que ajudem as organizações portuguesas a estarem presentes em eventos lá fora, que ajudem a que as entidades se conheçam, que os artistas se conheçam para que haja intercâmbios. Porque mesmo que seja um grupo de artistas que quer fazer coisas com outro grupo de artistas lá fora com trabalho semelhante, se nós não temos oportunidade do trabalho ser exposto lá fora, do trabalho ser visto, comunicar com os artistas e produtores lá fora, daí não nasce nada, não nascem convites, trabalhos conjuntos, é um terreno estéril”.

“Quando eu vejo países com um esforço promocional enorme, acho que essa é a grande lacuna da nossa política cultural: não há qualquer promoção da nossa cultura no estrangeiro (...) No caso da dança há uma maior actividade internacional, mas que se deve à iniciativa dos próprios grupos de dança (...) Em Portugal muito do que existe em termos de intercâmbios internacionais é desenvolvido pelos próprios criadores”.

Por último, um outro aspecto evocado como obstáculo à apresentação de candidaturas diz respeito à *distanciamento/inadequação do Programa face à realidade portuguesa*. Para alguns entrevistados este Programa comunitário está sobretudo delineado de acordo com as lógicas que estruturam a actividade cultural dos países mais desenvolvidos da Europa, não correspondendo às necessidades dos agentes culturais de outros países como Portugal. De uma forma geral,

consideram que os projectos apoiados estão sobretudo associados a grandes estruturas com forte capacidade financeira e experiência adquirida na gestão de grandes projectos, factores com os quais, de acordo com as opiniões recolhidas, as estruturas portuguesas dificilmente podem concorrer.

“Este programa privilegia grandemente os países do norte da Europa. Quer a linguagem utilizada, quer o dispositivo do regulamento, é feito segundo um modelo e uma forma de pensar e de organizar que não é comum aos países do sul. É concebido a partir de um modelo de estrutura e de uma tradição de décadas de organização, que não é necessariamente a única e com isso os países do sul são os mais prejudicados porque há uma desadequação entre a realidade e a grelha onde a querem colocar”.

“O programa não tem muito em conta a evolução cultural de Portugal, estamos mesmo muito atrasados em relação a outros países. O Programa está mais dirigido a grandes estruturas que tenham fundos próprios que possam investir, caso contrário é quase impossível. A conclusão a que chego, é que a Comissão gosta de projectos grandes, megalómanos e de grande visibilidade. Se forem coisas pequeninas, mesmo que sejam muito interessantes a nível artístico e cultural as possibilidades são muito reduzidas, e como lhes custa muito fazer as candidaturas, nem sequer vale a pena”.

“O que se vê nos projectos que são criados no estrangeiro, é que eles têm um apoio muito maior do próprio Estado, e isso faz com que os projectos tenham mais solidez, já têm os 40% assegurados, têm uma estrutura mais bem organizada... as pessoas que estão no júri vêem isso também. Pelo que tenho ouvido a França é o país que tem mais apoio na área da Cultura e é o que menos precisa, só que eles estão muito bem organizados e têm muitos projectos porque dão apoio concretamente na sua concepção...assim é muito mais fácil arranjar um co-financiamento”.

Para outros entrevistados, no entanto, embora reconhecendo as dificuldades de Portugal acompanhar o Programa, não encaram como solução viável a redefinição dos princípios que regem o *Cultura 2000* à luz do que são as necessidades “primárias” dos países culturalmente menos desenvolvidos. Para estes a solução passa sobretudo por alterações estruturais no domínio das políticas culturais e, em termos mais específicos, na alteração de comportamentos e de representações associadas à formalização de candidaturas.

“Penso que o Programa chega para responder aos objectivos que se propõe, nós é que não chegamos lá. O Programa responde a necessidades de circulação de músicos, de *workshops*, de todo esse trabalho de intercâmbios, de experiências musicais, ou de teatro e dança, é um estímulo forte, acho que há todo o interesse em promover esse tipo de experiências, a dificuldade é nossa”.

“Acho muito mau continuarmos a pressupor que as coisas em Portugal têm de ser organizadas de maneira diferente; acho que isso é imediatamente diferenciador. (...)... nós analisamos as candidaturas de 2001 e 2002 e vemos a quantidade de projectos que foram apoiados e não são projectos complicados, não são projectos megalómanos, não me parecem estar aquém daquilo que seria possível implementar em Portugal; era necessário desmistificar o mais possível esse bicho de sete cabeças que é instruir um processo de candidatura.”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS / SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES

O capítulo final procura sintetizar os principais resultados alcançados neste diagnóstico, identificando os factores que parecem contribuir mais para a definição dos comportamentos e dificuldades dos agentes culturais portugueses no recurso ao Programa *Cultura 2000*.

De uma forma geral, o capítulo 2 permitiu objectivar as impressões mais comuns relativamente à participação portuguesa no Programa *Cultura 2000*. Além de ser escassa, decresceu ao longo dos três anos de vigência do Programa, caracterizando-se fundamentalmente por ser resultado da integração em projectos de outros países (Co-organizações ou Parcerias).

No que respeita à caracterização dos organismos, de acordo com os resultados apurados, excluindo o facto da maioria dos organismos inquiridos serem oriundos da região de Lisboa e Vale do Tejo, não se identificam outros elementos de caracterização que discriminem significativamente a sua participação no Programa *Cultura 2000*. Dito de outro modo, o facto de serem entidades com estatuto público ou privado ou de terem actividades em diferentes domínios do sector cultural/artístico, não parecem ser factores influentes que expliquem a maior ou menor participação no Programa *Cultura 2000*.

De facto, são os organismos localizados na região de Lisboa e Vale do Tejo os que mais participam no Programa, mas ao contrário do que se poderia supor, esta evidência não está directamente relacionada com a maior facilidade de acesso à estrutura que tem por função promover o Programa que, como se sabe, está sediada em Lisboa. Como se viu, o modo de conhecimento do Programa mais frequente é através do contacto com outros agentes culturais. A explicação para a maior representação de organismos oriundos da região de Lisboa e Vale do Tejo prender-se-á com aspectos mais abrangentes tais como a proximidade do centro de produção artística e cultural mais relevante do país.

Através das entrevistas, contudo, percebe-se que existe um conjunto de factores que propiciam que determinadas estruturas estejam presentes no Programa. Assim, a experiência decorrente da participação noutros Programas comunitários, tal como os contactos internacionais adquiridos, são dois requisitos essenciais que favorecem a apresentação de candidaturas ao *Cultura 2000*.

De uma forma geral, a reduzida presença de organismos portugueses no *Cultura 2000* parece estar relacionada sobretudo com dois aspectos de fundo: por um lado, reduzida eficácia de divulgação do Programa; por outro, ausência de contactos internacionais prévios que permitam

aos organismos estabelecer as parcerias exigidas. Um outro factor, de natureza prática, está relacionado com a dificuldade em cumprir os requisitos administrativos do Programa dada a exigência que muitos dos organismos inquiridos atribuem à instrução do processo de candidatura.

De acordo com as principais dificuldades apuradas através do inquérito por questionário e das entrevistas realizadas, elaboraram-se alguns quadros síntese onde se elenca um conjunto de elementos que parecem condicionar a presença portuguesa no Programa. Neles são identificadas as principais limitações apuradas e avançadas sugestões/recomendações que podem, eventualmente, contribuir para o alargamento da presença portuguesa no *Cultura 2000*. Note-se que os factores identificados, – nomeadamente as estratégias de divulgação/promoção do Programa; os problemas relacionados com a formalização de candidaturas e as dificuldades no estabelecimento de parcerias – são aspectos estreitamente relacionados com as actividades do Ponto de Contacto Cultural português, razão porque as principais recomendações incidem, sobretudo, na melhoria das condições de funcionamento deste serviço.

Assim, um dos primeiros aspectos a considerar são as *acções de promoção e divulgação do Programa*, notoriamente insuficientes e pouco adequadas (Quadro 1). As recomendações incidem, em primeira instância, na criação de uma base de dados com elementos de caracterização dos agentes culturais portugueses, sendo este um meio de conhecer os potenciais destinatários das acções de promoção e divulgação.

[Quadro 1]

Estratégias de divulgação e promoção do Programa <i>Cultura 2000</i>	
Limitações	<p>Conhecimento insuficiente dos agentes culturais portugueses e das suas actividades.</p> <p>Sessões de divulgação esporádicas e pouco disseminadas no país.</p>
Recomendações	<p>Constituição de uma base de dados de caracterização dos agentes culturais portugueses (identificando, por exemplo, área artística em que desenvolvem actividade, localização geográfica, espectáculos realizados, principais circuitos internacionais, entre outros).</p> <p>Promoção de sessões de esclarecimento/divulgação do Programa mais regulares e dispersas no país incluindo outras zonas além dos principais centros urbanos.</p> <p>Incluir nos conteúdos das sessões de divulgação exemplos de candidaturas bem sucedidas.</p> <p>Inclusão de módulos dedicados à apresentação do Programa <i>Cultura 2000</i> em iniciativas institucionais no âmbito do MC e noutras que, pela sua natureza, possam ser receptivas.</p> <p>Utilização de prospectos ou outros suportes semelhantes de promoção do Programa com distribuição nos principais pontos de divulgação (institutos, associações, equipamentos culturais; escolas superiores, etc.)</p> <p>Destaques para o Programa no <i>site</i> do MC na internet e noutros <i>sites</i> com divulgação no âmbito da cultura.</p> <p>Levantamento anual junto da CE dos projectos portugueses apoiados e recusados e criação, por parte do PCC, de instrumentos de auto-avaliação das suas principais actividades. Por exemplo, através de inquérito por questionário junto dos agentes culturais apurar modos de conhecimento do Programa e principais dificuldades na formalização de candidaturas.</p>

Outro aspecto essencial refere-se à necessidade de maior regularidade e disseminação de acções de divulgação/esclarecimento do Programa, sendo crucial que se realizem não só em grandes centros urbanos mas noutros pontos do país, abrangendo núcleos com dinâmicas reconhecidas no domínio da cultura.

Entre outras recomendações considerados no quadro 1 importa também realçar a importância da utilização de instrumentos de avaliação das acções de promoção do Programa, funcionando estes como meios de aferição/adequação das estratégias de divulgação empreendidas.

Um outro eixo da análise que se evidenciou perturbador da presença portuguesa no *Cultura 2000* diz respeito às *dificuldades encontradas na instrução dos processos de candidatura*, sendo um dos principais obstáculos à participação no Programa (Quadro 2). Para obviar este problema as recomendações incidem sobretudo na promoção do apoio prestado pelo PCC no acompanhamento técnico das candidaturas em todas as acções de divulgação, assim como na dotação de mais funcionários naquela estrutura com habilitações especializadas para apoiar a instrução do processo de candidatura – tanto no que se refere aos seus conteúdos, como à sua execução orçamental.

[Quadro 2]

A formalização de candidaturas	
Limitações	Dificuldades manifestadas pelos agentes culturais na instrução do processo de candidatura, sendo este um obstáculo à apresentação de candidaturas.
Recomendações	Divulgação do apoio técnico à formalização de candidaturas proporcionado pela equipa do PCC em todas as acções de promoção e divulgação do Programa. Habilitações especializadas por parte dos funcionários do PCC para acompanhamento das candidaturas, tanto no que respeita aos conteúdos dos projectos como à sua execução orçamental.

No que se refere às dificuldades manifestadas pelos agentes culturais em cumprir o requisito obrigatório de *estabelecer parcerias internacionais* (Quadro 3), as recomendações dirigem-se sobretudo à necessidade de organizar e sistematizar a informação sobre os projectos que solicitam parcerias. Uma vez resolvida essa necessidade, proceder à sua divulgação, quer através da internet, quer promovendo reuniões de trabalho com agentes culturais com actividades compatíveis com as solicitações feitas.

[Quadro 3]

O estabelecimento de parcerias internacionais	
Limitações	Dificuldades, por parte dos agentes culturais, em encontrar parceiros internacionais que integrem os projectos candidatos, sendo este um obstáculo à apresentação de candidaturas.
Recomendações	Sistematização de informação sobre os projectos estrangeiros e nacionais com solicitação de parceiros, identificando áreas onde se inscrevem, objectivos dos projectos e outras informações pertinentes sobre as entidades organizadoras.
	Criação de um site autónomo para as actividades do PCC, com destaque para o Cultura 2000, que integre divulgação de informação organizada sobre os projectos que solicitam parcerias.
	Organização de reuniões de trabalho para divulgação de projectos que solicitem parcerias.

A viabilidade das recomendações atrás mencionadas passa, obviamente, pela dotação do PCC com adequados meios humanos e materiais, uma vez ser esta a estrutura responsável tanto pelas acções de divulgação como pelo apoio na formalização de candidaturas (Quadro 4).

[Quadro 4]

Reorganização do PCC	
Limitações	Ausência de uma coordenação efectiva das actividades do PCC.
	Recursos humanos insuficientes.
	Recursos materiais insuficientes
Recomendações	Necessidade de planificação e coordenação das actividades desenvolvidas pelo PCC.
	Contratação de mais funcionários com habilitações para o acompanhamento técnico das candidaturas.
	Restabelecimento do contrato com a Comissão Europeia.

Resumindo de forma particularmente esclarecedora e sintética as questões que a participação no Programa levanta, um dos entrevistados refere lapidariamente: “o ponto que me parece importante é as pessoas saberem que existe o Programa, saberem que podem candidatar-se e saberem como podem apresentar a candidatura”.

Anexo 1

– Questionários –

Anexo 2

– Quadros do Capítulo 2 –

Anexo 3

– Quadros do Capítulo 4 –

Anexo 4

– Grelha de análise das entrevistas –

(A preencher pelo OAC)

[1] Número do questionário			
Date	/	/	2002

QUESTIONÁRIO A

O presente questionário é parte integrante de um projecto de investigação encomendado pelo Gabinete de Relações Internacionais (GRI) ao Observatório das Actividades Culturais (OAC) e tem como objectivo avaliar a receptividade e o impacto do Programa Cultura 2000 em Portugal. O OAC garante a confidencialidade das respostas e o seu uso exclusivo para fins científicos. Agradecemos antecipadamente a disponibilidade para responder ao conjunto de questões que se seguem.

BLOCO I

P.1 Tem conhecimento do Programa Cultura 2000?
(assinale com X na opção pretendida)

Sim..... [2]
 Não..... → preencha, por favor, o **BLOCO II** deste questionário

P.2 O seu organismo candidatou-se alguma vez ao Programa Cultura 2000?
(assinale com X na opção pretendida)

Sim..... [3]
 Não..... → preencha, por favor, o **QUESTIONÁRIO B**

P.3 Como teve conhecimento do Programa Cultura 2000?
(assinale com X nas opções pretendidas)

[4] Através da comunicação social.....
 [5] Através do Ponto de Contacto Cultural (PCC).....
 [6] Através do Gabinete de Relações Internacionais (GRI).....
 [7] Através do contacto com outros agentes culturais.....
 [8] De outra(s) forma(s)
 [9] Qual(ais).....

P.4 Tendo conhecimento do Programa Cultura 2000, porque razão(ões) o seu organismo nunca se candidatou?
(assinale com X nas opções pretendidas)

- | | |
|---|--------------------------|
| [10] É um processo de candidatura complexo e exigente..... | <input type="checkbox"/> |
| [11] Nunca encontrou os parceiros exigidos pelos requisitos obrigatórios..... | <input type="checkbox"/> |
| [12] O apoio financeiro concedido é escasso..... | <input type="checkbox"/> |
| [13] Opta por candidatar-se a outros Programas de apoio comunitário..... | <input type="checkbox"/> |
| [14] Considera que teria poucas hipóteses perante as candidaturas de outros países..... | <input type="checkbox"/> |
| [15] As actividades que desenvolve não se enquadram nas áreas abrangidas pelo Programa..... | <input type="checkbox"/> |
| [16] Considera que a informação obtida sobre a candidatura não foi suficientemente esclarecedora..... | <input type="checkbox"/> |
| [17] Não tem interesse em divulgar os projectos do organismo de que é responsável..... | <input type="checkbox"/> |
| [18] Não entregou o formulário de candidatura na data prevista..... | <input type="checkbox"/> |
| [19] Nunca teve oportunidade..... | <input type="checkbox"/> |
| [20] Outra(s) razão(ões)..... | <input type="checkbox"/> |
| [21] Qual(ais)..... | <input type="checkbox"/> |

P.5 Se o organismo que representa viesse a candidatar-se qual a área artística em que gostaria de apresentar a candidatura?
(assinale com X nas opções pretendidas)

- | | |
|--|--------------------------|
| [22] Património Cultural..... | <input type="checkbox"/> |
| [23] Livro e Leitura..... | <input type="checkbox"/> |
| [24] Tradução..... | <input type="checkbox"/> |
| [25] Artes do espectáculo (música, dança, teatro)..... | <input type="checkbox"/> |
| [26] Artes visuais..... | <input type="checkbox"/> |
| [27] Cooperação cultural..... | <input type="checkbox"/> |
| [28] Audiovisual e multimédia..... | <input type="checkbox"/> |
| [29] Outra(s)..... | <input type="checkbox"/> |
| [30] Qual(ais)..... | <input type="checkbox"/> |

BLOCO II

CARACTERIZAÇÃO DO ORGANISMO

Estatuto Jurídico

(assinale com X na opção pretendida)

Privado.....	[31]
Público.....	<input type="checkbox"/>
Outro.....	<input type="checkbox"/>
[32] Qual _____	

Localização

[33] Localidade _____

[34] Concelho _____

Actividades habituais desenvolvidas pelo organismo

[35] Artística.....	<input type="checkbox"/>
[36] Investigação.....	<input type="checkbox"/>
[37] Produção de eventos culturais.....	<input type="checkbox"/>
[38] Edição/Publicação.....	<input type="checkbox"/>
[39] Formação profissional e ensino.....	<input type="checkbox"/>
[40] Acção social.....	<input type="checkbox"/>
[41] Outra(s).....	<input type="checkbox"/>
[42] Qual(ais) _____	

OBSERVAÇÕES (comentários que considere oportunos relativamente ao Programa Cultura 2000)

Obrigado pelo tempo despendido. Além da análise dos resultados do questionário a que acabou de responder, o estudo da receptividade e impacto do Programa Cultura 2000 inclui uma segunda fase que contempla entrevistas. Nesse sentido, gostaríamos de poder contar consigo para um eventual contacto. Em caso afirmativo, indique nome e forma de o(a) contactar

Nome _____

Contacto _____

Agradecendo antecipadamente,

A Equipa.

(Para quaisquer esclarecimentos contacte, por favor, Vanda Lourenço ou Sara Duarte).

(A preencher pelo OAC)

[1] Número do questionário			
Data	/	/	2002

QUESTIONÁRIO B

O presente questionário é parte integrante de um projecto de investigação encomendado pelo Gabinete de Relações Internacionais (GRI) ao Observatório das Actividades Culturais (OAC) e tem como objectivo avaliar a receptividade e o impacto do Programa Cultura 2000 em Portugal. O OAC garante a confidencialidade das respostas e o seu uso exclusivo para fins científicos. Agradecemos antecipadamente a disponibilidade para responder ao conjunto de questões que se seguem.

Nota importante: as perguntas relativas às candidaturas apresentadas reportam-se a todos os projectos submetidos à avaliação da Comissão Europeia no âmbito do Programa Cultura 2000, incluindo os que não foram seleccionados.

P.1 Quantas candidaturas apresentou o organismo, até agora, ao programa Cultura 2000?

Ano	Nº de candidaturas
[2] 1999*	
[3] 2000.....	
[4] 2001.....	
[5] 2002.....	
[6] 2003.....	

*A inclusão de ano de 1999 (ano experimental que antecedeu a abertura do Programa) prende-se com o facto deste ter sido um ano com especial adesão por parte de agentes culturais portugueses.

P.2 Em que área(s) artística(s) o organismo se candidatou ao programa Cultura 2000 e qual o resultado das candidaturas?

Áreas	Nº de candidaturas		
	Seleccionadas	Pré- Seleccionadas	Recusadas
[7] Património Cultural.....			
[8] Livro e Leitura.....			
[9] Tradução.....			
[10] Artes do espectáculo (música, dança, teatro).....			
[11] Artes visuais.....			
[12] Cooperação cultural.....			
[13] Audiovisual e multimédia.....			
[14] Outra. Qual			
[15] Outra. Qual			
[16] Outra. Qual			

P.3 Indique o número de vezes em que o organismo apresentou candidaturas no programa Cultura 2000 como *Organizador*, *Co-organizador* e *Parceiro* e qual o resultado das candidaturas.

Modalidade de participação	Nº de candidaturas		
	Seleccionadas	Pré- Seleccionadas	Recusadas
[17] Organizador.....			
[18] Co-organizador.....			
[19] Parceiro.....			

P.4 De que forma foram estabelecidas parcerias com outros países?
(assinale com X nas opções pretendidas)

- | | |
|---|--------------------------|
| [20] Foi-nos proposta a integração no projecto por outros parceiros..... | <input type="checkbox"/> |
| [21] Propondo a nossa própria participação em projectos nacionais e internacionais..... | <input type="checkbox"/> |
| [22] Reactivando antigas parcerias..... | <input type="checkbox"/> |
| [23] Por indicação do Ponto de Contacto Cultural..... | <input type="checkbox"/> |
| [24] Divulgando o projecto nos Pontos de Contacto Cultural estrangeiros..... | <input type="checkbox"/> |
| [25] De outra(s) forma(s)..... | <input type="checkbox"/> |
| [26] Qual (ais) _____ | |
| [27] Não sabe..... | <input type="checkbox"/> |

P.5 De que forma o organismo teve conhecimento do Programa Cultura 2000?
(assinale com X nas opções pretendidas)

- | | |
|---|--------------------------|
| [28] Através da Comunicação Social..... | <input type="checkbox"/> |
| [29] Através do Ponto de Contacto Cultural (PCC) nacional..... | <input type="checkbox"/> |
| [30] Através do GRI (Gabinete de Relações Internacionais)..... | <input type="checkbox"/> |
| [31] Através das sessões de divulgação apresentadas pelo PCC..... | <input type="checkbox"/> |
| [32] Através do contacto com outros agentes culturais..... | <input type="checkbox"/> |
| [33] Através de outros Programas europeus..... | <input type="checkbox"/> |
| [34] De outra forma..... | <input type="checkbox"/> |
| [35] Qual(ais) _____ | |
| [36] Não sabe..... | <input type="checkbox"/> |

P.6 Que países integraram os projectos candidatos ao Programa Cultura 2000 e em que modalidade - *Organizador, Co-organizador* ou *Parceiro*. (assinale com X nas opções pretendidas)

Países	Modalidades		
	Org.	Co-org.	Parceiro
[37] Alemanha.....			
[38] Áustria.....			
[39] Bélgica.....			
[40] Dinamarca.....			
[41] Espanha.....			
[42] Finlândia.....			
[43] França.....			
[44] Grécia.....			
[45] Irlanda.....			
[46] Itália.....			
[47] Luxemburgo....			
[48] Holanda.....			
[49] Reino Unido....			
[50] Suécia.....			
[51] Outros.....			

P.7 Como considera, em termos de requisitos exigidos, o processo de candidatura ao Programa Cultura 2000? (utilize a escala de 1 a 5, sendo 1= **muito simples**; 2= **simples**; 3= **acessível**; 4= **exigente** e 5= **muito exigente**).

[52] 1 2 3 4 5

P.8 Na sua opinião, quais os factores que mais dificultam o processo de candidatura? (assinale com X nas opções pretendidas)

- [53] A língua (inglês) utilizada no formulário de candidatura.....
- [54] A obrigatoriedade/dificuldade de estabelecer parcerias.....
- [55] O escasso financiamento concedido.....
- [56] A lentidão do processo de selecção.....
- [57] A lentidão do processo de atribuição de financiamento.....
- [58] Outra(s) razão(ões).....
- [59] Qual(ais).....
- [60] Não sabe.....

P.9 Indique qual ou quais, as razões que motivaram a apresentação de candidaturas ao Programa Cultura 2000. (assinale com X nas opções pretendidas)

- [61] A oportunidade de estabelecer contactos com outros agentes culturais.....
- [62] A oportunidade de divulgar trabalho no estrangeiro.....
- [63] A oportunidade de integrar redes internacionais.....
- [64] O apoio financeiro obtido necessário à concretização dos projectos.....
- [65] A oportunidade de formar profissionalmente os recursos humanos do organismo candidato.....
- [66] Outra(s) razão(ões).....
- [67] Qual(ais).....
- [68] Não sabe.....

VSFF→

CARACTERIZAÇÃO DO ORGANISMO CANDIDATO

Estatuto Jurídico

(assinale com X na opção pretendida)

Privado.....	[69]
Público.....	
Outro.....	
[70] Qual _____	

Localização

[71] Localidade _____

[72] Concelho _____

Actividades habituais desenvolvidas pelo organismo

(assinale com X nas opções pretendidas)

[73] Artística.....	
[74] Investigação.....	
[75] Produção de eventos culturais.....	
[76] Edição/Publicação.....	
[77] Formação profissional e ensino.....	
[78] Acção social.....	
[79] Outra(s).....	
[80] Qual(ais) _____	

OBSERVAÇÕES (comentários que considere oportunos relativamente ao Programa Cultura 2000)

Obrigado pelo tempo despendido. Além da análise dos resultados do questionário a que acabou de responder, o estudo da receptividade e impacto do Programa Cultura 2000 inclui uma segunda fase que contempla entrevistas. Nesse sentido, gostaríamos de poder contar consigo para um eventual contacto. Em caso afirmativo, indique nome e forma de o(a) contactar

Nome _____

Contacto _____

Agradecendo antecipadamente,

A Equipa.

(Para quaisquer esclarecimentos contacte, por favor, Vanda Lourenço ou Sara Duarte).

ANEXOS

Participações no Programa Cultura 2000 por ano e modalidade de participação
(percentagem em linha)

[QUADRO I]

Ano	2000			2001			2002		
	Org.	Co-org.	Total	Org.	Co-org.	Total	Org.	Co-org.	Total
Alemanha	15,5	84,5	110	25,5	74,5	55	20,0	80,0	80
Áustria	17,9	82,1	39	36,4	63,6	22	30,2	69,8	43
Bélgica	21,2	78,8	66	27,8	72,2	36	26,9	73,1	26
Dinamarca	16,0	84,0	25	31,6	68,4	19	25,0	75,0	20
Espanha	13,9	86,1	72	30,5	69,5	59	21,7	78,3	69
Finlândia	6,8	93,2	44	26,9	73,1	26	27,3	72,7	22
França	31,2	68,8	125	31,0	69,0	84	34,9	65,1	63
Grécia	21,4	78,6	42	39,5	60,5	38	33,3	66,7	45
Holanda	18,2	81,8	44	21,2	78,8	33	33,3	66,7	33
Irlanda	11,8	88,2	17	0,0	100,0	7	40,0	60,0	10
Itália	19,5	80,5	128	41,3	58,7	92	41,1	58,9	107
Luxemburgo	16,7	83,3	12	18,2	81,8	11	40,0	60,0	5
Portugal	10,0	90,0	30	8,7	91,3	23	11,1	88,9	18
Reino Unido	13,5	86,5	74	10,9	89,1	46	23	76,6	47
Suécia	15,4	84,6	39	34,6	65,4	26	34,3	65,7	35
Liechtenstein	0,0	0,0	0	0,0	0,0	0	0,0	0,0	0
Islândia	22,2	77,8	9	50,0	50,0	4	80,0	20,0	5
Noruega	20,0	80,0	20	47,6	52,4	21	36,8	63,2	19
PECOS	0,0	100,0	23	14,9	85,1	67	22,8	77,2	123
Outros	0,0	100,0	6	0,0	0,0	0	0,0	0,0	0
Total	17,8	82,2	925	28,3	71,7	669	29,1	70,9	770

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

Candidaturas apresentadas ao Programa Cultura 2000 por anos e países
(percentagem em coluna)

[QUADRO II]

Ano	2000	2001	2002
Alemanha	8,1	7,1	8,3
Áustria	3,2	4,1	4,4
Bélgica	6,0	4,4	4,6
Dinamarca	2,2	3,7	1,8
Espanha	11,1	9,9	9,9
Finlândia	1,3	2,1	1,8
França	16,6	13,7	7,9
Grécia	7,4	6,7	6,7
Holanda	2,1	3,2	3,0
Irlanda	1,7	1,1	1,2
Itália	27,6	20,7	22,9
Luxemburgo	1,1	0,7	0,9
Portugal	3,5	1,6	0,9
Reino Unido	3,9	3,5	4,4
Suécia	2,2	2,8	3,9
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0
Islândia	0,4	0,7	1,2
Noruega	1,4	3,7	1,8
PECOS	0,0	9,8	13,9
Outros	0,0	0,4	0,2
Total	991	564	432

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

**Candidaturas seleccionadas no Programa Cultura 2000
entre 2000 e 2003, por ano e países**
(percentagem em linha)

[QUADRO III]

País	2000	2001	2002
Alemanha	36,2	29,8	34,0
Áustria	25,0	28,6	46,4
Bélgica	45,2	32,3	22,6
Dinamarca	26,7	40,0	33,3
Espanha	23,3	41,9	34,9
Finlândia	18,8	43,8	37,5
França	44,8	29,9	25,3
Grécia	23,1	38,5	38,5
Holanda	30,8	26,9	42,3
Irlanda	33,3	0,0	66,7
Itália	23,4	35,5	41,1
Luxemburgo	33,3	33,3	33,3
Portugal	42,9	28,6	28,6
Reino Unido	38,5	19,2	42,3
Suécia	22,2	33,3	44,4
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0
Islândia	25,0	25,0	50,0
Noruega	19,0	47,6	33,3
PECOS	0,0	26,3	73,7
Outros	0,0	0,0	0,0
Total	28,5	32,7	38,8

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

Candidaturas seleccionadas no Programa Cultura 2000, por ano e países
(percentagem em coluna)

[QUADRO IV]

Ano/país	2000	2001	2002
Alemanha	10,3	7,4	7,1
Áustria	4,2	4,2	5,8
Bélgica	8,5	5,3	3,1
Dinamarca	2,4	3,2	2,2
Espanha	6,1	9,5	6,7
Finlândia	1,8	3,7	2,7
França	23,6	13,8	9,8
Grécia	5,5	7,9	6,7
Holanda	4,8	3,7	4,9
Irlanda	1,2	0,0	1,8
Itália	15,2	20,1	19,6
Luxemburgo	1,2	1,1	0,9
Portugal	1,8	1,1	0,9
Reino Unido	6,1	2,6	4,9
Suécia	3,6	4,8	5,4
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0
Islândia	1,2	1,1	1,8
Noruega	2,4	5,3	3,1
PECOS	0,0	5,3	12,5
Total	165	189	224

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC.

Candidaturas seleccionadas no Programa Cultura 2000 por tipo de acção e países
(percentagem em linha)

[QUADRO V]

País	Acção 1	Acção 2	Acção 3	Total
Alemanha	78,7	21,3	0	47
Áustria	71,4	25,0	3,6	28
Bélgica	77,4	22,6	0,0	31
Dinamarca	86,7	13,3	0,0	15
Espanha	93,0	4,7	2,3	43
Finlândia	75,0	25,0	0,0	16
França	86,2	13,8	0,0	87
Grécia	92,3	7,7	0,0	39
Holanda	84,6	15,4	0,0	26
Irlanda	83,3	16,7	0,0	6
Itália	89,7	6,5	3,7	107
Luxemburgo	66,7	33,3	0,0	6
Portugal	71,4	14,3	14,3	7
Reino Unido	88,5	11,5	0,0	26
Suécia	81,5	14,8	3,7	27
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0	0
Islândia	100,0	0,0	0,0	8
Noruega	90,5	4,8	4,8	21
PECOS	97,4	2,6	0,0	38
Total	498	71	9	578

Fonte: Comissão Europeia, GRI e OAC

Nota: Para o ano 2000 não foram considerados os projectos de tradução, por ausência de dados, assim como a participação dos PECOS, pela impossibilidade de se candidatarem enquanto organizadores no 1º ano de aplicação do Programa Cultura 2000

No ano 2002 não foi desenvolvida a Acção 3

Candidaturas seleccionadas por áreas, por países e anos
(percentagem em coluna)

Ano	2000					2001					2002				
	Património Cultural	Performance/ Artes Visuais e Aplicadas	Livros e Leitura	Cooperação	Património Cultural	Criação Artística e Literária	Livros e Leitura	História e Conhecimento Comum	Cooperação com terceiros	Verdi	Património Cultural	Artes Visuais	Artes Performativas	Livros e Leitura	Traduções
Alemanha	10,4	10,6	9,5	0	12,5	12	0,0	4	0,0	0,0	16,7	9,2	0,0	0,0	2,0
Áustria	3,9	6,1	0,0	0	2,5	5,3	2,3	0,0	0,0	0,0	16,7	5,9	4,3	11,1	0,0
Bélgica	7,8	12,1	0,0	0	7,5	8,0	0,0	4	0,0	0,0	0,0	3,4	8,7	11,1	0,0
Dinamarca	2,6	1,5	4,8	0	0,0	1,3	9,3	0,0	0,0	0,0	0,0	1,7	4,3	0,0	4,1
Espanha	10,4	3,0	0,0	0	15	8,0	0,0	20	0,0	0,0	0,0	7,6	8,7	11,1	8,2
Finlândia	2,6	1,5	0,0	0	5,0	2,7	4,7	4,0	0,0	0,0	0,0	4,2	0,0	0,0	2,0
França	16,9	28,8	33,3	0	17,5	17,3	4,7	8,0	0,0	0,0	12,5	11,8	13,0	22,2	0,0
Grécia	7,8	4,5	0,0	0	5,0	4,0	20,9	4,0	0,0	0,0	0,0	2,5	4,3	0,0	22,4
Holanda	2,6	6,1	9,5	0	0,0	5,3	7,0	4,0	0,0	0,0	8,3	2,5	8,7	22,2	4,1
Irlanda	1,3	1,5	0,0	0	0,0	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	4,2	0,8	4,3	0,0	0,0
Itália	19,5	9,1	14,3	100	27,5	20,0	11,6	24,0	50,0	100,0	16,7	26,9	21,7	0,0	6,1
Luxemburgo	1,3	1,5	0,0	0	0,0	1,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,8	4,3	0,0	0,0
Portugal	2,6	1,5	0,0	0	0,0	0,0	0,0	4,0	50,0	0,0	8,3	0,0	0,0	0,0	0,0
Reino Unido	5,2	3,0	19,0	0	2,5	1,3	2,3	4,0	0,0	0,0	4,2	6,7	0,0	22,2	0,0
Suécia	3,9	1,5	9,5	0	0,0	2,7	4,7	4,0	0,0	0,0	0,0	5,9	0,0	0,0	10,2
Liechtenstein	0,0	0,0	0,0	0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Islândia	0,0	3,0	0,0	0	0,0	0,0	2,3	4,0	0,0	0,0	0,0	0,8	0,0	0,0	6,1
Noruega	1,3	4,5	0,0	0	2,5	2,7	16,3	0,0	0,0	0,0	4,2	0,0	4,3	0,0	10,2
PECOS	0,0	0,0	0,0	0	0,0	6,7	4,7	12,0	0,0	0,0	8,3	9,2	13,0	0,0	24,5
Outros	0,0	0,0	0,0	0	2,5	0,0	9,3	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total Cand.	77	66	21	1	40	75	43	25	2	2	24	119	23	9	49

Fonte: GRI e OAC. A informação relativa às áreas de candidatura teve por fonte a informação oriunda do GRI, não sendo compatível com os totais apurados pela Comissão Europeia. Este facto terá provavelmente relacionado com alterações introduzidas à posteriori nos dados da Comissão Europeia. Por esta razão, os dados aqui fornecidos são meramente indicativos.

Nota: Para a área de tradução, no ano 2000, não há informação disponível.

Sessões de divulgação do Programa Cultura 2000 organizadas pelo Ponto de Contacto Cultural português

QUADRO [I]

Sessões	Título	Data	Local	Conteúdos
1	Os Programas Culturais Europeus Rafael, Caleidoscópico e Ariane. Um novo encetar da Cultura: Cultura 2000*	18 DEZ 1998	Lisboa	Sem informação
2	II Seminário de discussão e análise dos Apelos à Candidatura dos Programas Rafael e Caleidoscópico*	28 JAN 1999	Jean Monnet/ Lisboa	- Papel PCC; - Apresentação Rafael - Experiência FRESS no Rafael - Apresentação do Caleidoscópico - Apresentação do Programa Cultura 2000 - Experiência IPAE no Caleidoscópico
3	III Seminário de Divulgação/ Seminário de discussão e análise dos Apelos à Candidatura dos Programas Rafael e Caleidoscópico*	5 FEV 1999	Lisboa	- Papel PCC face aos programas: Rafael, Ariane e Caleidoscópico; - Apresentação Cultura 2000; - Experiências de participação no Rafael (Univ Minho/ AMVAVE- Vale do Ave); - Experiência do IPAE no Caleidoscópico
4	IV Seminário Esclarecimento/ Seminário de análise para um preenchimento correcto dos Formulários dos Programas Caleidoscópico e Rafael- Apelo às candidaturas para 1999	26 FEV 1999	Jean Monnet/ Lisboa	- Programa Caleidoscópico - Programa Rafael - análise dos formulários e dos projectos elaborados.
5	Seminário de análise para um preenchimento correcto dos Formulários do Programa Rafael- Apresentação do Programa Ariane para 1999	10 MAR 1999	Casa das Artes/ Porto	- Programa Rafael (análise do preenchimento dos formulários 1999); - Programa Ariane (Apresentação do programa e informações sobre o Convite à Apresentação de Candidaturas, 1999)
6	VI Seminário de Esclarecimento	24 MAR 1999	Jean Monnet/ Lisboa	- Apresentação Cultura 2000 ; - Rafael: formulário passo a passo; - Rafael: duas experiências práticas de candidaturas; - Ariane: convite à apresentação de candidaturas 1999
7	VII Seminário de Esclarecimento Ariane	30 ABR 1999	Porto	- Programa, convite e Ficha de inscrição - O livro e a Leitura em Portugal (IPLB)
8	VIII Seminário de Esclarecimento Ariane	4 MAI 1999	Porto	- A Cultura e o Desenvolvimento Regional - A Educação e a Cultura
9	Forum Culturalgarve (IX Seminário do PCC)	28 MAI 1999	Faro	- Apresentação do Cultura 2000
10	Seminário de Esclarecimento	2 JUL 1999	Jean Monnet/ Lisboa	Sem informação - Análise do Convite à apresentação de Propostas (CONNECT e Acções Experimentais Cultura 2000)
11	Seminário de Esclarecimento	5 JUL 1999	Casa das Artes/ Porto	- Análise do Convite à apresentação de Propostas (CONNECT e Acções Experimentais Cultura 2000)

Sessões	Título	Data	Local	Conteúdos
12	XI Seminário de Esclarecimento	16 NOV 1999	Jean Monnet/ Lisboa	<ul style="list-style-type: none"> - Objectivos do PCC; - Exemplo de participação portuguesa (Rafael); - Resultados participação no CONNECT; - Apresentação do Programa Cultura 2000; - Outros financiamentos disponíveis.
13	XI Seminário de Esclarecimento	11 JAN 2000	Casa das Artes/ Porto	<ul style="list-style-type: none"> - Objectivos PCC; - Exemplo de participação portuguesa (Ariane/ Interreg/ FSE); - Financiamentos MEDIA (2000-2004); - Apresentação Cultura 2000; - Outros financiamentos disponíveis na UE.
14	Encontro PCC's em Lisboa	14/15 JUN 2000	Palácio Foz e CCB/ Lisboa	<ul style="list-style-type: none"> - missão dos PCC's; - possibilidade do preenchimento electrónico dos formulários de candidatura; - Bases de Dados acessíveis na internet; - Prazos entre a publicação do convite à apresentação de candidaturas e o prazo de entrega das mesmas; - Comunicação entre Comissão e PCC's - Estabelecimento de procedimentos comuns aos PCC's a nível europeu;

Sessões de divulgação/ reuniões de trabalho com participação do PCC português

[QUADRO II]

Sessões	Título	Data	Local	Organização	Conteúdos
1	Comité Rafael	17/18 NOV 1998	Bruxelas	Comissão Europeia	- Avaliação interna do Programa Rafael; - Projectos rejeitados; - Critério de aprovação do Júri; - Papel dos PCC's.
2	III Encontro dos PCC's	1 FEV 1999	Bruxelas	Comissão Europeia	<i>Sem informação</i>
3	Incontri Premio Grizane Cavour	14 ABR 1999	Paris	Instituto Italiano de Cultura	- Constituição de uma rede de Cooperação Europeia p/ a promoção do Livro, Leitura e Tradução (com centros de leitura, centros de tradução, universidades, organizações e profissionais do sector)
4	Reunião PCC's Bona	14/16 JUN 1999	Bona / Alemanha	Hause der Culture	<i>Sem informação</i>
5	Reunião EFHA	14 JUN 1999	Bona / Alemanha	European Forum for Arts and Heritage	<i>Sem informação</i>
6	Working Culture II	17/19 JUN 1999	Berlim/ Alemanha	<i>Sem informação</i>	- trabalho no sector cultural (experiências profissionais) - Política e Mudança Cultural: no mundo do trabalho (mecenas; financiamentos; política cultural)
7	Comité Caleidoscópio	22 JUN 1999	Bruxelas	Comissão Europeia	- Qualidade das propostas apresentadas; - Tratamento das informações dos projectos rejeitados; - Definição do Papel dos PCC's; - Crítica às línguas utilizadas.
8	Comité Rafael	9 JUL 1999	Bruxelas	Comissão Europeia	<i>Sem informação</i>
9	Apresentação do Programa Cultura 2000 e de outros Fundos Europeus no âmbito cultural	15 JUL 1999	Funchal	Festival Raízes do Atlântico	<i>Sem informação</i>
10	Conferência "Shortcut Europe: Culture and Conflict"	9/12 SET 1999	Weimar (Capital da Cultura 1999)/ Alemanha	Fonds Soziokultur	- Promoção de actividades Sócio Culturais para uma melhor integração e resolução de conflitos;
11	Comité Ariane	13 SET	Bruxelas	Comissão Europeia	- Avaliação dos desempenhos
12	Conference "New Structures and Means of Cultural Cooperation"	8 OUT 1999	Vaasa/ Finlândia	PCC Finlândia/ Presidência CE finlandesa	<i>Sem informação</i>
13	Encontro PCC's em Vaasa/ Finlândia	9 OUT 1999	Vaasa/ Finlândia	PCC Finlândia/ Presidência CE finlandesa	- Princípios subjacentes ao Cultura 2000; - princípios de organização; - Experiência em programas anteriores;
14	III Simpósio Anual da FDTI: "A geração da Informação"	10 a 12 DEZ 1999	Figueira da Foz	Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação	- incluiu um Painel sobre o Cultura 2000 no tema: "O dinheiro dos Hipermedia"; - "Suportes Interactivos";
15	Reunião PCC's	13 DEZ 1999	Bruxelas	Comissão Europeia	- Organização dos Programa

Sessões	Título	Data	Local	Organização	Conteúdos
16	Reunião com a CE_Direcção Geral de Cultura e Educação	9/10 FEV 2000	Bruxelas	Comissão Europeia	<i>Sem informação</i>
17	Reunião PCC's	3 ABR 2000	Bruxelas	Comissão Europeia	<i>Sem informação</i>
18	Apresentação do Programa Cultura 2000- Explicação de elementos práticos para o Preenchimento do Formulário do Apelo às Candidaturas	19 ABR 2000	Ponte de Lima	VALIMA- Associação de Municípios do Vale do Lima	<i>Sem informação</i>
19	Apresentação do Programa Cultura 2000- Explicação de elementos práticos para o Preenchimento do Formulário do Apelo às Candidaturas	5 MAI 2000	Funchal	Direcção Regional dos Assuntos Culturais/ Funchal	<i>Sem informação</i>
20	V Conferência Europeia de Promoção e Educação para a Saúde	10 a 13 MAI 2000	Santander/ Espanha	ADEPS- Asociacion De Educacion Para la Salud	<ul style="list-style-type: none"> - Problemas: Migração, desigualdades sociais, género, drogas, condutas de risco, consumo; - Oportunidades: Cultura, ócio, educação, saúde pública, comunicação; - Soluções: políticas saudáveis, redes de promoção da saúde, reorientação de serviços, integração, equidade. - Apresentação de estruturas generalistas da UE - Mobilidade Estudantil - Oportunidades de Financiamento do Contexto Europeu (onde foi incluída uma comunicação de apresentação do Cultura 2000)
21	Seminário Internacionalização no Movimento Associativo	1/2 JUN 2000	Universidade de Aveiro/ Aveiro	Associação Académica Aveiro	<ul style="list-style-type: none"> - Sessão de Trabalho "Culture 2000- first evaluation"
22	8ª Assembleia Geral da EFAH "The place of Culture in the European Charter of Fundamental Rights"	8/11 JUN 2000	Centro Nacional de Cultura/ Lisboa	Centro Nacional de Cultura	<i>Sem informação</i>
23	Seminário Europeu de Organismos Financiadores das Artes Performativas	16/17 JUN 2000	CCB/ Lisboa	IPAE	<i>Sem informação</i>
24	Ciclo de Conferências "O Património Histórico-Cultural a debate"	OUT 2000	<i>Sem informação</i>	<i>Sem informação</i>	<i>Sem informação</i>

GRELHA DE ANÁLISE DE ENTREVISTAS

Entidades participantes no Cultura 2000

1ª Eixo Analítico/ Entrevistados	Contacto com o Programa
1	<i>Através de outros agentes, ao serem convidados a integrar um projecto.</i>
2	<i>Através de outros Programas europeus.</i> “Desde 1997 que trabalhamos em programas internacionais (Iguuldade de Oportunidades, estudos sobre inserção profissional e social com públicos carenciados), programas como o <i>Leonardo Da Vinci</i> , <i>Sócrates</i> , de algumas linhas específicas da União Europeia, neste âmbito surgiu a oportunidade de nos candidarmos ao Cultura 2000, uma vez que esta candidatura se debruçava sobre cidadania, valores europeus, um assunto que faz sentido com os públicos carenciados com quem trabalhamos. Somos membros de uma organização europeia que nos manda todos os Programas que são abertos para recurso a financiamento (Welcome Europe). Já tínhamos ouvido falar do Programa mas informação mais detalhada foi a partir dessa organização. Só depois de sabermos é que tivemos conhecimento do PCC e começámos a receber toda a informação, mas o primeiro contacto foi nosso.”
3	<i>Através da internet (Programas Europeus).</i> “Sabíamos que havia o Programa Cultura 2000 porque tínhamos concorrido ao Programa Rafael e sabíamos que depois vinha o Programa Cultura 2000; e tínhamos ido ali ao Centro Jean Monet, que faziam lá a apresentação dos programas e nós fomos convidados a ir ouvir o Cultura 2000”.
4	<i>Através de outros agentes.</i> “Foi através de um dos participantes [o organizador] que entendeu que era importante a participação de Portugal neste projecto. Já tínhamos tido contactos informais, a directora conhecia o nosso museu, conhecia a nossa actividade, e achou que seríamos uns parceiros interessantes nesta participação. Por contacto directo com este organismo, não por organismos nacionais”.
5	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário à cultura.</i>
6	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário à cultura.</i> “Quando era responsável por aquele equipamento, apresentámos duas candidaturas ao Caleidoscópio, portanto, estávamos atentos às linhas comunitárias”
7	<i>Através de outros agentes.</i> “Tive conhecimento do Programa Cultura 2000 por intermédio de parceiros, quer nacionais, quer europeus, concretamente na Áustria, em França e uma Companhia de Dança sediada ali em Lisboa. Através de conversas, já tínhamos uma cumplicidade, já tínhamos um projecto à partida e depois quando o Programa Cultura 2000 foi lançado, aproveitámos a oportunidade”.
8	<i>Através de contactos informais.</i> “Houve uma amiga nossa que é economista e que trabalhava nas Nações Unidas, ela sabia dessas coisas e disse-nos do Programa e eu fui ali ao Centro Cultural de Belém porque eles têm ali um centro de documentação e informei-me dos vários Programas, do Caleidoscópio, etc. mas nenhum dos Programas dava para aquilo que nós queríamos fazer. Investigamos e consideramos que nenhum correspondia aos nossos objectivos, quando chegou o Cultura 2000 achámos que correspondia. Eu penso que em relação ao Cultura 2000 foi no PCC que obtive informação. Agora eles mandam-nos sempre tudo sobre o Cultura 2000. Chegamos mesmo a ter uma reunião onde nos disseram o que era preciso para apresentar a candidatura e eles disseram como se devia fazer e se tivéssemos mais dúvidas para ir lá perguntar”.
9	<i>Através de outros agentes, ao serem convidados a integrar um projecto.</i> “Tive conhecimento do Programa através de uma reunião internacional de Museus da área, onde fiz o contacto com vários colegas, passado uns meses fui contactada pelo meu colega da Fundação Telefónica de Espanha perguntar se não estaríamos interessados em candidatar-nos a um programa, precisamente ao Cultura 2000. Nessa altura ele contactou mais pessoas, fomos nós, a Alemanha, um museu na Dinamarca, e também franceses ligados à France Telecom- nem os franceses, nem os dinamarqueses entraram no projecto... Foi exclusivamente através do meu colega espanhol que tive conhecimento do Cultura 2000”.
10	<i>Através de outros agentes culturais, ao serem convidados a integrar um projecto.</i> “Através do contacto com a Scène Nationale-Théâtre d’Orleans que tem um departamento de tradução e que já foi apoiado pelo Programa Cultura 2000. O projecto consiste num incentivo à tradução, ao intercâmbio de autores de Portugal, França, Espanha, Itália e Grécia, 5 países. Nós fomos contactados pelo Jacques Oni, que já conhecia de outras relações internacionais, com base no interesse pela língua portuguesa, pela dramaturgia portuguesa. Eu confesso que esta participação no Cultura 2000 foi por iniciativa dos franceses, eles é que vieram falar comigo. Antes disso tinha um conhecimento vago, já tinha lido nos jornais, tínhamos tirado uma coisa da internet, tínhamos visto o Programa.”
11	<i>Através do MC e do contacto com outros agentes culturais.</i> “Foi directamente pelo Ministério da Cultura, normalmente recebemos muita informação pelas instâncias oficiais, ou seja, o livro, a documentação inicial de apresentação do Programa, todos os Programas Operacionais chegam-mos, regra geral. Depois disso estamos sempre atentos a falar com agentes que trabalham na mesma parte cultural ou social [do PCC] creio que não, foi do Gabinete do Ministro que nos chegou a informação”.
12	<i>Através do Jornal Oficial das Comunidades (JOC).</i> “Esta casa é uma casa técnica, um grupo de pessoas que necessita de fazer coisas e portanto temos que nos dirigir às formas de financiamento habituais hoje... para nós, lermos o JOC é uma maneira de ter acesso à informação”.
13	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário à cultura.</i> “Já conheço há muitos anos, começou com o Caleidoscópio, desde então... e nessa altura ainda não estava aqui em Portugal, estava a viver na Bélgica. Foi lá que soube, é perto, ajuda de facto esta proximidade. Acho que é um dos problemas, aqui em Portugal é a falta de conhecimento, de comunicação, é a distância...”
14	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário.</i> “Tivemos conhecimento porque já nos tínhamos candidatado em 1999 ao Programa CONNECT, que era também da Educação e Cultura da CE, era muito mais voltado para a Educação; já não me lembro como conhecemos o CONNECT, penso que foi através dos jornais oficiais- nessa altura tínhamos uma assinatura do JOC, agora temos internet e portanto já é muito mais funcional.”
15	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário.</i> “Eu conhecia o Programa, até pela natureza das funções que desempenho [Câmara Municipal]. Normalmente dou alguma atenção aos programas comunitários, é uma área em que me mexo relativamente bem... aqui na Câmara estou com o Plano Urban, coisas do Fundo Social Europeu, tenho alguma familiaridade e alguma agenda internacional, quer por via da minha profissão (o principal, o resto é actividade associativa), quer por via de todo este trabalho, de ligação internacionais.”

Nota: Os itálicos são da responsabilidade do OAC e sintetizam os conteúdos das citações.

1ª Eixo Analítico/ Entrevistados	Contacto com o Programa (modo como teve acesso/conhecimento do Programa)
16	<i>Através de outros agentes culturais.</i> "Tive conhecimento do Programa Cultura 2000 através de colegas de profissão, de programadores e de gestores, desde 1999. Aliás, eu participei numa das apresentações e discussões do que seriam as várias áreas de candidaturas e dos objectivos do Programa."
17	<i>Através de outros agentes culturais.</i> "Em 2001 tive conhecimento do Programa através de uma pessoa que também fez uma candidatura no âmbito da música contemporânea. Ela concorreu e fez-me uma proposta para avançarmos em conjunto na área do Jazz, que é aquela em que me inscrevo. A partir daí e do momento em que recebi documentação, vi pela internet, pelos meios de comunicação social, apercebi-me dos contornos do Programa, os seus objectivos gerais. A partir daí procurei fundamentar mais a informação que fui recolhendo."
18	<i>Através de outros agentes culturais.</i> "Creio que em 1999, em conversas informais, na altura em que houve uma alteração do programa, iam ser programas que acabavam e outros... [depois as acções experimentais], depois lembro-me de ter tido informação, estritamente informal, entre artistas estrangeiros, eventualmente; uma noção muito geral do que seria... e ficar com a ideia de que era excessivamente vaga a informação e que, por outro lado, era excessivamente burocrático."
19	<i>Através do PCC.</i> "Em 2001 recebemos um e-mail do PCC a falar-nos do Programa mas nunca soubemos como nos podíamos candidatar; na altura não tínhamos ainda os projectos suficientemente pensados para podermos enquadrar-nos neste tipo de programa."
20	<i>Através de contactos prévios com outros programas de apoio comunitário e do PCC.</i> "Tive conhecimento quando ainda não era Programa Cultura 2000, era Caleidoscópio e foi através de uma pessoa que na altura estava nos PCC - uma pessoa que eu conheço, trabalhei com ela em projectos que tinha a nível europeu- que me alertou; eu já sabia mais ou menos, ainda não tinha muita noção como é que isso se fazia, não tinha de facto ido à procura, mas ela alertou-me para este tipo de apoios, mandou-me a documentação toda- porque era a função exactamente fazer o ponto de encontro e a divulgação deste tipo de programas."
21	<i>Através de outros agentes culturais.</i> "Através de uma pessoa que nos apareceu na organização, um <i>free lancer</i> , a pedir se nós poderíamos apoiar, patrocinar um projecto de formação artística e cooperação na área da cultura em Moçambique. Ela é bailarina, é coreógrafa, já tinha alguns contactos também neste meio, tinha ouvido falar que havia o Cultura 2000 - penso que existe uma outra coreógrafa, a Clara Andermatt, que já fez isso- e foi ela que nos deu conhecimento; depois fizemos a pesquisa, vimos que havia concursos abertos, mas entretanto como o nosso projecto tinha uma dimensão um bocadinho mais pequena, nós optámos por ir batendo a outras portas primeiro; não começar numa coisa em grande mas fazer [mais pequeno] e está a decorrer agora o projecto em Moçambique."
22	<i>Através de outros programas comunitários.</i> "Através do IPJ tivemos conhecimento de um programa da União Europeia, <i>Juventude</i> , que é um programa que responde directamente perante Bruxelas apesar de utilizar a estrutura do IPJ, os dinheiros vêm por Bruxelas, a burocracia é muito menor."
23	<i>Através da comunicação social e de outros agentes culturais.</i> "Não temos muita informação sobre o Cultura 2000 somos uma Companhia nova e tivemos muito tempo a preparar as coisas da Companhia e a montá-la... existe desde 1999. O contacto é nulo, mas eu ouvi falar, não é uma coisa que não tenha lido nos jornais <i>en passant</i> mas nunca tive de facto uma ideia clara do que o programa é, também não é uma das coisas que não me tivesse já preocupado: a ideia de que há fundos comunitários e nós eventualmente poderíamos concorrer e não sabemos como, mas também há esta ideia genérica de que os fundos comunitários são muito difíceis, que é muito difícil chegar lá, que é muito complicado de fazer... por outro lado a Companhia tem já uma aproximação a fundos comunitários, não directos, mas fomos contactados por um teatro alemão, onde fui fazer um trabalho coreográfico e que entretanto viu a Companhia e gostou muito e estão a fazer um programa entre o Este e o Oeste, um festival e querem ter um partenaire aqui em Portugal, e convidaram-nos; a coisa ainda está muito ao princípio... é um projecto de apoios comunitários, não faço ideia [se está integrado no Cultura 2000]."
24	<i>Através do MC.</i> Através de uma informação do gestor do POC, nós contactávamos o Dr. Conde Rodrigues na altura em que ainda não era Secretário de Estado, mandou um ofício para o Museu, um circular que mandou para todos os serviços, penso eu, a dizer que havia esse programa, inclusivamente tinha a lista dos vários projectos, categorias de projectos que podiam ser candidatáveis, que eu li, que achei interessante porque explicitamente se falava em museus, em cooperação de exposições (...) tive esse primeiro impulso, quando recebi aqueles ofícios, mas a verdade é que no meio da muita papelada, das muitas coisas que permanentemente, dos projectos do dia a dia, do museu, das outras coisas, aquele projecto foi ficando cada vez um pouco mais esquecido, posso dizer assim, longínquo no meu espírito e, pronto, não lhe dei seguimento em termos de poder aproveitar, naqueles moldes, com aquele tipo de candidatura."
25	<i>Através do PCC.</i> "Através de uma acção de divulgação do PCC, que se realizou no Centro Jean Monet. Frequentei também uma acção de uma semana organizada pelo Centro de Formação do CCB, com um grego e um inglês que foram funcionários da DGEC e que hoje vivem de fazer acções de formação e de fazer candidaturas. Foi no último ano do Caleidoscópio em 1998, e apresentada para 1999. Quando eu participo já se falava em Cultura 2000, mas o que estava em vigor era um prorrogação do Caleidoscópio."
26	<i>Através de outros programas de apoio comunitário à cultura.</i>
27	<i>Desconhece o Programa Cultura 2000.</i>

2º Eixo Analítico/ Entrevistados	Motivações e razões de candidatura
1	<i>Interesse específico no projecto em causa pela sua qualidade.</i>
2	<i>Interesse pelo desenvolvimento de um projecto específico da sua área de trabalho.</i> “Através de outros projectos dirigidos a públicos carenciados fomos verificando que questões como a cidadania, de conhecimento da cultura dos povos, da cultura europeia, em determinadas faixas, praticamente não existe. Com esta experiência procurámos fazer alguma coisa que pudesse trabalhar com este público alvo, alguns conceitos enquadrados no Cultura 2000. Portanto, não existia um projecto específico, existia este conhecimentos derivado de outros projectos e então considerámos que seria interessante enquadrar neste Cultura 2000 um projecto para este público alvo.”
3	<i>Interesse pelo desenvolvimento do projecto em causa.</i>
4	<i>Interesse na divulgação do trabalho em contextos internacionais.</i> “Implica que os nomes de artistas portugueses comecem a circular no contexto internacional, porque vai ser um banco de dados acessível a quem se interesse por esta área, assim como uma base bibliográfica que possibilitará que artigos portugueses comecem a ter alguma visibilidade, o que eu acho muito importante. Há uma preocupação em dar continuidade a este projecto. É uma experiência muito importante para nós: capacidade de organização, conhecimentos...”
5	<i>Interesse na divulgação do trabalho em contextos internacionais e contacto com outros agentes culturais.</i> “Houve um grande envolvimento em algumas instituições para tentar formar redes, essas redes são as únicas instituições que trabalham, que fazem de facto um trabalho de campo. Os nossos projectos aparecem porque estamos numa rede (...) É muito importante porque percebemos [outras realidades]. São estas experiências que nos vão formando enquanto artistas, enquanto pessoas, enquanto cidadãos, mas que só podemos fazer isso em conjunto com outras pessoas, partilhando estas perguntas e tentando concretizar coisas com outros grupos, de outros países, que estão a ver, necessariamente, de maneira diferente porque culturalmente têm posturas diferentes”.
6	<i>O apoio financeiro concedido pela Comissão.</i> “A principal motivação para apresentação das candidaturas foi fundamentalmente obter algum apoio financeiro complementar. Por exemplo, para concretizar o evento a que nos propúnhamos, o financiamento saía do orçamento geral, portanto eu tinha um orçamento para fazer a programação e o orçamento não cresceu para aquele evento. Custava bastante dinheiro e, para o realizar tive que ir tirar dinheiro a outros sítios, tive que fazer uma programação mais adaptada; era a volta de 290 mil contos o orçamento para a programação de espectáculos e o evento custava 80 mil, era uma percentagem enorme, portanto era muito importante haver esse apoio. Não houve e como resultado tivemos que apertar um bocadinho nas outras coisas”.
7	<i>O apoio financeiro concedido pela Comissão e divulgação do trabalho em contexto internacional.</i> “Em relação ao nosso trabalho, estamos numa fase em que com um financiamento muito reduzido, ou por vezes com praticamente nenhum financiamento, alguns projectos podem realizar-se mas, em relação à nossa imagem, à rede dentro do circuito internacional, estamos numa fase mais rigorosa e mais coerente a nível de profissionalização, então, para nós, o facto de um projecto desse âmbito não ser aprovado- e de facto não vir a ser desenvolvido -, significa que é uma acção que deixa de ser feita, não só em território nacional, mas uma acção que tem significado para o continente europeu- estamos a falar de acções por exemplo com sessões de mostras, publicações de livros, que terão o mesmo impacto na Áustria, na França, na Alemanha, na Bélgica e não apenas em território português... e é uma pena”.
8	<i>Interesse no contacto com outros agentes culturais no estrangeiro.</i> “Nós gostámos de aproveitar porque em termos de circulação, a única coisa realmente boa nisto são os contactos com o estrangeiro e a tentativa de fazer circular o trabalho português lá fora, era com esse motor que nos queríamos candidatar”.
9	<i>Interesse no contacto com outros agentes culturais e circulação do trabalho no estrangeiro.</i> “O contacto internacional que é preciso, trocar ideias (...) Só existem vantagens, neste caso não existem elementos negativos, só positivos, que é: aprender em conjunto como é que se valoriza o nosso património, dando informação na internet, fazer um projecto com outros colegas que estão há mais tempo no terreno; sair do seu lugar e ir ver, encontrar outras pessoas e dar a conhecer o nosso património”.
10	<i>Interesse pelo desenvolvimento do projecto em causa e divulgação do trabalho no estrangeiro.</i> “Nós aderimos, evidentemente com entusiasmo, porque acho que é uma coisa importante divulgar as nossas coisas no estrangeiro. Uma das coisas que foi muito interessante foi o contacto dos dramaturgos entre si, e já não com os estrangeiros mas com os portugueses. Depois foi também interessante o contacto com o estrangeiro, é sempre interessante para um escritor saber que alguém está a estudar a sua obra. E foram muito importantes as relações de trabalho que houve em que os tradutores começaram a fazer a tradução e que os autores puderam começar a discutir com eles a sua tradução”.
11	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos, no contacto com outros agentes culturais e no apoio financeiro concedido.</i> “Este convívio com miúdos estrangeiros abre perspectivas mesmo ao nossos miúdos; a possibilidade de conhecer uma outra sociedade e realidades de uma outra sociedade está sempre aberta (...) É pela vontade de fazer projectos e obviamente conseguir meios para viabilização desses mesmos projectos. Os meios de financiamento são muito poucos, Portugal e mesmo a região de Lisboa, tem um défice a nível de financiamento”
12	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos e no contacto com outros povos.</i> “Nós entendemos que somos capazes de fazer aquele trabalho, que ele se insere nas nossas actividades e enviámos a candidatura (...) digamos que a Europa também é isto: é experiência, é vivermos as coisas dos outros povos...”
13	<i>Interesse na possibilidade de concretização de projectos internacionais através do apoio financeiro concedido.</i> “O interessante destes programas é apoiar projectos internacionais. As organizações não têm dinheiro para investir em projectos [dessa dimensão], talvez porque até não tenha lugar no seu país, tem lugar noutros países- tem a ver com coisas que não são só do seu país, ou região. Assim tem-se dinheiro do seu próprio Estado, região ou cidade, mas é muito difícil investir esse dinheiro em actividades que aconteçam fora do país. Estes programas ajudam a realização da actividade supranacionais, é por isso que é importante, permite-nos elaborar todo um lado internacional do nosso projecto, do nosso trabalho, com muito mais facilidade. Para além disso, assim resumidamente: precisamos de dinheiro; há falta de meios aqui em Portugal. Aliás, nós temos cada vez mais financiamentos de fora, não só da CE, de outros países (França) - temos várias actividades de intercâmbio entre a Europa e África, Europa e América Latina, e esses projectos têm cada vez mais apoio de organizações - British Council, Governo flamengo -, e coisas dos espanhóis, dos brasileiros... muito mais [que o próprio Estado português]. 80% vem de fora, 20% daqui”.
14	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos através do apoio financeiro concedido e os contactos com outros agentes.</i> “Não me candidato para ir buscar dinheiro à CE porque não ganhamos rigorosamente nada com isto, a não ser o poder ter dinheiro para fazer coisas que não teríamos possibilidade jamais se não fosse com o apoio da CE. (...) O lema aqui é aproveitarmos todas as oportunidades que surgem, que estão ao nosso alcance e que podemos de facto aproveitar, para poder fazer coisas um pouco mais grandiosas e desta forma cumprir os nossos objectivos: dar visibilidade às capacidades que estas pessoas têm no campo artístico. Claro que há outra motivação: aquilo que nós consideramos o trabalhar em rede, também é uma coisa que nos dá imenso gozo, e a troca de experiências, para mim, é uma coisa fantástica.”
15	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos ligados à área de trabalho da Associação e no apoio financeiro concedido pela Comissão.</i>

2º Eixo Analítico/ Entrevistados	Motivações e razões de (eventual) candidatura
16	<i>Interesse no contacto com outros agentes culturais.</i> “Eu penso que é sobretudo a troca de experiências e o contacto com um universo próximo daquele que desenvolvemos, vivido por estruturas que possam estar há mais tempo no terreno, ou que possam pela via da localização geográfica noutros países, ter tido um percurso diferente e experiências de aproximação diferentes. Eu penso que a troca de informação acerca de todo esse processo constitui um dos factores mais relevantes do interesse do Cultura 2000. Obviamente que existem outros factores como a possibilidade de se fazer intercâmbio de ideias, de projectos, de criadores; e de através desse tipo de trabalho se conseguir trabalhar em algo que nos possibilite fazer circular os criadores nacionais e fazer circular o trabalho de criação nacional para fora do contexto português; porque a nível de propostas artísticas eu penso que existem neste momento propostas extremamente interessantes, não só para um público nacional, mas dialogantes com aquilo que são outras propostas artísticas de outros países. Aquilo que eu sinto é que não existem estruturas que possibilitem a criação desses canais de circulação e possibilitem o desenvolvimento de projectos que envolvam os criadores nacionais com estrutura estrangeira.”
17	<i>Interesse no desenvolvimento de trabalho de agentes nacionais e contacto com agentes no estrangeiro.</i> “As motivações são todas: dar trabalho aos músicos, é desenvolver toda esta área que em Portugal é muito restrita, tem poucos palcos, programação muito restrita, os programadores não procuram jazz, nem as músicas contemporâneas ou improvisadas, isso é uma área desconhecida, até para a maior parte do programadores. Queríamos desenvolver um pouco essa área, porque há um vazio grande. À parte os festivais de jazz que existem no país todo, que já são muitos, o que é ótimo, mas dá muito pouco trabalho aos portugueses porque 90% desses festivais programam músicos estrangeiros, leva lá u português quase por condescendência. Isso não permite que os nossos músicos trabalhem nem que ganhem contactos com o exterior. Tivemos oportunidade de ir para fora sem <i>feed-back</i> . Penso que o apoio oficial também é muito importante neste caso.”
18	<i>Não existe motivação para apresentar uma candidatura ao Cultura 2000.</i> “(...) as deficiências do meu ponto de vista são tão grandes, que eu acho que, pondo as coisas estritamente em termos económicos, o custo benefício... o custo de trabalho e investimento que é preciso fazer, em relação ao benefício que se tem... é mínimo! Não compensa, o investimento, o trabalho, as horas, para depois ter uma compensação que é absolutamente mínima”.
19	<i>Interesse no desenvolvimento de um projecto específico.</i> “Sim, queríamos [apresentar candidatura]. A ideia que tínhamos já no início e que não conseguimos ainda é de abrir uma colecção [editorial] de História de Arte e seria com todas as artes: cinema, fotografia, escultura, pintura... uma colecção que daria um panorama do que existe na Europa(...) Nós, não fizemos este ano nem no ano passado, não por não querer mas por dificuldades de tempo e burocráticas... conseguir entrar nesta linguagem...”
20	<i>Não demonstrou interesse face à relação custo-benefício da apresentação de uma candidatura.</i> “Não compensa [relação trabalho, financiamento] e acho que o bolo é extremamente pequeno para distribuir para as necessidades reais.”
21	<i>Interesse no desenvolvimento de um projecto específico.</i> “Isto é um projecto pioneiro para nós, não temos muitas coisas nestas áreas [culturais] e mesmo para a continuação do projecto, não sabemos como é que vai ser, se estamos muito vocacionados – nós não somos uma produtora de espectáculos. Estamos a fazer isto pela componente da formação e porque estamos a cooperar com um organismo público Moçambicano, depois tem algumas vantagens para nós no que diz respeito à visibilidade de fazermos um espectáculo que possa chamar a atenção para a nossa actividade em Moçambique.”
22	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos.</i> “[O Programa Cultura 2000 vai até 2004] esperemos ainda aproveitar até lá. Temos uma equipa a trabalhar sobre as questões culturais, dentro de uma certa perspectiva, queremos promover jovens artistas, queremos promover a arte como forma de sensibilização das questões ambientais.”
23	<i>Interesse na circulação das suas actividades no exterior, embora reconheça a inviabilidade de se candidatar no presente.</i> “Para mim não vale a pena concorrer a um programa destes e vou-lhe dizer porquê – pelo menos por agora – porque eu não gosto de fazer as coisas mal feitas, em cima do joelho, dizer vamos fazer, estamos muito interessados nisso e depois a meio do caminho as coisas saem descontroladas, aí é que ficávamos mal; para fazer, temos que fazer bem feito e temos que aproveitar e marcar a nossa presença com nível e com qualidade. Eu teria neste momento um certo receio em organizar ou propor um organização deste tipo, porque assim não tenho os meios económicos para lançar uma ideia destas, preciso de uma pessoa para trabalhar nisso, preciso de uma organização. Se tivesse essa margem arriscava de certeza, porque acho que é muitíssimo importante e fundamental para o conhecimento da dança portuguesa no estrangeiro através desses programas, não tenho a mínima dúvida disso...”
24	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos mas se garantiu o apoio administrativo na formalização da candidatura.</i> “É uma hipótese [apresentar candidatura]. Neste momento se me perguntasse “vai apresentar?” eu gostaria de saber: 1º, quando é que são os novos prazos de candidatura, 2º se tenho realmente exposições previstas, uma ou duas exposições em termos de tema, de conteúdo científico, conteúdos para selecção de peças. Depois, como? Quem é que nos vai ajudar a preencher papéis? Somos nós que temos que encontrar parceiros?, há parceiros? E quantos? São 2, 3 países, quem são? Nós vamos contactá-los? Pronto, quer dizer, se nos disserem isso para daqui a 15 dias, não era possível! Se nos disserem com 3 meses de antecedência é possível! É possível não só definirmos os conteúdos, como encontrarmos os parceiros, desde que depois tenhamos uma retaguarda ao nível da tal burocracia de secretariado e de apoio desse tipo- ou então que nos ensinem, que nos mostrem que não é tão difícil como nós imaginamos e tal, e que as coisas se podem fazer.”
25	<i>Não demonstrou interesse na apresentação de uma candidatura. Descrédito no que respeita à funcionalidade do Programa.</i> “Do ponto de vista financeiro não se justifica, a incerteza é total e na maior parte dos casos obriga a gerar falsas parcerias. Nós só nos candidatámos ao Caleidoscópio porque tínhamos uma parceria verdadeira.(...) Enquanto fonte de financiamento é irrelevante, fará sentido se tivermos uma parceria que justifique... com o nosso ritmo de actividade e com a nossa responsabilidade não vamos inventar parcerias em projectos semi-realizados.”
26	<i>Interesse no desenvolvimento de projectos específicos.</i> “Aceitei participar em 2003 como co-organizador num projecto organizado pela Itália, mas está posta em causa a eventualidade de organizar um projecto porque a perda de autonomia financeira e administrativa coloca-nos dificuldades em programar a longo prazo”.
27	<i>Desconhece o Programa Cultura 2000. Considera, no entanto, que seria um meio importante de angariação de recursos para o desenvolvimento da sua actividade.</i>

3º Eixo analítico	Formalização do processo de candidatura	
Sub-eixos/ Entrevistados	A instrução do processo de candidatura	Modos de estabelecer parcerias
1	<i>Processo acessível e requisitos vulgares nas candidaturas a programas comunitários.</i>	<i>Não revelaram dificuldades. Foram convidados a participar por organismos franceses com quem já tinham trabalhado em projectos anteriores.</i>
2	<i>Burocracia excessiva para um processo de candidatura.</i> “A nível de candidatura considerámos que este foi dos mais burocráticos. Não vamos confundir informação que é necessária, com papelada que não serve de nada. Para o Cultura 2000 era necessário termos o nome aprovado pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas e um pré-acordo entre todas as entidades para criar uma organização, coisas que não fazem sentido numa fase de candidatura (...) esses processos burocráticos de legalização de uma parceria que seria no fundo o resultado deste projecto, julgo que foi descabido e isso atrapalhou o desenrolar do processo (...) nos regulamentos exigiam que fosse feito em cartório toda a legalização deste processo – eu não ia dizer para os parceiros virem cá ou encontramos-nos noutro país para formalizar esse acordo porque, quem é que financiava esses custos?, quem é que garantia que isto era aprovado? Para contornar este problema mandámos cartas de intenção dos vários parceiros, mas em rigor não era o que estava no regulamento (...) Contesto a burocracia exigida mas não contesto o rigor da apresentação, quer dos dados físicos de execução do projecto, quer financeiros”.	<i>Parcerias estabelecidas através de outros projectos.</i> “Temos várias parcerias estabelecidas através de outros projectos, de modo que não foi necessário recorrer ao PCC para arranjar parceiros. A obrigatoriedade de estabelecer parcerias, para alguns organismos que não têm trabalho a nível internacional é mais difícil, para nós isso não foi complicado, todos eles já foram nossos parceiros noutros projectos”.
3	<i>Dificuldades sobretudo no que respeita à organização dos requisitos financeiros.</i> “Estes [requisitos] são muito mais simples do que os da FCT- que são muito mais complicados. As pessoas podem queixar-se que estes são burocráticos mas os outros... O Cultura 2000 está mais organizado, mas para pessoas que não sejam de contabilidade... é difícil, eu limitei-me a ver as regras e a aplicar as regras”.	<i>Parcerias estabelecidas através da participação noutros projectos internacionais.</i> “Facilita muito o nosso trabalho o estabelecimento destas parcerias, contactamos com eles mas muitas vezes, financeiramente, tanto para os institutos estrangeiros como para nós, é complicada a troca de informação. Os contactos que temos, as reuniões que temos, os estudos de conjunto, acabam por ser estudos que se desenvolvem só nos institutos, não há interpenetração de dados... estes projectos propiciam estas trocas”.
4	<i>Dificuldades, face aos requisitos exigidos, em formalizar uma candidatura como organizador.</i> “Participar como organizador pode ser inibidor, porque, não só sob o ponto de vista de conteúdos simples mas também de gestão financeira, é uma coisa em que se tem muito pouco traquejo (...)Por outro lado há a questão de meios humanos, estamos a falar de projectos que têm uma grande especialização, quer na sua execução orçamental, quer nos conteúdos científicos e que implica ou uma actualização de conhecimentos dos funcionários que estão para aquele projecto, ou uma dedicação ao projecto quase em exclusividade.”	<i>Convidados a participar por terem tido visibilidade através da participação noutro projecto comunitário.</i> “Encontrar os <i>partners</i> , não tenho dúvida que o facto do Museu estar a participar num projecto, possibilita ter no seu currículo um projecto de participação, que é uma coisa interessante, uma credencial que nos vai dar visibilidade”.
5	<i>A experiência de participação em projectos comunitários não lhes coloca dificuldades na instrução do processo de candidatura.</i>	<i>Estão integrados numa rede internacional, tendo, por essa via, muitos contactos estabelecidos.</i>
6	<i>Requisitos acessíveis apesar de reconhecer necessidade se ter alguma experiência prévia.</i> “É fácil se se tiver um mínimo de treino em fazer produção e orçamentos; para muita gente não é fácil. Para muita gente, preencher um impresso daqueles com todos os elementos que eles exigem, é razão para quase desistirem. Depois quando vamos ver melhor, não é tão complicado assim, mas a primeira abordagem parece difícil. Para algumas pequenos organismos pode ser complicado se não tiverem já essa experiência (...) A referência que eu tenho é que a burocracia de Bruxelas não é cega, é compreensiva, não tem uma visão muito estrita, muito formal, é aberta. Tanto quanto me lembro, as coisas que exigiam eram altamente simples, um orçamento, declarações de participantes a dizer que entravam e suportavam um X, não tenho ideia que fosse complicado, mas é claro que para que os agentes culturais possam ter mais certeza a fazer isso, a parte burocrática devia ser mais esclarecida e o PCC devia ter um papel importante. De qualquer modo, o PCC é em Lisboa, as pessoas não vêm de Bragança a Lisboa para aprender a preencher uma coisa daquelas”.	<i>Existência prévia de contactos, através da participação em projectos de âmbito internacional.</i> “Para mim basicamente as questões são: em primeiro lugar a existência de contactos internacionais, uma associação para ter projectos tem que ter contactos internacionais e para ter contactos internacionais tem que conhecer as pessoas, tem que saber o que estão a fazer. Sem isso não conseguem fazer nada, isso é básico”.

3º Eixo analítico	Formalização do processo de candidatura	
Sub-eixos/ Entrevistados	A instrução do processo de candidatura	Modos de estabelecer parcerias
7	<p><i>Experiência prévia na elaboração e projectos, reconhecendo, no entanto, as dificuldades que outras estruturas, sem essas experiências, enfrentam. “No nosso caso, somos uma estrutura com visibilidade mas de facto pequena, o que é que acontece: nós já temos tudo montado, temos tudo orçamentado, temos tudo descrito, portanto de alguma forma temos já uma tradição na elaboração de projectos que nos permite rapidamente responder, é um know how adquirido, mas é o que eu digo, para estruturas muito novas que não possuam esse métier, de facto acabará por ser muito desmotivador empenhar tanto tempo, tanta energia, tanta concentração a reunir documentação, depois estar a reconhecer os registos notariais, ou seja lá o que for que legitime o nome da estrutura, para depois passar uns tantos meses, umas tantas semanas de expectativa e acabarmos a receber um não, acho que é capaz de ser muito desmotivante. E de facto é um tempo imenso que se perde, é um trabalho invisível, depois não há reconhecimento - é quase como se fosse deitado pelo esgoto e é muito frustrante”.</i></p>	<p><i>Contactos prévios no âmbito de outros projectos. “Nós só trabalhamos com quem temos alguma afinidade, estruturas que já conhecemos há anos - pelo menos se são estruturas muito jovens, conhecemos bem os representantes, pessoalmente -, não nos aventuramos a entrar em parcerias desconhecidas, nem mesmo por arrasto. Portanto nós achamos que é muito importante para o desenvolvimento de um projecto, para chegarmos ao fim com os objectivos concretizados, o conhecimento e a similaridade que existe entre as estruturas. (...) Nós pertencemos a uma rede de produtores que é a IETM- Informal European Theater Meeting e pertencemos a uma rede de artistas, que é a BAN- Butterfly Affected Network, portanto há sempre 10 pessoas assim à cabeça que são centrais no desenvolvimento das nossas actividades e nas nossas parcerias. E isso sucedeu logo desde o início da associação, em 1990”.</i></p>
8	<p><i>Desconhecimento das dificuldades reais de organizar um projecto, visto terem participado somente como parceiros, reconhece, contudo, a dificuldade de gerir o processo. “Acho que o PCC tem feito um trabalho simpático porque nos manda a informação. Agora não sei se a nível da apresentação real das candidaturas se o acompanhamento é tão bom, isto é, se eles ajudam mesmo as pessoas a fazer as candidaturas, nunca cheguei a organizar nenhuma (...) porque me apercebi de que são projectos muito complicados de gerir”.</i></p>	<p><i>Contactos internacionais prévios através da integração em organizações internacionais. “A Associação tem à partida contactos internacionais já estabelecidos. Desde o princípio da constituição da Associação achámos que uma das coisas mais importantes era estabelecer contactos com outros países que não existiam na área da música contemporânea. Fizemo-nos membros da International Society of Contemporary Music, da European Conference Promotor of New Music, que é outra organização europeia que organiza concertos, recentemente também nos fizemos membros da CIME (Confederation International de Musique Electroacoustique). Através deles temos muitos contactos com outras associações que fazem coisas parecidas. Não temos propriamente dificuldade em encontrar parceiros porque eles existem, quando falamos com eles a ideia funciona só que depois a concretização, os meios e as directrizes...é difícil porque cada parceiro quer ter um determinado envolvimento, o que depois torna muito difícil articular,.....são questões destas que são sempre difíceis, mais do que arranjar as pessoas”.</i></p>
9	<p><i>Não acompanhou o processo de instrução. “Os espanhóis tinham isso perfeitamente feito, eles é que preenchiam e mandavam-nos tanto ao meu colega alemão como a mim, as tabelas que eu tenho aí, nós só tínhamos que dizer se concordávamos ou não... todo esse processo nós não fizemos”.</i></p>	<p><i>Foram contactados para integrar o projecto por entidades alemãs cujo trabalho conheciam. A participação no Cultura 2000 foi a primeira experiência de trabalho com parceiros internacionais.</i></p>
10	<p><i>Não acompanhou o processo de instrução. Foram convidados a participar no projecto como co-organizadores, reconhece, no entanto, algumas dificuldades na instrução do processo de candidatura. “Em abstracto, acho que os principais obstáculos são as dificuldades no preenchimento dos impressos, fazer o relatório, saber os prazos...”.</i></p>	<p><i>Contactos internacionais prévios estabelecidos através da participação noutros projectos de âmbito internacional. “Para organizar o Festival tenho que ir agora a Cádiz, depois tenho de ir ao Canadá... quer dizer, são uma quantidade de viagens todo o ano... [asseguradas] rigorosamente por nós... é claro, como temos uma rede: nós convidamos directores de Festivais para virem cá, também me convidam para ir lá, (...) vamo-nos conhecendo, e é através dessas reuniões internacionais que os contactos depois se transformam em coisas na prática.”</i></p>
11	<p><i>A experiência de candidatura a outros projectos não lhe coloca quaisquer dificuldades, no entanto, reconhece que alguns requisitos seriam desnecessários na instrução do processo. “Eu acho que a questão da burocratização é uma coisa, a questão dos relatórios e das regras é outra. Não me atrapalha a candidatura, e como fiz durante 6 anos os projectos europeus, cada vez mais complexos, não tenho grandes medos a esse nível (...) mas lembro-me, quando apresentei o Cultura 2000, que tinha de ter uma folha, o mesmo pedaço de papel assinado por pessoas de 5 países - na mesma folha, quer dizer, a folha tinha que andar pela Europa, durante 5 meses, quer dizer, é uma coisa que não existe. Tinha que ir para a França, voltar, tinha que ir para a Bélgica, voltar, ir para Espanha, voltar... o mesmo papel, via correio. E ao que é que isso leva? Não leva a nada, não é por aí...”</i></p>	<p><i>Inexistência de dificuldades no estabelecimento de parcerias, devido ao contacto regular desta entidade com o exterior. “Estabelecermos parcerias não é problema porque este é um espaço muito internacional- passam aqui pessoas de vários países, sistematicamente. Eu acho que para concorrer a estes projectos tem que haver um trabalho muito íntimo para você confiar numa pessoa que está a 3000 km de distância, tem que haver uma relação muito próxima”.</i></p>
12	<p><i>Não revelam quaisquer dificuldades na instrução do processo de candidatura.</i></p>	<p><i>Algumas dificuldades em encontrar os parceiros que se adequem às necessidades do projecto que pretendem desenvolver. “Procuramos parcerias que já conhecemos e também vamos à procura de novas que nos preencham as necessidades que temos no momento, normalmente através do PCC (...) Estas coisa dão trabalho, não basta ter uma ideia. Apresentamos uma ideia depois o outro apresenta ao outro, depois... isto de por as pessoas de acordo, confiar nas pessoas, cartas e assim... digamos que é uma coisa trabalhosa... mas faz-se. Trata-se de desenvolver um calendário”.</i></p>

3º Eixo analítico	Formalização do processo de candidatura	
Sub-eixos/ Entrevistados	A instrução do processo de candidatura	Modos de estabelecer parcerias
13	<p><i>Não revelam dificuldades uma vez que já têm experiência adquirida através de outros programas comunitários, reconhecem, no entanto, que a primeira vez foi complicado.</i> “A primeira vez mete impressão, é muita coisa e dá bastante trabalho fazer uma candidatura como deve ser. (...) com o tempo é mais fácil fazer estes pedidos. Porque acho que sobretudo escrever o projecto ainda é relativamente fácil, mas tudo o que tem a ver com contas... dinheiros... (...) O Cultura 2000 é um dos mais fáceis em termos de administração. O mais complicado que já fiz até agora é o POC. O Cultura 2000 é relativamente flexível, não acho muito complicado .”</p>	<p><i>Têm contactos prévios com agentes no exterior por integrarem já redes internacionais.</i> “Neste momento estamos em várias redes internacionais que têm apoio; ao Cultura 2000 fizemos uma candidatura anual, fomos co-organizadores. De facto todos os programas em que recebemos subsídio, fomos co-organizadores, mas isso na realidade não é assim muito diferente, muitas vezes decidimos quem entre nós seria mais interessante fazer a candidatura”.</p>
14	<p><i>Requisitos acessíveis, embora considere complexos para quem se candidate a primeira vez.</i> “Não me parecem pesados, parecem-me absolutamente normais para projectos desta natureza. Claro que para uma instituição que se vai candidatar pela primeira vez, há certas coisas que fazem imensa confusão! Eu lembro-me quando me candidatei a primeira vez havia imensas dúvidas, mas também é uma questão das pessoas terem alguma disponibilidade para se dirigirem ao PCC, ou a outras instituições que já se candidataram e tirarem dúvidas.”</p>	<p><i>Parcerias estabelecidas por intermédio de outros agentes.</i> “Temos relações estreitas e trabalhamos com outras associações que desenvolvem trabalho artístico nesta área e através de conhecimentos de pessoas com quem trabalhamos habitualmente, que conheciam outros grupos ou pessoas no estrangeiro, estabelecemos contactos”.</p>
15	<p><i>Não revelou quaisquer dificuldades na instrução do processo de candidatura, uma vez que já participou noutros projectos comunitários. Critica a forma desajustada de alguns agentes portugueses preencherem o formulário de candidatura.</i> “As pessoas não preenchem os formulários tal como é exigido... embrulham, empacotam a coisa à sua vontade [com projectos desajustados], mas quem analisa uma candidatura pega nos objectivos, nas estratégias, olha para as acções e diz: isto não corresponde... o que nós queríamos eram outra coisa”.</p>	<p><i>Contactos internacionais prévios resultantes da participação noutros projectos.</i> “[Para participar é preciso] em primeiro lugar relações de confiança já estabelecidas, saber que o parceiro é capaz de cumprir, [quem não tem essas relações] está tramado”.</p>

3º Eixo analítico	Formalização do processo de candidatura	
Sub-eixos/ Entrevistados	Dificuldades de instrução do processo de candidatura	Dificuldades no estabelecimento de parcerias
16	<i>Processo acessível mas muito burocrático e complicado para pequenas estruturas.</i> “Eu penso que estamos perante um processo altamente burocrático, mas complicado, não acho de todo... o preenchimento e a organização de todo o processo está conforme com o rigor do trabalho de uma estrutura de produção; face ao tipo de estrutura que temos neste momento não parece difícil conseguir elaborar um processo para o Cultura 2000. Acredito que seja difícil para pequenas estruturas ou para as estruturas de criação que existem em Portugal...”	Reconhece as dificuldades dos agentes portugueses corresponderem à necessidade de se criarem parcerias, identificando o problema como sendo um problema estrutural. “[Encontrar parceiros] Isso não pode ser feito exclusivamente no âmbito do Cultura 2000, esse trabalho já deveria ter sido feito há anos para neste momento se poder considerar a hipótese de diálogo e de troca de projectos... acho que não é o Cultura 2000 que vem criar um problema, acho que esse é um problema que existe desde sempre e que é um problema estrutural que é comum a quase todas as estruturas ligadas às artes em Portugal”.
17	<i>Reconhece dificuldades no que respeita às questões de financiamento do processo de candidatura.</i> “Tenho uma pessoa na Associação que já fez uma candidatura a outros apoios comunitários, tem conhecimento de como se processam as candidaturas a fundos comunitários, portanto tenho o contacto ideal para apresentar uma candidatura. Eu dominaria mais a parte da produção e essa pessoa seria mais responsável pela logística, a parte mais complicada para mim seria de facto a questão orçamental e financeira, mas ela asseguraria isso. Penso que, deste modo, a instrução do processo de candidatura não seria um problema difícil de transpor”.	<i>Alguns contactos prévios com agentes no exterior que poderiam ser explorados no âmbito do Cultura 2000.</i> “Os primeiros contactos que estabeleci foi com parceiros nacionais. Este seria um primeiro passo, saber se teríamos o apoio de algumas estruturas nacionais para poder avançar a nível internacional (...) Para os contactos internacionais tínhamos várias hipóteses, temos vários contactos com estruturas internacionais por via do nosso trabalho de rodar em festivais internacionais. Também fizemos pesquisa em bases de dados para ver o que é que dentro desta área existia na Europa. Fizemos um primeiro contacto com Espanha, também disseram que sim, mas depois não se avançou mais. Isso seria uma segunda fase a explorar mas que não se avançou”.
18	<i>Reconhece a necessidade de simplificar alguns aspectos do processo de candidatura.</i> “Acho que podem ser simplificados... há um aspecto que eu acho que é de manter com imenso rigor, que é a questão orçamental; penso que é uma aprendizagem a fazer por todos os agentes - (quer os que trabalham em condições mais ligeiras, até às estruturas mais organizadas e mais pesadas)- a questão orçamental é uma questão de fundo do trabalho. Agora, há aspectos administrativos que podiam ser completamente dispensáveis. Acho que podiam simplificar, mantendo... o problema é que esta burocratização toda que antecede o processo é uma forma de aliviar depois o controlo, eu acho que devia ser ao contrário: simplificar o processo de candidatura e apostar no processo à posteriori.”	<i>Crítica à regra que impõe limites às parcerias.</i> “É difícil arranjar cinco parceiros que tenham as mesmas cumplicidades estéticas, na mesma altura do ano, em relação ao mesmo projecto, é falso. Haverá integrações de projectos em falsidade... não compensa de todo (...) se tenho um projecto absolutamente fascinante e tenho um parceiro com quem estabeleço à partida uma parceria, é completamente falso ter que enumerar mais 1 ou 2 ou 3, só porque isto cumpre as regras - mas vem desvirtuar completamente o projecto. Na criação artística e cultural admito que existam regras mas não se pode burocratizar a própria criatividade”.
19	<i>Desconhecimento do tipo de requisitos exigidos, tendo, no entanto a ideia de ser um processo exigente.</i> “Tenho a ideia [de que são muito exigentes no processo de instrução] e que é uma maneira de fazer uma selecção logo à partida”.	<i>Para a área a que eventualmente se podiam candidatar não necessitam de estabelecer parcerias.</i>
20	<i>Dificuldades devido à complexidade e exigência de todo o processo.</i> “O processo era tão complexo, tão arduo, tão complicado que à partida desmotivava mesmo os mais empreendedores. Notava-se que havia tantas barreiras e tantas cláusulas de exclusão que o próprio processo se auto-excluía, era muito complicado. Percebemos que uma candidatura normal que não tivesse umas ideias absolutamente extraordinárias seria completamente impossível sequer supor a hipótese de conseguirmos algum apoio por causa de todas as cláusulas de exclusão e do próprio processo de instrução; a linguagem é complicada, a maneira de apresentar o projecto é complicada, eu achei aquilo um monstro do século passado”.	<i>Dificuldade em estabelecer parcerias, identificação do problema como sendo um problema de fundo para determinadas áreas artísticas.</i> “As redes não existem a nível de entidades privadas. As únicas redes que existem são ao nível dos grandes produtores da música rock, mais nada. Para comprar certo e determinado número de concertos no sul da Europa para Portugal, já têm uma combinação de base com os produtores; ao nível do outro tipo de cultura, que é a cultura clássica, da dança contemporânea, etc., essas redes só existem a nível institucional”.
21	<i>Dificuldades em organizar os requisitos relacionados com os aspectos financeiros da candidatura.</i> “Tentámos começar a preencher um formulário, quando pensávamos que íamos apresentar candidatura, reparei que a maior parte das páginas do Cultura 2000 é sobre o orçamento e que de informação descritiva pedem muito pouco, nesse aspecto a dificuldade que podemos ter é não estarmos habituados a trabalhar nesta área e não sabermos quanto é que são os cachets dos artistas ou quanto é que custa uma deslocação, ou o material técnico e essas coisas.”	<i>Entidade que nunca estabeleceu parceria com entidades europeias, embora tenha a experiência de trabalhar com outras entidades estrangeiras.</i> “Nunca fizemos parcerias com países europeus. Temos feito parcerias com outras organizações portuguesas... mas admitimos que essa seja a evolução natural das coisas, cada vez mais na UE se fomentam os consórcios e as parcerias”
22	<i>Desconhecimento dos requisitos pedidos pelo Cultura 2000.</i> “Eu acho que é essencial uma formação específica de como é que se fazem projectos, como é que se faz uma candidatura e como se podem estabelecer parcerias (...) A parte burocrática, eu pessoalmente conheço muito pouco (...) tenho uma certa formação nos projectos do Programa Juventude”.	<i>Nunca participaram no Cultura 2000 mas participaram noutros programas comunitários onde estabeleceram contactos internacionais.</i> “O Contact Point agora está a fazer uma coisa que eu acho muito correcta e que o Programa Juventude faz há muito tempo, que é: quando recebem pedidos de parceiros fazem um forward, através do e-mail não custa nada”

3º Eixo analítico	Formalização do processo de candidatura	
Sub-eixos/ Entrevistados	Dificuldades de instrução do processo de candidatura	Dificuldades no estabelecimento de parcerias
23	<i>Desconhecimento dos requisitos pedidos pelo Cultura 2000. “[as questões burocráticas] assustam. Ainda por cima se estes programas são para artistas deve haver poucos que sejam capazes de despende tempo. Se fizesse uma coisa dessas tinha que ter a garantia de que tinha uma pessoa especializada para lidar com esse tipo de informação. Alguém que de facto nos ajudasse, porque eu penso que isso também é uma profissionalização”</i>	<i>O estabelecimento de parcerias não seria um dos principais problemas na apresentação de uma candidatura ao Cultura 2000. “[As afinidades entre agentes] é indiscutível, as companhias são muito fechadas no seu próprio trabalho (ao nível da dança, por exemplo, existem muitas famílias diferentes de companhias, muitos tipos de companhias, muitas formas de encarar a estrutura artística e a linguagem), mas isso eu digo que não é uma grande dificuldade porque conheço e sei quais são exactamente as companhias com as quais estaria interessado em fazer uma coisa destas”</i>
24	<i>Crítica à falta de apoio técnico na formalização de candidaturas. “Acho que a falha fundamental, ou a questão fundamental, está em haver pouco apoio ao nível técnico, de secretariado, hoje em dia há especialistas de candidaturas de projectos europeus, nós nos museus não temos, mesmo nos museus nacionais- que talvez sejam aqueles que teoricamente teriam melhores condições para apresentar uma candidatura - mas nós não temos um quadro técnico e capacidade suficiente, nem temos conhecimento ou um especialista em apresentar candidaturas europeias, porque pelos vistos é uma especialidade que existe (...) De modo geral, o incentivo existe em termos teóricos, abstractos, em termos de orientação, mas não existe ao nível técnico, de gabinetes técnicos concretos, ou de serviços concretos, a que nos possamos dirigir, que nos possam (...) ou pelo menos, que nos dêem a retaguarda de formação, de atenção, de contacto regular e permanente com o museu nessa matéria”.</i>	<i>Existência de parcerias e de contactos internacionais através de outros projectos em que esta entidade participou. “Temos já [parcerias internacionais]. Como digo, esta exposição que lhe falei, que vamos fazer seja com verbas europeias no âmbito do POC, ou mesmo sem verbas europeias, será com um museu de França”.</i>
25	<i>Crítica, em termos gerais, a burocracia dos Programas Comunitários, exemplificando com uma candidatura apresentada ao Programa Caleidoscópio. “O processo de candidatura [ao Caleioscópio], para além de questões processuais absolutamente ridículas - a candidatura tinha que ter a assinatura a original de cada um dos participantes, o que significou na prática gastar 20 contos em express mail para fazer circular as candidaturas pela Europa, voltar a Portugal e poder enviar o original (...)Depois pedem um balanço financeiro da actividade- é razoável que se faça; agora, metade das perguntas que se fazem são absolutamente desnecessárias e inconsequentes”</i>	<i>Crítica aos princípios que orientam o Cultura 2000 no sentido de exigir o estabelecimento de parcerias e do trabalho em rede. “Não é da nossa natureza os projectos em rede. Trabalhar com quem? Com outra companhia da mesma dimensão? Não. Não é da natureza do nosso projecto! E os programas comunitários só consideraram um tipo de projecto. De resto o lobby franco- alemão funcionou na perfeição... mete-me impressão, a nossa incapacidade de fazer ouvir a nossa singularidade. (...) Uma questão que era bom que fosse analisada é a durabilidade das redes, mas diz-me a intuição que a maior parte das redes que se criam são pontuais e não se repetem, porque duram aquele projecto, não são reais... se fossem reais não se esgotavam num projecto, numa ano, tinham uma duração ao longo do tempo”.</i>
26	<i>Não revelou qualquer dificuldade no que respeita aos requisitos exigidos na formalização do processo de candidatura. “Considero o processo de candidatura acessível e não muito exigente, é um processo normal dentro do que é habitualmente exigido pelos programas comunitários”</i>	<i>A participação noutros programas comunitários e a experiência de trabalho no estrangeiro permitiram-lhe estabelecer muitos contactos internacionais, razão porque o estabelecimento de parcerias, não seria, no caso de haver uma candidatura ao Cultura 2000, uma dificuldade.</i>
27	<i>Desconhece os requisitos exigidos no Cultura 2000 para apresentação de uma candidatura</i>	<i>Considera que a obrigatoriedade de estabelecer de parcerias não seria um dos principais obstáculos, uma vez que mantém com regularidade contactos com agentes no exterior.</i>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
1	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	<i>Considera que as estruturas portuguesas não têm know how suficiente para poderem concorrer. Na sua opinião a divulgação do Programa foi insuficiente, e o apoio prestado aos gentes culturais, no sentido de acompanhar o processo de candidatura, não é suficientemente eficaz.</i>	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	<i>“Considera que alguns países dominam o Programa porque, além de outras razões, têm um forte poder de lobby na comunidade. Na sua opinião, Portugal poderia beneficiar deste facto, associando-se a projectos destes países”.</i>
2	“A nossa experiência não permite afirmar que as questões geográficas – localização periférica de Portugal relativamente à Europa – sejam influentes. Muitas vezes a nossa participação é vista como: é engraçado ter um parceiro português, temos que aproveitar estes factores laterais ao objectivo específico do projecto. O facto de ser um país periférico até trás alguma mais valia ao projecto”.	“A informação não está muito disponível, mas também não está disponível para quem não está interessado em procurar. Quem está acaba por se mexer um bocadinho. Para o público em geral penso que a divulgação devia ser um dos pontos a tomar em conta”.	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	Não são todas as organizações que se podem candidatar, é preciso que seja uma organização com conhecimentos a nível de funcionamento e de financiamentos europeus (...) As organizações pequenas desde logo não têm uma organização interna muito estruturada, a maior parte delas funciona com muitos voluntários a equipa técnica é muito reduzida”.
3	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	“Eu acho que os programas até são divulgados, mas exige um certo trabalho... exige saber-se bem aquilo que se pretende. Normalmente as pessoas não estão muito interessadas porque há prazos, é necessário muita persistência e trabalho. Às vezes é a inércia das pessoas, querem, mas dá muito trabalho”.	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].
4	“Às vezes fica-se com a impressão que estes projectos, em Portugal, são a melhor sobrevivência durante algum tempo, a possibilidade de adquirir alguns equipamentos. Não se entendem como um instrumento normal de desenvolvimento. Nós ainda estamos um pouco com um certo sentimento de excepção da situação, ah, que bom!...um projecto aprovado. Ainda não entrou num registo de normalidade nas práticas culturais portuguesas, é uma coisa um pouco artificial, uma espécie de herança que se recebe – um dinheiro que vem de repente...”	“Há um problema de comunicação... porque repare, quando se faz a divulgação destes programas, têm que ser tomados em conta várias coisas: há os parâmetros da exigência de aferição, há parâmetros técnicos, há questões orçamentais que têm de ser muito bem quantificadas, e isso implica, de facto, ter um projecto muito bem estruturado, nós é que estamos habituados a uma certa ligeireza”.	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].
5	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	“Tenho um bocadinho de dificuldade em avaliar [a divulgação], porque estou tão dentro das coisas... Para mim é obvio, uma pessoa faz “click” e aquilo aparece ali escrito no computador; tenho acesso a todas as informações, quando eu quero, a toda a hora, a todo o momento... Agora, eu creio que um dos problemas é o de fazer redes, coisas informais- que não sejam muito pesadas- coisas que estejam ligadas à prática... fazer coisas em conjunto, convidar as pessoas a fazer coisas em conjunto”.	“Se há vontade de fazer coisas a nível europeu (que acho que é essencial), então aí há caminhos que são essenciais percorrer... mas não se investe...é uma tarefa a cimentar de maneira a que estes projectos, que são o grande momento a nível artístico para um conjunto de pessoas...possam ter frutos”.	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
6	<p>“A actividade cultural intensa, em Portugal, é muito recente, as pessoas não estão ainda formadas, têm pouca experiência. Em Itália e em França dura há muitos anos. Quando se precisa de alguém para dirigir uma programação é muito difícil encontrar, porque não há quadros formados. É natural, começámos muito tarde, portanto vai demorar tempo até termos uma situação comparável à de outros países(...)Há sempre a desculpa de estarmos na periferia da Europa. É claro que quem está no centro da Europa tem mais facilmente acesso a outros países e sendo nós periféricos, é para nós mais difícil estabelecer esses contactos, isso é evidente. Mas a actividade é que não tem comparação possível, a dimensão cultural, comparada connosco não tem nada uma coisa a ver com a outra”.</p>	<p>“O aviso da abertura de candidaturas para uma estrutura que não teve nenhuma experiência anterior, que não sabe que pode beneficiar disto, dizem: está bem, ok, e agora o que é que eu faço a isto? Não sei, não tenho projecto nenhum, portanto não vão fazer pedido nenhum. É claro que há meia dúzia de pessoas que estão sempre atentas, conhecem os mecanismos, já têm algum historial antes de solicitar apoios, isto é essencial para a sobrevivência de várias estruturas, mas para isso é preciso saber. Outras estruturas pelo país fora, não faço ideia nenhuma como é que podem fazer, não têm as relações internacionais que deviam ter”.</p>	<p>“A vantagem comparativa de outros países em relação a Portugal, é o facto de ser talvez mais fácil para estes ter os contactos internacionais necessários à participação no Cultura 2000; é essencial, sem isso não se consegue participar neste Programa. As estruturas portuguesas, como não têm dinheiro para ir fora, a única maneira é trazer os estrangeiros cá dentro, fazer encontros com outros países. Não vejo que estrutura em Portugal que possa trazer estrangeiros...o que poderá é haver uma linha de financiamento para alguns portugueses irem ao estrangeiro para terem contactos, mas não é fácil....”.</p>	<p>“Os organismos portugueses não têm muitas relações internacionais e este Programa só se pode ser acessível a organismos com relações internacionais estáveis, com alguma persistência. Em Portugal isso está tudo muito atrasado só estruturas mais fortes ou que têm muita experiência e muitos contactos internacionais e que estão sempre atentos à espera dos Programas. Mesmo as estruturas com alguma solidez, muitas delas não aproveitam”.</p>
7	<p>“A questão da periferia geográfica é ainda, também, muito pertinente. E curiosamente, é nos países periféricos onde mais subsídios deveria haver nas viagens que acontece o oposto. Viajar daqui para o Rio de Janeiro é muito mais caro de Lisboa do que para quem estiver em Paris, ou em Londres ou em Frankfurt.”</p>	<p>“Eu duvido que alguma zona fronteiriça, nalguma cidade em Portugal próxima de Espanha, nalgumas estruturas, centros artísticos que eu conheço que trabalham nas proximidades, tenham tido consciência de que podiam ter utilizado o Programa Cultura 2000, sinceramente... acho que isso tem muito a ver também com uma questão que é portuguesa que é a filtragem da informação e a pouca importância que se dá à disseminação da informação, a informação que não é partilhada. Aqui em Lisboa eu tenho muita informação, posso deitá-la toda no lixo, mas o meu lixo poderá ser talvez a tábua de salvação de alguém que trabalha em Faro ou em Vila Real de Santo António ou em Bragança durante 3 anos... isso é lamentável, não devia acontecer, e tenho muita pena que isso aconteça”.</p>	<p>“Seria preciso haver um departamento dentro do MC que trabalhe só no campo da internacionalização, que pague viagens frequentemente, que pague bolsas... que permita também que as estruturas tenham meios para acolher os artistas e possam desenvolver o trabalho de parceria... coisa que eu não tenho feito porque não tenho meios”.</p>	<p>“O 1º grande obstáculo é facto de uma estrutura de pequena ou média dimensão, estar a competir com estruturas no panorama internacional com muito mais credibilidade e muito mais peso. Isso à partida reduz logo a probabilidade de termos alguma aceitação, ou pelo menos de sermos pré-seleccionados”.</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
8	<p>“Não penso que as razões para a quase inexistência de candidaturas portuguesas tenha a ver com questões geográficas, penso que é mais uma questão política, económica e o que é a cultura em Portugal. A cultura em Portugal, a organização da cultura em Portugal tem meia dúzia de anos, não há uma tradição, não estamos habituados a concorrer a concursos nem sabemos como se faz, nem habituados a controlos, vistorias. Há poucas estruturas de produção que tenham capacidade para isso, que tenham projectos válidos a nível internacional”.</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“É necessário que o trabalho dos portugueses seja conhecido lá fora, é necessário que ajudem as organizações portuguesas a estarem presentes em eventos lá fora, que ajudem a que as entidades se conheçam, que os artistas se conheçam para que haja intercâmbios. Porque mesmo que seja um grupo de artistas que quer fazer coisas com outro grupo de artistas lá fora com trabalho semelhante, se nós não temos oportunidade do trabalho ser exposto lá fora, do trabalho ser visto, comunicar com os artistas e produtores lá fora, daí não nasce nada, não nascem convites, trabalhos conjuntos, é um terreno estéril”.</p>	<p>“O programa não tem muito em conta a evolução cultural de Portugal, estamos mesmo muito atrasados em relação a outros países. O Programa está mais dirigido a grandes estruturas que tenham fundos próprios que possam investir, caso contrário é quase impossível. A conclusão a que chego, aliás falei com várias pessoas que me disseram que a comissão gosta é de projectos grandes, megalómanos e de grande visibilidade. Se forem coisas pequeninas, mesmo que sejam muito interessantes a nível artístico e cultural as possibilidades são muito reduzidas, e como lhes custa muito fazer as candidaturas, nem sequer vale a pena”.</p>
9	<p>“Eu que vivi em Bruxelas - tinha uma vida cultural completamente diferente da que tenho hoje, metia-me num comboio, metia-me num carro e ia ver exposições ali à volta; é evidente que eles [belgas/centro da Europa] vão de manhã e à noite podem estar em casa; nós não podemos fazer isso, quanto muito vamos daqui a Madrid... agora, eu acho que isso não pode justificar! O que pode justificar é que nós temos um património tão rico que o resto da Europa não conhece... porque nós somos totalmente desconhecidos porque nós nunca mostramos aquilo que temos”.</p>	<p>“As pessoas não sabem porque também não chega informação... temos sempre um núcleo do núcleo, de um núcleo do núcleo a fazer as coisas e isso não passa para mais lado nenhum... para já não temos o hábito de difundir- é português, nós somos mesquinhos, somos invejosos; somos incapazes de dar ao colega do lado uma informação, porque o colega do lado fica melhor do que eu; e de reconhecer que os outros são melhores do que nós... agora sinto que é sempre aquela elite que sabe das coisas e nunca ninguém se debruçou sobre o problema da comunicação de massas... é preciso haver efectivamente comunicação de massas, porque Portugal não é só Lisboa...”</p>	<p>“Mesmo com esta era fantástica da internet as pessoas precisam de contacto humano, cada vez mais... e isso é uma coisa que se sente, as pessoas têm que sentir qualquer coisa naquele interlocutor que ali está... não o conhecem e então é tudo difícilimo, as coisas não funcionam. Portugal e as pessoas que andam a mexer nestas coisas deviam parar um bocadinho e pensar”.</p>	<p>“Atenção que há uma diferença abissal entre Espanha e nós... é que os representantes espanhóis na UE que estavam lá, fizeram lobby para que isto sucedesse! Eu vivi em Bruxelas, não estava a trabalhar na Comunidade mas deu para entender como é que as coisas são! Os portugueses não fazem absolutamente nada! As pessoas estão lá para ganhar os seus brutos ordenados e trabalham para si próprias... não fazem lobbying! Os espanhóis não. E nós nunca fazemos, nem ninguém está preparado para fazer isso, nem quer fazer!”</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
10	<p>“Um dos grandes déficits da nossa política cultural - talvez nem sequer exista uma política cultural, há acções políticas e acções culturais que se vão sucedendo de uma maneira episódica, mas eu não vejo que haja propriamente um contínuo, a não ser em casos em que apareceram alguns ministros com projectos de desenvolvimento de uma política cultural, mas por uma razão ou outra, por dificuldades políticas ou por dificuldades sociais, mesmo por dificuldades culturais, esses projectos acabaram por ser embrionários, não se desenvolveram. Penso que hoje não temos uma política cultural estrutural.</p> <p>Há uma periferia mental, que essa é que é muito mais grave! É a falta de estudo, falta de rigor, falta de interesse pelas coisas”.</p>	<p>“Não há um departamento que permitisse manter todas as pessoas que possam estar interessadas a serem informadas de todas as hipóteses que há (...) bastava haver no Ministério da Cultura uma pessoa que só estivesse encarregado disso, quer dizer, o MC tem 3300 funcionários, podia ter um que se encarregasse só disso e de manter as companhias informadas (...)O que é que custava ter um funcionário a trabalhar com os programas que incentivassem as companhias a concorrer? Já não é um problema de estar a perguntar quem é que quer, é dizer às companhias: “olha, vocês têm estes programas”.</p> <p>Nós também temos culpa, mas essa culpa resulta do facto de estarmos completamente sobrecarregados com milhares de coisas diferentes [não relacionadas com a parte criativa] e essa ser um matéria que não temos treino”.</p>	<p>“Vemos na Alemanha fazer-se a comemoração do centenário de Goethe publicando a obra integral do Fausto pela 1ª vez... isto significa que o país está interessado em chamar a atenção para a sua cultura. Temos também, por exemplo, as comemorações do centenário do Vitor Hugo em França, que foram extraordinárias... Quando eu vejo países com um esforço promocional enorme, ora eu acho que essa é a grande lacuna da nossa política cultural: não há qualquer promoção da nossa cultura no estrangeiro (...) No caso da Dança há uma maior actividade internacional, mas que se deve à iniciativa dos próprios grupos de dança (...)Em Portugal muito do que existe em termos de intercâmbios internacionais é desenvolvido pelos próprios criadores.</p> <p>Nós participámos em alguns festivais no estrangeiro quando ainda havia alguns subsídios para viagens, agora recebemos muitos convites mas não podemos ir porque não temos apoios”.</p>	<p>“Por exemplo, este projecto, aderimos mas não temos que o desenvolver - se tivéssemos que fazer aquele trabalho todo, não podíamos... não temos estrutura”.</p>
11	<p>“A diferença é que você pega no carro e vai de Paris à Bélgica, da Bélgica a Estrasburgo e da Bélgica a Alemanha, e você tem 3 países, já foi. Passa pela Holanda e já está. Daqui, para eu ir para qualquer lado, tenho que ir de avião e o custo é suportado por uma associação que já de si é mais pobre que as outras todas, e indo para países que têm um custo de vida mais elevado”.</p>	<p>“Eventualmente [a informação] chega, porque eu lembro-me que vi várias vezes o anúncio nos jornais e portanto qualquer pessoa que seja habitual leitora do jornal acaba por ter contacto com essa realidade... (...)</p> <p>Eu trabalhei muito com Pamplona e sei que as pessoas que estão a trabalhar no terreno recebem de todas as agências a informação sobre todas as linhas de apoio comunitário que estão abertas e quais as interessantes para actuar na região, nós não temos nada disso... nós aqui temos que andar à pesca durante horas numas bases de dados complicadíssimas para saber que vai haver convites e apresentar candidaturas... portanto nós trabalhamos com muita dificuldade... mesmo muita!”</p>	<p>“Se não houver de facto uma política estrutural e governamental de apoio [a pequenas estruturas] não vale a pena. E quando nós estamos ainda dentro do quadro como região prioritária, a partir do momento em que os países de Leste entrarem deixaremos de ser prioritários e imediatamente deixamos de [ter acesso a esses financiamentos], menos ainda... Não há co-financiamentos, não há estrutura, não vale a pena”</p>	<p>“Eu agora tentei apresentar à direcção - a ideia de fazermos um novo Cultura 2000 para um proposta de redes, para 3 anos, e pura e simplesmente não consegui vender a minha ideia aqui, porque a resposta que me foi dada, unanimemente dentro da direcção (e que infelizmente pode ter alguma lógica), é que serão a nível europeu, 15 projectos aprovados de rede, o investimento e o trabalho preparatório é tão brutal e a possibilidade de ganhar é tão ínfima - são 15! – nós nunca vamos receber”.</p>
12	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
13	<p>“Por ficar mais longe há menos conhecimento, há menos contacto com Bruxelas. E também há menos contactos internacionais. Todos os projectos do Cultura 2000 estão vez mais virados para redes internacionais, relações, são precisos 5 parceiros para os programas plurianuais... e aqui em Portugal há pouco, são poucas as organizações que têm estes contactos internacionais tão elaborados e isto provavelmente é o problema mais grave”.</p>	<p>“Eu acho que se podia fazer mais. A única coisa que começou a acontecer há 1 ou 2 anos atrás é que começamos a receber de vez em quando um email do PCC a dizer que abriram candidaturas. Mas de facto, comparando com aquilo que existe na Bélgica ou na França - são os casos que eu conheço-, no ano passado editaram um livro fantástico que tem todos os programas europeus para os quais se pode fazer candidaturas e para mim de facto este PCC francês (em Paris) para mim é mais importante do que o português... mas porque estão muito bem organizados e têm meios para o fazer, têm a informação muito bem sistematizada e um contacto directo com as pessoas no terreno, conhecem, vão ver espectáculos, falam com as pessoas... é um outro tipo de contacto, diferente de receber um e-mail de vez em quando...”</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“O que se vê nos projectos que são criados no estrangeiro, é que eles têm um apoio muito maior do próprio Estado, e isso faz com que os projectos tenham mais solidez, já têm os 40% assegurados, têm uma estrutura mais bem organizada... as pessoas que estão no júri vêem isso também. Pelo que tenho ouvido a França é o país que tem mais apoio na área da Cultura e é o que menos precisa, só que eles estão muito bem organizados e têm muitos projectos porque dão apoio concretamente na sua concepção... assim é muito mais fácil arranjar um co-financiamento”.</p>
14	<p>“Eu acho que nós temos um bocado essa desvantagem de estar mesmo cá em baixo e de termos só como fronteira o mar e Espanha. Enquanto eu para me reunir com eles tenho que meter no orçamento uma viagem de avião que não sai assim tão barato... eles podem meter uma de comboio, que lhes sai a menos de metade do preço! E portanto os orçamentos são muito mais equilibrados, mais baixos... para cumprir os objectivos: a mobilidade de artistas e a itinerância dos espectáculos a nível europeu, eu gasto uma fortuna em estadias e viagens para esta gente toda”.</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“Acho que no Cultura 2000 exigem muito a mobilidade de artistas e a apresentação de espectáculos a nível internacional e quando fizemos o orçamento o ano passado, verificámos que praticamente 80% era para pagar viagens e a estadia das companhias todas que iam apresentar o tal festival de arte na rua, não só em Lisboa como nas capitais dos países parceiros... aí é para onde vai a maior fatia do bolo. Ninguém tem dinheiro suficiente... primeiro arranjar os parceiros através de telefone, ou de fax, internet, o que seja... e depois telefonar e dizer: venham cá passar uma semana para, em conjunto, fazermos aqui o projecto... não tenhamos ilusões, ninguém faz isso!”</p>	<p>“Acho que Portugal e as pessoas que nos representam (nas comissões de peritos e tudo isso) é que têm que votar um bocadinho mais por nós; e lutar contra o lobby daqueles países que são sempre privilegiados...”</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
15	<p>“Não somos só nós que fazemos maus projectos, todo a gente faz maus projectos, nós temos é muito pouca capacidade de os fazer passar. Em relação a alguns projectos não é nada favorável ser o condutor do projecto: assumem-se responsabilidades financeiras, não tem nenhuma discriminação positiva porque não pode ter uma diferenciação orçamental que lhe valha isso; a única vantagem é ter a visibilidade de ser o chefe de projecto (ao que hoje em dia ninguém liga), [mais vale ser co-organizador ou parceiro], não tenho dúvida nenhuma! (...)”</p> <p>Há normas de interioridade e de inércia muito significativas no país; uma apatia grande, há elites locais que têm vontade e sabem identificar a oportunidade - não há cegueira e atraso em toda a parte -, o problema é que as pessoas estão sozinhas! Há pouca gente, é difícil juntar as competências necessárias para agarrar esta oportunidade... Portanto aquilo que falta um pouco é que lhes mostrem como se pode fazer”.</p>	<p><i>Desconhece o PCC.</i> “Não vou à procura da informação, não ando na net, não faço nada dessas coisas, costumo receber essa informação por estes contactos informais, que são os que funcionam</p> <p>As pessoas até estão interessadas mas não basta mostra-la, é preciso torná-la atractiva, é preciso demonstrar a cada comunidade e a cada sítio que podia agarrar, que aquilo lhe serve, e depois de demonstrar é preciso dar-lhe, fazer uma parceria desinteressada, ora quem o faz não pode pensar que vai deitar a semente à terra e regar as sementeiras todas, não pode... portanto o que tem a fazer é deitar a semente e faz parte da semente arranjar quem regue, ensinar, ajudar, fazer crescer ali, e de vez em quando manter a ligação. As pessoas sabem que não estão lá sozinhas. As pessoas precisam disso porque não é fácil estar a 500 km de Lisboa”.</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“Também sabemos que estas coisas baseiam-se muito nos contactos internacionais, na confiança das pessoas, na capacidade de lobbying que as grandes instituições têm, uma instituição tem que ter algum poder negocial em Bruxelas(...)”</p> <p>Um parceiro que tenha escritório em Bruxelas... dá jeito! Mexe-se muito melhor... está lá ao pé, conhece as pessoas, vai lá... é lobby num bom sentido, a capacidade de convencer os outros de que o projecto é bom...”</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
16	<p>“Aquilo que eu sinto é que não existem estruturas de produção em Portugal a trabalhar de uma forma que lhes permita dialogar com este tipo de desafios. As estruturas de produção que existem em Portugal, maioritariamente sustentam ou apoiam o trabalho do criador A, B ou C, e não são estruturas que desenvolvam projectos ou que criem desafios que os coloquem a criadores e que tentem a implementação de projectos pondo em diálogo, criadores, outras estruturas e públicos em contextos específicos- Isso é um enorme vazio no panorama cultural português”</p>	<p>“Eu acho que no âmbito da divulgação do Cultura 2000 teria sido muito mais interessante e mais eficaz que paralelamente ao trabalho de divulgação via e-mail ou via postal como foi feito, direccionado para algumas estruturas, tivessem sido feitas acções de divulgação mais regulares (...) Era necessário que a comunicação da realização dessas acções de sensibilização fosse feita de uma forma muito mais eficaz do que foi(...). Penso contudo que o panorama que vivemos não permite um fácil entendimento daquilo que é necessário como constituição de processo de candidatura, e nesse sentido acho que o PCC português deveria ter tido todo um trabalho de divulgação diferente, apoiando aquilo que vinha de Bruxelas tentando adequá-lo à realidade portuguesa (...).”</p>	<p>“[Estabelecer parcerias] isso não pode ser feito exclusivamente no âmbito do Cultura 2000, esse trabalho já deveria ter sido feito desde há anos para neste momento se poder considerar essa hipótese de diálogo e de troca de projectos... Nós vemos o caso dos criadores portugueses, quais é que circulam, são pouquíssimos... Não existe apoio para os criadores irem, eles por si só não têm meios para, não conseguem... e acabamos por viver uma realidade cultural encerrada sobre si própria, sem a existência desses pontos de contacto que seriam os pontos de contacto mais interessantes para uma possível candidatura ao Cultura 2000. Não estou muito de acordo com as pessoas que se candidatam ao Cultura 2000 sem antes terem feito todo o trabalho necessário, conhecerem as estruturas e estarem a par do tipo de trabalho do qual possam vir a ser parceiros ou co-organizadores... acho que é uma coisa perfeitamente forçada e que pode ser extremamente limitativa do bom resultado”.</p>	<p>“É um risco demasiado grande participarmos neste tipo de iniciativas, não quer dizer que não façamos um esforço para dialogar e para estar ao corrente e para tentar participar” [destina-se a estruturas que] tenham alguma sustentabilidade garantida, quer seja uma sustentabilidade criada pela própria estrutura, quer seja exterior- um apoio ou um protocolo, ou uma subvenção com alguma entidade, seja ela o Ministério da Cultura ou o Ministério da Educação, ou alguma autarquia, etc... agora para uma estrutura completamente independente, penso que é praticamente inviável à partida, não quer dizer que a meio do percurso não conseguíssemos angariar determinado tipo de apoios mecenáticos ou também por via da rentabilização de algumas actividades... financiar essa tal parte; mas é sempre um termo escuro. Acho muito mau continuarmos a pressupor que as coisas em Portugal têm de ser organizadas de maneira diferente; acho que isso é imediatamente diferenciador. (...)... nós analisamos as candidaturas de 2001 e 2002 e vemos a quantidade de projectos que foram apoiados e não são projectos complicados, não são projectos megalómanos, não me parecem estar aquém daquilo que seria possível implementar em Portugal; era necessário desmistificar o mais possível esse bicho de sete cabeças que é instruir um processo de candidatura.”</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
17	<p>"Indo lá para fora e mesmo cá dentro, na tentativa de estabelecer contactos para arranjar concertos para os nossos músicos, tenho tido um pouco a percepção de que é difícil, Portugal ainda é culturalmente muito periférico, chegámos a ter respostas da Alemanha do tipo: 'esse músico é ótimo mas ninguém o conhece na Alemanha', por isso não o contratam, não o chamam, é desconhecido. O desconhecimento que a Europa tem de nós é muito. Daí que fosse muito importante que organismos oficiais promovessem mais o trabalho no exterior, de modo que a nossa periferia geográfica não fosse, de facto, um peso".</p>	<p>"Pela maneira como o Programa chegou a mim, não diria que se fez uma boa divulgação. Tive conhecimento através de um contacto pessoal de alguém que já conhecia por ter ligações mais próximas com o ministério da Cultura. Só a partir daí é que me chamou a atenção e fui procurar nos media que, ao que me parece também é muito escassa. A imprensa resume-se à imprensa escrita, o resto é para esquecer."</p>	<p>"O fortalecimento dos contactos com o exterior facilitaria, seria um primeiro passo para criar as tais sinergias necessárias. Esse contacto teria despertado os potenciais parceiros mais cedo, teríamos tido mais tempo e outro impulso(..) Devia investir-se na saída dos nossos músicos lá para fora. Estas coisas são como uma bola de neve, o ano passado, quando chegámos a Atenas conhecemos uns finlandeses, com isso já fomos à Finlândia, e os finlandeses já vieram a Portugal, já nos conhecemos e seriam um parceiro ótimo para Portugal para um Programa como o 2000. O nosso isolamento e a nossa lateralidade em relação à Europa é tanto maior quanto não há esse apoio para sairmos, ficando reduzidos à nossa pequenez".</p>	<p>"As pequenas estruturas têm mais dificuldade em organizar candidaturas e isso decorre da nossa pequenez em termos de trabalho. Aquilo que há em termos de produção, de Jazz, de músicas contemporâneas é tudo tão ínfimo...se pensarmos o que é a produção cultural para todo o país....não nos deixa crescer, temos que nos reduzir à nossa pequenez e aguentar o barco. Penso que o Programa chega para responder aos objectivos a que se propõe, nós é que não chegamos lá. O programa responde a necessidades de circulação de músicos, de <i>workshops</i>, de todo esse trabalho de intercâmbios, de experiências musicais, ou de teatro e dança, é um estímulo forte, acho que tem todo o interesse em promover esse tipo de experiências, a dificuldade é nossa".</p>
18	<p>"É verdade [a razão periférica], mas não é completamente verdade porque mesmo em países ricos (Alemanha, França, Grã-Bretanha), há estruturas que são estruturas com poucos recursos, que tem dificuldade de se deslocar, acabam essas por pagar o ónus de fazerem parte de um país rico e depois não aproveitarem pelo facto deles, embora habitando um país rico, não terem recursos para viajar; obviamente que os mais prejudicados são sempre os periféricos: o sul, também a Irlanda. Creio que a questão no sentido do estímulo, do suporte à mobilidade dos vários agentes é muito mais criativa do que estas coisas".</p>	<p>"A questão fulcral é uma questão de informação em todos os sentidos: informação do projecto, do programa, das condições e do apoio concreto; devia haver um serviço público em que houvesse um conjunto de meninos e meninas que estivessem a ajudar as pessoas a preencher e a responder. Devia haver uma divulgação do que é este programa..."</p>	<p>"Não existe um mínimo de continuidade em políticas culturais, como em todos os países europeus - excepto Portugal e Itália neste momento onde apesar das diferenças entre políticas culturais, há algumas semelhanças. Depois porque as Relações Internacionais, não exclusivamente as do Ministério da Cultura, hoje não têm sentido corresponde a uma altura em que havia muito o conceito de arte nacional. A cultura e produção contemporânea não têm a ver com isto. A haver devia ser um gabinete de marketing, gabinete de promoção internacional, muito baseado no lobbying internacional".</p>	<p>"Este programa privilegia grandemente os países do norte da Europa - não digo isto como algo de negativo, é verdade, é assim - contra os países do sul. Quer a linguagem utilizada, quer o dispositivo do regulamento, é feito segundo um modelo e uma forma de pensar e de organizar que não é comum aos países do sul. Não quer dizer que a nossa seja melhor, é por vezes até muito amadora e deveríamos corrigi-la. Mas é feita a partir de um modelo de estrutura e uma tradição de décadas de organização, que não é necessariamente a única e com isso os países do sul são os mais prejudicados porque há uma desadequação entre a realidade e a grelha onde a querem colocar".</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
19	<p>“Não estou a ver... não acho que possa ser isso que esteja a impedir os agentes portugueses de apresentar uma candidatura ao Cultura 2000”.</p>	<p>“Num ponto de vista pessoal, acho que a divulgação existe, temos as informações, agora, acho que em termos de apresentação dos objectivos, do que é preciso, dos documentos - é uma complicação enorme, são páginas e páginas-uma burocracia!”</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“De facto parece-me que há um décalage entre os pedidos da Comissão, requisitos obrigatórios, e o que é o nosso trabalho. em termos de preparação, concepção, para uma pequenina editora é preciso um certo investimento, de tempo; em termos de equipa, das pessoas que se podem mobilizar para preparar... somos apenas duas, é complicado poder ter tempo para que a editora funcione normalmente e também preparar um projecto desta importância! O ano passado pensei que íamos ter o projecto preparado para este ano, mas não conseguimos”.</p>
20	<p>“Neste país é completamente impossível sobreviver na área erudita, só as instituições estatais (...); temos um mercado mínimo, temos uma população que não está virada para este tipo de manifestações, precisa de uma educação de base de 3 ou 4 gerações. [A periferia geográfica é uma falsa questão] olhe os países que estão agora a entrar pela na UE, cheios de pujança, com tradições culturais muitíssimo mais ricas que as nossas. Vá a Praga, comparado com Lisboa, Lisboa é uma província de Trás-os-Montes; Praga, que estava pobríssima há meia dúzia de anos atrás, é uma cidade pujante de cultura e nós continuamos a culpar o Salazar”</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p>“Acho que a questão de fundo está aí: não há apoios, então estatais, não existe apoio à produção artística como deve ser. Existem 2 ou 3 instituições de boa vontade...(...) Portugal precisa, é que o Estado exporte lá para fora (...) por vezes nem sequer há o discernimento de saber fazer uma escolha, ou ter bons comissários que façam escolhas por eles, daquilo que existe de cultural em Portugal e mandar lá para fora pagos pelo Estado - isto tem de ser feito durante anos e depois então o Estado pode deixá-los seguir sozinhos (...) A divulgação da Cultura Portuguesa] não está feita, nunca foi feita como deve ser. Tem que estar orçamentada, porque senão isto vai estar cada vez mais asfiziado, é completamente impossível”.</p>	<p>“Eu acho que é um problema estrutural de fundo e de cultura, nós não vamos nunca poder competir com que se passa em França e na Itália porque não tem nada a ver; na Alemanha aprendem canto coral nas escolas, desde pequeninos, são outras realidades. Ou isto aqui dá uma grande volta ou vamos continuar a fazer estes balanços de 2 em 2 anos durante mais 100 anos”.</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
21	“Os custos de transporte encarecem e desincentivam sempre, porque é sempre mais complicado. Mas acho que a periferia também é da mentalidade do português, estamos na Europa para algumas coisas, para outras ainda se está muito virado para a periferia”.	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	“Os organismos culturais são subsídio dependentes, as pessoas ainda vão pouco a eventos culturais... as receitas de bilheteira nunca são suficientes e acho que as pessoas estão sempre à espera dos projectos do IPAE, do Ministério da Cultura, todos os anos... depois há um financiamento que não vem... “	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].
22	“Não tem a ver com a periferia geográfica, tem a ver com a periferia mental e cultural”	“Sem haver formação sobre o Programa, sem haver realização de seminários, de contactos, sem haver uma divulgação do programa junto não só dos agentes culturais, mas de outras entidades que integrem a componente cultural nas suas actividades, então é impossível...”	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].	[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].
23	“Acho que somos tão bons como qualquer país, custa-me ouvir dizer que somos sempre aqueles que não aproveitamos, que somos sempre aqueles que não fazemos coisas... mas é verdade que somos! Mas não é porque em Portugal as pessoas sejam em nenhum domínio inferiores ao que se é na Europa... Tem a ver com falta de meios - começa a haver mas ainda são insipientes... Evidentemente que os países que estão no centro da Europa conhecem-se muito bem, circulam já há muitos anos entre eles próprios, têm um nível de desenvolvimento muito equilibrado, funcionam todos dentro de um padrão, portanto imediatamente conseguem compreender os problemas e conseguem coordenar-se; a nossa periferia não é só física, os pequenos grupos têm muito pouco tempo de existência, pouca experiência”.	“Eu devo dizer que eu próprio não estive suficientemente atento, sei que o Programa existe e nós tivemos, há muito pouco tempo, informação. Tudo o que as companhias têm de saber é: qual é a importância que isto tem para nós. Há depois uma série de questões que não são devidamente explícitas, é muita informação, muito complicada, muito pomenorizado... temos que estar muito atentos para realmente perceber de imediato. Do meu ponto de vista não fui suficientemente motivado...”	“O Estado francês tem verbas específicas que financiam a circulação das companhias por outros países, portanto o nº de espectáculos que têm tido em França e o nº de espectáculos que fazem no estrangeiro, a maior parte deles é subsidiado por programas do próprio Ministério da Cultura- isso facilita extraordinariamente Os próprios apoios que as outras companhias [estrangeiras] têm, ao longo do tempo, as condições de trabalho, são completamente diferentes das nossas, o que nos empobrece de alguma maneira, porque nós trabalhamos sempre no limite das questões económicas”.	“Para concorrer a um programa destes tinha que ter a garantia de que tínhamos um potencial de aceitação importante, perceber se há alguém que nos possa explicar melhor os mecanismos da própria candidatura, a mentalidade e as intenções das pessoas que o criaram, as sensibilidades dos diversos países, e perceber se este tipo de argumentação [desenvolvimento artístico] é suficiente para fazer um programa destes ter uma certa garantia mínima e ser aceite”.

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
24	<p>“Uma coisa é estar no centro da Europa em termos geográficos e de oferta cultural, há exposições que estão sempre a ser feitas e que dificilmente virão a Lisboa porque é uma periferia cultural. Nós aí temos de investir muito mais para termos algumas exposições, vamos ter que gastar muito mais dinheiro que outros museus do centro da Europa . Mas é um preço que temos que pagar se não queremos estar excluídos completamente das rotas europeias. Por outro lado cada vez mais vejo exposições que vêm a Madrid, em termos de circuito de itinerância internacional, e não percebo porque é que não vêm a Lisboa”.</p>	<p>“A divulgação do Programa através de um ofício é o meio mais elementar e frio que existe. Não fui convidado a participar em sessões de divulgação, nem sequer tive conhecimento que abordassem, como eu penso que deveriam abordar, a gestão dos fundos europeus e a melhor forma de aproveitar os fundos que a Europa põe à disposição de Portugal. Devia existir um serviço que para mim, no meu imaginário, pelo menos, devia cumprir funções desse tipo, ou seja, de contactar (não é por ofício, pessoalmente, directamente) as instituições que podiam ser parceiros, incentivá-los, para lhes dar um apoio de retaguarda, pelo menos no início, para que as coisas se pusessem em marcha e depois, se possível, em cada serviço criar <i>know how</i> suficiente para se poderem manter autonomamente. É todo esse trabalho que não sinto que exista, connosco, pelo menos, nunca existiu”.</p>	<p>“Há todo um conjunto de serviços do Estado em que a política de internacionalização da nossa cultura devia ser pensada com maior sistematicidade”.</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>

4º Eixo analítico	Razões estruturais apontadas para a fraca participação portuguesa no Programa Cultura 2000			
Sub-eixos/ Entrevistados	Periferização	Divulgação insuficiente	Carência de apoios para circulação do trabalho a nível internacional	Distanciamento do Programa face à realidade portuguesa
25	<p>“A nossa ultraperiferia não é tida em conta de modo nenhum neste Programa. A distância é um factor determinante e eu nunca vi Portugal levantar esta questão. Diz-se muitas vezes que não concorreremos por incapacidade associativa, falta de organização, falta de profissionalismo... admito isso tudo, mas também deve ser dito que não se pode generalizar! Para alguns organismos admito que sim, para outros... no nosso ponto de vista, a questão que nos afecta é a falta de competitividade que advém sobretudo (não da falta de informação, não de falta de contactos, não de falta de capacidade financeira para montar projectos) mas da falta de competitividade natural que a distância nos impõe... é sempre mais caro chegar lá”.</p>	<p>“Daquilo que eu me percebi do funcionamento do PCC só cativou público que já sabia. O trabalho de exploração não foi feito... Ou seja, nas reuniões que eu assisti - e assistia a algumas- estavam os grandes organismos que estão atentos a estas questões, estavam pessoas como o Fórum Dança ou o Clube Português de Artes e Ideias (são peritos nisto), na prática estava lá quem já estava atento, foram lá para tirar dúvidas- foi o meu caso. E uma falha gravíssima, estamos na pré-história da divulgação das potencialidades dos diversos programas culturais, mas isto não é específico da cultura....”</p>	<p>“Nós como queremos circular, temos tentado estar <i>update</i> e perceber qual é o <i>feeling</i> que circula neste momento... e pela nossa parte temos feito um esforço... Isto não tem sido uma prioridade da política portuguesa... se tem sido prioridade da política portuguesa através das relações internacionais eu desconheço”.</p>	<p>“Tal como o Programa está, tal como as candidaturas hoje estão construídas... são para fomentar ou desenvolver o sistema de redes que já existia na Europa (...) Esse sistema não existe em Portugal, nós não temos essa estrutura oleada internamente, quanto mais aceder a ela externamente. Esse sistema não serve Portugal, nunca serviu... Portugal não esteve atento... e julgo que deveria fazer força para - não que se anulasse este Programa que é a matriz do que poderá ser o futuro dos projectos comunitários - que fossem discutidos programas específicos que tivessem mais a ver com a nossa realidade”</p>
26	<p><i>Não considera que a periferização geográfica seja a razão para não existirem candidaturas portuguesas. A questão fundamental está na dificuldade das estruturas portuguesas conseguirem planificar a sua programação por indefinições relacionadas com imprevisibilidade do orçamento de que vão dispor.</i> “Portugal tem uma imagem positiva na comunidade, a questão é que a cultura portuguesa não pode sobreviver com 0,5% do orçamento de Estado, é um problema estrutural”</p>	<p>“A informação chega-me, penso que essa não será uma razão fundamental”</p>	<p>“É um programa que responde às necessidade de circulação das obras artísticas e como tal deve ser aproveitado pelos agentes culturais portugueses”.</p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>
27	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p><i>Crítica à concentração da informação em Lisboa e à fraca difusão da informação para outros pontos do país</i></p>	<p>[Questão a que, no conjunto das temáticas abordadas na entrevista, não foi dado especial relevo].</p>	<p><i>Desconhece os princípios gerais que regem o Programa</i></p>